



CARTAS NARRATIVAS:

O que eu (Com)Vivi na Fundarte

Organização:

BRUNO FELIX DA COSTA ALMEIDA

MÁRCIA PESSOA DAL BELLO

JÚLIA MARIA HUMMES





CARTAS NARRATIVAS:

O que eu (Com)Vivi na Fundarte

Organização:

BRUNO FELIX DA COSTA ALMEIDA

MÁRCIA PESSOA DAL BELLO

JÚLIA MARIA HUMMES

Montenegro – RS

2023





CATALOGAÇÃO DE PUBLICAÇÃO NA FONTE (CIP)
BIBLIOTECA DA FUNDARTE, MONTENEGRO, BR

F981 Fundação Municipal de Artes de Montenegro.

Cartas Narrativas: o que eu (Com)Vivi na Fundarte /
Organizadores: Bruno Felix da Costa Almeida; Márcia Pessoa Dal
Bello; Júlia Maria Hummes. Montenegro: Editora da Fundarte, 2023.

264 p.

ISBN 978-65-88330-11-1 [Recurso Eletrônico]

Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/>

Elaborada pelo bibliotecário Marco Túlio Schmitt Coutinho – CRB 10/2587





AGRADECIMENTOS

É com imensa satisfação que, em nome do Grupo de Pesquisa da Fundarte (FUNDARTE/CNPq), agradecemos a todos, todas e todes que puderam contribuir à construção desta obra, através da escrita de sua Carta Narrativa, compartilhando memórias e histórias vivas e vividas durante esses 50 anos de existência da Fundarte.

Muito obrigado.





Declaração de Direito Autoral

Ao enviar à Carta Narrativa, como forma de contribuição ao Projeto de Pesquisa intitulado: “Cartas Narrativas: O que eu (Com)Vivi na Fundarte”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa da Fundarte (FUNDARTE/CNPq), os autores mantêm os direitos de autoria e concordam em ceder, sem remuneração, os seguintes direitos autorais à Editora da FUNDARTE: os direitos de primeira publicação e permissão para que este livro redistribua as cartas e seus dados aos serviços de indexação e referências que seus editores julguem usados. Ressalta-se, também, que a fidedignidade das cartas foi mantida, não sendo realizadas, portanto, correções gramatical e/ou ortográfica, respeitando o modo de escrita de seus autores.





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
--------------------	---

O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por:

ADRIANA BOZZETTO, LÚCIA HELENA PEREIRA TEIXEIRA, MARIA CECÍLIA A. R. TORRES	15
ANA MARIA HADDAD BAPTISTA	37
ANDRÉ MACHADO	41
BERNARDO GUEDES	44
BRUNO FELIX DA COSTA ALMEIDA	46
CARINE LUÍSA KLEIN	52
CAROLINE SATICQ	56
CRISTINA ROLIM WOLFFENBÜTTEL	59
DANIELA RECKLER	38



FERNANDA ISSE.....	70
FLAVIA PILLA DO VALLE.....	78
GILBERTO ICLE.....	84
GISELE ANDREA FLACH.....	103
GORETE JUNGES.....	116
IEDA DE FREITAS GEWEHR.....	120
JÚLIA MARIA HUMMES – Versão Manuscrita.....	123
LUCAS PACHECO BRUM.....	128
LUCIANA POLLET.....	145
MARCELO BRUNO.....	147
MARCELO OHLWEILER.....	150
MÁRCIA PESSOA DAL BELLO - Versão Manuscrita.....	157
MÁRCIA PESSOA DAL BELLO.....	160
MARCO TÚLIO SCHMITT COUTINHO - Versão Manuscrita.....	164
MARCOS GUARANI.....	167
MARIA ISABEL PETRY KEHRWALD.....	175
MARIA PAULINA HUMMES PÖLKING.....	182
MARINA REIDEL.....	188
MATHEUS KLEBER.....	194



MICHELE MARTINES.....	203
OLINDA ALESSANDRINI.....	213
RANIELLY SCHEFFER.....	220
RENATA DUARTE.....	228
ROSANA BACKES	233
SANDRA RHODEN	239
SILVIA DA SILVA LOPES	243
SIMONE VARGAS.....	251
THIAGO KREUTZ	255
VERA HORN	264





APRESENTAÇÃO



APRESENTAÇÃO

Para apresentar esta obra, retomo alguns trechos – realizando adequações ao texto a este tempo – do Projeto de Pesquisa intitulado: “CARTAS NARRATIVAS: O QUE EU (COM)VIVI NA FUNDARTE” (ALMEIDA, 2021), publicado nos Anais do 27º Seminário Nacional de Arte e Educação, da FUNDARTE – uma ação articulada entre o “Grupo de Pesquisa da FUNDARTE” (FUNDARTE/CNPq) e o Grupo de Pesquisa “Estudos Poéticos: Educação e Linguagem” (UNISC/CNPq), os quais integro.

As palavras podem carregar diferentes significados. Elas podem provocar diferentes reações em quem as falam e as escutam, em quem as escrevem e as leem. Independentemente da posição em que estejamos, quer seja como narrador e/ou ouvinte, escritor e/ou leitor, as palavras também podem revelar algo sobre nós, sobre quem as produz, sobre quem a atribui significações diante dos acontecimentos da vida no mundo em que habitamos.



Nesse contexto, narrar as histórias vividas, poderão revelar experiências que atravessara diferentes momentos de nosso cotidiano, fazendo emergir distintas percepções aos atravessamentos das artes e da educação em arte nos contextos culturais oportunizados pela Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE, ao decorrer de suas cinco décadas de existência.

É ao reconhecer que as narrativas escritas – ou seja, as Cartas Narrativas, como é denominada nesta proposição – podem desvelar experiências que passam e que nos passam, como nos propõe Larrosa (2002), sobre os sentidos produzidos pela experiência em nós, que a História dos diferentes tempos (passado e presente) de (com)vivência na FUNDARTE puderam ser complexificada, por parte de seus docentes, colaboradores e estudantes, a partir desta obra.

Esses sujeitos da experiência (LARROSA, 2002), que (com)vivem e/ou (com)viveram na FUNDARTE, são entendidos enquanto potências históricas, sociais e culturais, principalmente ao reconhecermos que é através dessa instituição de ensino, que desde 7 de junho de 1973 se consolida na cidade de Montenegro – Rio Grande do Sul, enquanto uma escola de artes, oportunizando o acesso ao ensino das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro.



Com o passar dos anos de sua existência, histórias foram escritas, vidas foram (trans)formadas, processos de ensino e aprendizagens foram mutuamente atravessados por todos aqueles que fizera da fundação um lugar de acolhimento artístico e cultural.

Portanto, é sobre esse lugar singular que cada um que se permitiu estar aberto à educação através e com a arte que surge o questionamento:

Que Histórias podem ser contadas por aqueles que (Com)Vivera através da Arte na FUNDARTE?

11

*Com vistas às respostas ao questionamento, esta obra, intitulada: “**CARTAS NARRATIVAS: O que Eu (Com)Vivi na FUNDARTE**”, emerge da proposição de minha tese de doutoramento em educação, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, e vinculada à Linha de Pesquisa: “Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação”.*





Nesse sentido, as 38 Cartas Narrativas, aqui relacionadas, permitem conhecer as Histórias de Vidas que foram transversalizadas pelas artes na FUNDARTE, na interlocução-escrita de professores, colaboradores e estudantes que se fizeram presentes em diferentes tempos e espaços de (Com)Vivência na instituição – sendo este o objetivo central da proposição que deu origem a esta obra.

O desenvolvimento da pesquisa que deu origem a este livro pode complexificar algumas lacunas sobre os acontecimentos histórico-artísticos da FUNDARTE, a partir das Cartas e dos Registros Artísticos (fotografias) compartilhados por aqueles que tivera as suas histórias de vida atravessadas pela arte na instituição.

Identificar e reconhecer os sujeitos da experiência (docentes, colaboradores e estudantes), enquanto “um espaço onde têm lugar os acontecimentos”, fortalece a concepção de que a experiência emerge enquanto uma “possibilidade de algo que nos aconteça ou nos toque”, algo que nos exija tempo para “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar”, além de nos permitirmos “falar sobre o que nos acontece”, cultivando a arte dos encontros (LARROSA, 2002, p. 24).

É através dessa exposição escrita, sobre aquilo que transformamos em experiências por (com)viver na FUNDARTE,





que se propõe complexificar a importância da existência da instituição à formação social, cultural e humana de todos que por ela se permitem ser atravessados.

Assim, te convido a entrar, conhecer e se emocionar com as histórias que aqui se passam, que revelam sentidos e sentimentos através da arte e da educação que já perpassam cinco décadas na cidade de Montenegro.

Amorosamente,
Bruno Felix da Costa Almeida

13

Referências

ALMEIDA, Bruno Felix da Costa. Cartas narrativas: o que eu (com)vivi na Fundarte. **Anais...** 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p. 01-18, 2021. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current>. Acesso em 22 de maio de 2023.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, jan./abril., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf>. Acesso em: 22 maio de 2023.



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

ADRIANA BOZZETTO

LÚCIA HELENA PEREIRA TEIXEIRA

MARIA CECÍLIA A. R. TORRES



ENCONTROS DE VIDA PARTILHADOS ENTRE COLEGAS: o lugar da FUNDARTE em nossas trajetórias

Querida FUNDARTE,

Comentando sobre o convite que nos foi feito de escrever uma carta sobre nossas vivências ao longo do tempo em que estivemos na tua casa, ficamos emocionadas. Movidas para tal empreitada, tivemos a ideia de escrever e contar, umas às outras, um pouco do quanto fomos acolhidas e o que essa instituição representou em nossas vidas. Embora não sejam congruentes os períodos vividos junto a ti, nos encontramos para entrelaçar memórias resgatadas por um cotidiano já vivido e, ao trocarmos fotos e falarmos de “canções e momentos”, o tempo foi voltando pela memória florida com tantas experiências marcantes. Não por acaso, a ideia de trocarmos cartas surgiu da conexão que temos, hoje, e que transborda a vida acadêmica. Nossa amizade e nossos afetos também nasceram nesse contexto plural, em que era possível trabalhar e ser(mos) felizes.

Não sem emoção começo a escrever essas linhas, vibrando pelos teus 50 anos, também um tanto meus. Na tua casa, em distintos processos de socialização, fui crescendo e me inserindo em um conjunto de





aprendizagens para muito além do fazer música, e arte. De aluna a professora, o processo foi árduo e envolveu incontáveis encontros de vida. Fiz parte de muitos grupos musicais – da Orquestra e Camerata aos grupos corais - em que destaco os ensaios com o Luciano Lunkes, até hoje um parceiro de ideias, e o início de tudo com a maestrina Marli Marlene Becker. Foram incontáveis viagens, apresentações e experiências vividas. Acima de tudo, um lugar de encontro com pessoas, professores que marcaram e que, até hoje, me acompanham por onde eu for. E como não lembrar e marcar tantos alunos e alunas que fizeram parte de minha construção docente? Hoje vejo muitos brilhando por tantos lugares mundo afora e carregando nossas aprendizagens coletivas. A família também esteve presente: fui professora de piano da minha irmã Camila, experiência única e marcante, e minha mana Daniela cantou no coro em que o Luciano esteve quase sempre como o nosso regente principal. Fios de uma colcha de retalhos costuradas a tantas mãos e vozes, que nos trazem lembranças de tempos muito felizes.

Transformação me define ao recordar quando entrei nessa instituição, movida pelas aulas de piano com a querida Celiza Metz, os duetos com a colega Claudia Schwartz e a sensação de que eu poderia tocar de tudo! Não havia nada que a Celiza deixasse para depois. Tivemos uma mestra que acreditava em nós, que nos fazia ver o instrumento como um meio para nossa expressão. Que tempos vibrantes e de empoderamento, em que fui construindo e aflorando minha



musicalidade e acreditando no potencial da arte em nossas vidas. Hoje, ano em que completo 10 anos como docente na Universidade Federal do Pampa, sei que tudo que precisei para dar conta de iniciar sozinha uma nova graduação devo ao frescor de ter iniciado em um lugar que fez diferença em minha formação.

Da Celiza passei para a Elda Pires, admirável pianista e professora, com quem fiquei até partir rumo à capital para encarar um Bacharelado em Piano na UFRGS. O estudo de piano no aconchegante lar da Elda, quando era possível, abrandou o choque entre Montenegro e Porto Alegre. É como se um pedaço teu continuasse comigo nos desafios cotidianos da capital gaúcha. Sinto saudade dos tempos da Camerata, do bolo de amendoim da irmã da Elda, do regente Carlinhos e de colegas como a Zanza e o Faby (Fábio Chagas). Sei que, para a Lúcia, há um entendimento de tudo que isso significava para nós. Não estive com ela, mas compartilhamos muitos desses mestres e pessoas maravilhosas.



Anos depois, eu, Fábio e Tita Sartor formamos o Trio Montenegro e realizamos um recital marcante no Teatro Therezinha Petry Cardona, cheio de amigos e familiares, além da querida equipe diretiva sempre nos apoiando. A foto abaixo captou um de nossos momentos logo após o concerto, em 21 de outubro de 2005, com a Celiza e a saudosa Jussara Rosa:





E por falar na “dona” Therezinha, quantas lembranças da sua garra e determinação, sempre trazendo eventos que constituíram nossa trajetória também como instrumentistas. Para mim, fica difícil delimitar o início antes de ir para a graduação e o período em que me tornei professora, privilegiada pelo tempo em que houve um forte investimento em nos preparar, através de formação docente, no contexto das novas pedagogias do piano. Isso abriu caminhos para eu atuar em cursos de extensão na UFRGS e, adiantando um spoiler, transformar minha dissertação em livro ao pesquisar sobre o professor particular de piano.

Daí que, veja só, saio do Bacharelado e entro no Mestrado em Educação Musical no PPGMUS/UFRGS. Ao retornar, então mestre, à tua casa, lembro da super parceira e amiga Júlia Hummes me dar um presente: o de assumir e coordenar o Conjunto Instrumental Jovem da FUNDARTE. Como geralmente acontece, primeiro levei um susto. Quase disse não! Pensando melhor, já havia feito minha dissertação, voltava mais forte e madura e com toda a vontade de fazer acontecer. Aceitei e fiquei 10 anos vivendo uma das mais lindas experiências musicais com esse grupo, junto ao Matheus Kleber, que também iniciou uma prática intensa como compositor e arranjador, dentre tantos e tantas discentes que passaram por nós.



A imagem a seguir mostra uma de nossas viagens para Florianópolis (UDESC), no ano de 2003:





Nessa mesma época, outro empreendimento: aprendi a ser docente na Graduação, iniciando o Curso de Pedagogia da Arte (UERGS), o que me entrelaçou com a querida Maria Cecília e colegas parceiras até hoje, dentre elas Cris(tina) Rolim e Lu(ciana) Prass. Nessa época, toquei com a orquestra Sesi Fundarte, realizamos um encontro lindo da ABEM Sul em Montenegro e continuei nessa casa até o momento de entrar no Doutorado. Ali iniciou um novo capítulo em minha vida, mas nunca saíste de mim. A força, fôlego, maturidade e garra não eram só minhas: foram forjadas em cada cantinho dessa Fundação que sempre será um orgulho. Feliz aniversário, minha querida FUNDARTE! Que sigas forte e acompanhando o movimento da vida, das pessoas, sempre atenta à pluralidade e diversidade que nos compõe, ampliando a compreensão de música(s) e de formação.

Obrigada, profundamente.

Com afeto,

Adriana.





Estimada FUNDARTE,

Com emoção escrevo, tocada pelas trocas com as amigas e colegas Adriana e Cecília, e lembrando os momentos vividos em tua casa. Estávamos na década de 1990 quando soube do concurso para regente coral na instituição. Na época, trabalhava com o coro municipal da cidade de Santo Antônio da Patrulha, do qual me desvinculei quando fui aprovada para assumir o Coral da FUNDARTE. Aqueles foram anos de atuação e formação musicais muito especiais. Após o término dos ensaios do coro, à noite, lembro também, com carinho, do encontro com a colega Cristina Rolim – na casa de nossa diretora à época, Therezinha Cardona –, após seu trabalho com o grupo de canto gregoriano. Já naquele tempo me chamava a atenção a disposição e energia da querida Cristina!

22

Com o Coral da FUNDARTE fizemos algumas apresentações em Montenegro e arredores e vivenciei uma das situações mais memoráveis que já vivi com grupos corais. O arranjo da música Samba do Arnesto, de Adoniran Barbosa, fazia parte do nosso repertório e, na parte falada: “Assinado em cruz porque num sei iscrevê”, o cantor que a interpretava quase sempre, nos ensaios, trocava a letra para “Assinado em cruz porque num sei rezá”. Certa vez disse ao cantor que essa troca ainda iria acontecer em uma apresentação do grupo. E não deu outra! Viemos a Porto Alegre para uma apresentação no Centro Vida e, naquele momento mencionado, o cantor trocou o texto... mas o mais engraçado foi que puxou a boina que usava, com uma das mãos,





e me olhou, dizendo, ao final, com uma cara avexada e um tanto espontânea, um espichado “xiiiiiiiiiii!!!”. Bom, não preciso dizer que o retorno do grupo cantando o refrão ao final, após sua fala, foi extremamente difícil, pois fomos acometidos por um quase acesso de riso e, tanto cantores quanto eu, tivemos que nos segurar até o término da música para não rirmos! Assim, conto esse episódio movida pela alegria de lidar com pessoas, com a certeza de que aprendemos sempre com as contribuições de cada um e cada uma, com seus jeitos de ser e com suas ideias. Procurei algumas fotos do grupo coral e encontrei esta, referente ao 1º Encontro de Coros da Fundarte, em dezembro de 1992:





Sou muito grata por todas as vivências formativas nessa instituição, que não se encerraram nas atividades corais. Fui ainda professora de harmonia e música de câmara, junto ao Curso Básico, e trabalhei como regente da Camerata Montenegro e da Orquestra Infante-Juvenil. Assumi a Camerata logo após a saída do maestro Manfredo Schmiedt, e foi marcante a viagem que fizemos para concertos em Erechim e Passo Fundo. Recordo e agradeço o suporte de muitos professores de instrumento que ajudavam a reforçar o trabalho da Camerata e da Orquestra, mas especialmente o trabalho dos colegas Herbert Wentz, professor de violino à época e hoje não mais presente fisicamente entre nós, da Zanza, também professora de violino, de Alexandre Ritter, filho da casa e hoje professor de contrabaixo no Instituto de Artes da UFRGS, e da queridíssima amiga e durante tantos anos minha professora de piano, Elda Pires, já lembrada pela colega Adriana. Como integrantes da Camerata, lembro carinhosamente do Faby, ao violoncelo, do Heine Wentz e do Cheiroso, ambos ao violino:





Final da apresentação da Camerata Montenegro, em Passo Fundo.



Apresentação da Camerata Montenegro, no 6º Seminário de Arte-Educação, em out. 1992.



É importante sempre recordar que atividades e projetos não se fazem sozinhos, senão com o compartilhamento da força de trabalho e envolvimento de muitas pessoas. Essa, aliás, foi uma das marcantes aprendizagens vivenciadas nessa instituição: todos e todas com os/as quais convivi sempre foram (e são!) muito engajados/as para com as atividades a fim de que o que quer que seja programado possa fluir e acontecer da melhor maneira possível. Nesse sentido, também lembro a sinergia das queridas Júlia Hummes, Márcia dal Bello, Nina, Gorete e do querido André.

Minha trajetória formativa nessa instituição, aliás, iniciou enquanto estudante da graduação, por meio de minhas participações nos Seminários de Jovens Instrumentistas e, mais adiante, na pós-graduação, depois dos anos de atuação profissional nessa casa, nos Seminários Nacionais de Arte-Educação. Essa trajetória de formação até onde hoje me encontro, como docente da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), foi certamente marcada por aqueles anos de atuação profissional nessa Fundação.

Quando me reuni com as amigas e colegas Adriana e Cecília para conversarmos um pouco sobre nossa passagem por essa instituição, visando à escrita destas cartas, ressaltamos o muito que aprendemos contigo e com as pessoas que sempre trabalharam para construir uma instituição do teu porte e da tua importância para a área da Música e, em especial, para a Educação Musical. Muito embora nossos tempos junto a ti tenham sido diversos, temos a certeza de que todas as



vivências musicais que aí tivemos como professoras e regentes de grupos contribuíram para que viéssemos a partilhar do mesmo entendimento sobre a importância que tais práticas musicais tiveram em nossa formação como musicistas, educadoras musicais e seres humanos.





Por fim, segue foto da comemoração de teus 20 anos de atividades, em concerto:



Salve, hoje, teus 50 anos de existência e votos de vida longa, FUNDARTE!

Com gratidão,

Lúcia.



FUNDARTE querida,

Começar a escrever esta carta não foi tarefa fácil! Como as queridas amigas Adriana e Lúcia trouxeram em suas cartas, fomos tomadas pela emoção e por muitas memórias, vozes, imagens e histórias vividas na/com a FUNDARTE. Por onde começar?

Comecei a conhecê-la, ou melhor, a ouvir falar de você, alguns anos depois que me mudei para Porto Alegre, no ano de 1984, com três filhos pequenos e vinda de Niterói/RJ com a família. Eram muitas novidades e desafios e estava recomeçando minha história como educadora musical no Sul do Brasil. Quando comecei a dar aulas de música na Escola Santa Rosa de Lima, em 1993, encontrei colegas que me falavam muito da FUNDARTE em Montenegro, deste espaço onde aconteciam muitas atividades de música, dos Festivais, Seminários, dos grupos vocais, Orquestra e Camerata, dentre outros.

Queridas Adriana e Lúcia, sei que o convívio com a FUNDARTE começou muito cedo na vida de vocês, creio que na adolescência e juventude, mas no meu caso aconteceu na maturidade, quando eu já tinha mais de 50 anos. Era o ano de 2002 e soube que haveria concurso para o Curso de Pedagogia da Arte: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, com a FUNDARTE em Montenegro, um curso novo. Estava no meio do doutorado em Educação na UFRGS e tinha alguma experiência no ensino superior em Curso de Pedagogia, lecionando música. Lembro bem que fui numa



tarde com meu marido levar os documentos e fazer minha inscrição para o concurso: finalmente entrava e conhecia essa Fundação. Fui aprovada e no início de 2003 fui chamada para assumir, começando assim minha história tão intensa com a FUNDARTE. Ao final deste ano também defendi meu doutorado!

Acolhida, organização, amizades que ficaram para a vida, maturidade, respeito, criatividade, sonoridades, gestos, movimentos, projetos, eventos, apresentações e muito mais. Foram tantas as experiências e vivências que me marcaram e se entrelaçaram em minhas memórias. Lembro logo das primeiras semanas de aula, o encontro com as turmas dos quatro cursos, pois lecionava disciplinas da área da Educação. Acho que logo na segunda semana veio um novo desafio: fui convidada pelo querido Gilberto Icle para assumir como coordenadora de ensino dos quatro cursos e participar das reuniões com as queridas Júlia Hummes e Márcia Dal Bello, onde conheci também a Gorete, o André e a Nina. Nunca havia coordenado nenhum curso e só agradeço a vocês e a FUNDARTE pela confiança, apoio, por tantas aprendizagens. Lembro ainda com saudade das muitas conversas, reuniões, apresentação de trabalhos em eventos, cafés, almoços com a amiga Márcia.

Adriana querida, eu também aprendi a ser docente no Curso de Pedagogia da Arte (UERGS) e lá certamente aprofundamos nossos laços de amizade e de vida acadêmica. Queridas Adriana Bozzetto, Cristina Wolffenbüttel, Cristina (Kiti) dos Santos, Luciana Prass, Marília Stein, vocês estão nas minhas memórias entrelaçadas com as aulas no curso



de música, os ensaios da “Escola de Samba Acadêmicos da Pedagogia”, os ensaios do grupo de flautas doce “Bloco de Vento”, as viagens como o Grupo de flautas doce por Maratá, São Pedro da Serra, Salvador do Sul e muitas outras cidades para as apresentações, as bancas de defesas das pesquisas, as caronas amigas, as reuniões no Grupo de Pesquisa, os Seminários de Arte e Educação e Seminário de Pesquisa, Encontro ABEM Sul, jantares e apresentações musicais. Estas lembranças e sonoridades continuam a vibrar e reverberar em minha vida!





As fotos a seguir são de apresentações do Grupo de flautas doce Bloco de Ventos da FUNDARTE/UEGGS, coordenado pela professora Marília Stein:





E quem foi que sempre nos acolheu em todos estes momentos, esteve com suas portas abertas, tanto no calor ou no frio, chuva forte ou garoa? Foi a FUNDARTE, como um porto seguro, seja nos sábados pela



manhã para as aulas do Curso de Pedagogia da Arte ou já tarde da noite quando saímos das aulas para pegarmos a estrada para Porto Alegre, ou nas manhãs de reuniões com seus cafés deliciosos e generosos, com lembrança para os bolos e tortas da Maria.

Em 2009 sai da FUNDARTE pois assumi como docente no curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista/IPA, em Porto Alegre, mas continuei e continuo com os laços de afeto. Ora participando com meus alunos do IPA do Encontro de pianistas e flautistas doce organizados pelas queridas Gisele e Fernanda, ora do Seminário de Pesquisa em Artes, ou de bancas do Curso de Especialização em Educação Musical e ainda em conversas com professores da FUNDARTE.

Queridas Adriana e Lúcia, são muitas lembranças não contadas e pessoas não citadas, mas vou me despedindo por aqui e agradecendo a vocês por ter podido escrever essa carta compartilhada. Obrigada!

Desejo muitas felicidades para a FUNDARTE pelos seus 50 anos. Parabéns e que continue sempre assim com seu trabalho forte, criativo e exemplar em acolher pessoas com/na Arte! Gratidão por ter possibilitado que eu participasse da sua história!

Com emoção,

Cecilia.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

ANA MARIA HADDAD BAPTISTA



Carta à Fundarte

O meu primeiro contato com a FUNDARTE foi por intermédio de Júlia Maria Hummes e Márcia Pessoa Dal Bello. Recebi um convite, muito simpático, de ambas, para participar do 24o. Seminário de Arte e Educação no ano de 2014. Antes do Seminário, que durou vários dias, trocamos muitas informações. Inclusive, oficiais. Em tais trocas já dava para perceber o nível de seriedade, comprometimento, cortesia e acolhimento que, habitualmente, a FUNDARTE dispensa a todos. O cartão de visitas da instituição é a agilidade, generosidade e acolhimento.

Posso dizer que os dias que passei em Montenegro foram muito marcantes em minha vida profissional e acadêmica. As oficinas, as palestras e o restante das atividades em movimento. Foram movimentos alegres, cheios de música, danças, exposições, em que ninguém, quer os convidados para atividades específicas, quer os inscritos no evento ficaram alheios. Tudo foi cuidadosamente preparado de forma que houve uma atmosfera plenamente envolvente. As paixões alegres, como diria Spinoza, bailavam e pululavam ao nosso redor. Que dias deliciosos! Sob a fragrância da leveza tudo fervilhava de novidades! Nunca esqueço!





Posteriormente ao evento, estendi relações com muitos professores e estudantes, das mais variadas áreas, da região e tenho, até hoje, alguns contatos estreitos com aqueles que participaram. Impressionante.

Após o evento, eu, a Júlia e a Márcia nunca mais nos separamos. Temos projetos editoriais anuais parceiros. Elaboramos e organizamos muitas coletâneas juntas em que chamamos integrantes de instituições do Brasil inteiro. Depois elas são publicadas no portal de publicações da FUNDARTE e, como sabemos, o acesso é gratuito.

Tais coletâneas possuem uma riqueza memorial muito grande. Centenas de alunos meus, quer da graduação, quer da pós graduação stricto sensu ao qual pertencço, usam muito tais espaços de publicações para seus respectivos trabalhos de pesquisa. Além da Revista da FUNDARTE. Textos de nossa coletânea têm sido usados para seleção de mestrado e doutorado por universidades públicas e privadas.

Num universo quase infame que nos rodeia e que prima, de forma perigosa, pelas desmemórias e não percebeu ainda, com a seriedade que deveria, os "tempos líquidos", (por lembrar de nosso saudoso Bauman), a FUNDARTE, seguramente, é um verdadeiro foco de resistência em relação às artes em geral, à educação, literatura.

Todas as vezes que solicitamos uma informação, das mais variadas, à equipe, como um todo, nunca somos ignorados. A resposta vem prontamente. Nunca existem dificuldades ou problemas incontornáveis. Nunca. Sempre existe um caminho que pode ser





desmembrado em soluções rápidas e nos conduzem, de forma harmoniosa, à solução.

Portanto, o que mais posso dizer e desejar à FUNDARTE? Espero e desejo a continuidade de nossos encontros. Sempre felizes. Espero que a continuidade de nossos projetos, editoriais ou não, avancem cada vez mais. Espero que a FUNDARTE seja cada vez mais reconhecida como um espaço de instantes privilegiados!

Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista.

São Paulo, setembro, mesclado de sol e chuva, de 2022.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

ANDRÉ MACHADO



Na minha formação como músico, a Fundarte tem vital importância como polo de aprendizado e de experiências no campo da educação musical e artística.

Tive a oportunidade de realizar o curso básico e técnico de música da instituição entre a metade da década de 1990 e o início da década de 2000, participando de inúmeros seminários e encontros, algumas vezes como aluno e depois, após minha formação superior e pós graduação, como ministrante e professor.

A Fundarte sempre teve o comprometimento com a formação técnica dos seus alunos, mas também com a formação de cidadãos, tornando os alunos aptos a atuarem como artistas militantes por uma sociedade mais digna e justa, onde as artes tenham papel preponderante na vida das pessoas.

Grande parte das oportunidades de trabalho e atuação que tive na minha carreira como músico surgiram porque eu fui aluno da Fundarte, comprovando que a instituição é um excelente local de formação como de construção de relacionamentos profissionais para toda a vida. Minha entrada no Quinteto Persch teve grande influência da Fundarte e tenho contato com a grande maioria dos professores e funcionários da instituição, com os quais até hoje mantenho de forma efetiva ou eventual, durante todos esses anos, relações de amizade e trabalho.



Sempre considerei a Fundarte como um oásis, um local onde as realidades podem ser alteradas por meio da interação instituição/alunos. Um local onde a arte sempre foi tratada com muito respeito e o ethos da excelência artística permanece com todos aqueles que verdadeiramente participam da vida artística/educacional da Fundação.

Meu eterno agradecimento aos professores e professoras, funcionários e funcionárias e aos colegas com quem muito aprendi e troquei experiências de vida e de trabalho.

Vida longa à Fundarte!



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

BERNARDO GUEDES



Carta Narrativa Bernardo

No ano em que a FUNDARTE completa as Bodas de Ouro eu comemoro o meu jubileu de dez anos na Instituição. É uma honra fazer parte desta história. Através da TV Cultura do Vale tive a oportunidade de ser um fio condutor dando voz e vez para a comunidade montenegrina. Levando cultura e arte através do canal de televisão e redes sociais. Parabéns FUNDARTE.

Bernardo Guedes – Jornalista.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

BRUNO FELIX DA COSTA ALMEIDA



“A carta que eu não escrevi”

(Título sugerido pela estudante do curso de piano Mariana Porn)

Quando, pensando em um desdobramento de minha tese de doutorado em educação, propus o projeto de pesquisa intitulado: “Cartas Narrativas: o que eu Com(Vivi) na Fundarte”, tendo, como um dos objetivos, conhecer as histórias das pessoas que pela Fundarte passaram, viveram e conviveram com e através da arte, esqueci – completamente, diga-se de passagem – que a minha história está transversalizada por esta instituição que me acolheu, primeiro como estagiário da área da música, e agora me acolhe como professor adjunto, função que ocupo atualmente, e que me permite, também, escrever nesta carta um pouco sobre a minha experiência com ela.

Provocado por todas as cartas que li e reli, para compor esta obra – um trabalho intenso e colaborativo entre os membros do Grupo de Pesquisa da Fundarte e com especial ajuda da Márcia Pessoa Dal Bello e da Júlia Maria Hummes, que não mediram esforços para que esse projeto acontecesse – me senti instigado e emocionado ao conhecer cada uma das histórias compartilhadas.

Cada história escrita – tenho certeza que com imenso apreço – me levou a imaginar cenas de distintos tempos de convivência nesse





espaço que também me passo e me faço, enquanto professor, pesquisador e músico.

Me lembro que a primeira vez que adentrei às portas da Fundarte foi por ocasião de minha matrícula no curso de Graduação em Música: Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), visto que os espaços das instituições, até então compartilhados, se fundem numa proposta pedagógica singular. Foi a partir desse momento, no ano de 2015, que neste lugar distante da cidade que resido, Venâncio Aires, dei início à minha trajetória no espaço que hoje ensino e aprendo mutuamente conhecimentos através da arte e da educação.

Foi como estagiário da área de música que comecei minha trajetória na Fundarte. Como professor de teclado, pude me aproximar dessa proposta pedagógica que tanto me inspira e que hoje me move durante meus estudos de doutoramento em educação. Em 2023 completei cinco anos, como professor concursado, o que vem me aproximando aos poucos das histórias relatadas através das cartas que integram esta obra.

São as portas, as janelas, as paredes, o chão, os sons e os aromas que aqui fluem, que aqui passam e registram em nossa história pessoal a história desse espaço que nos permite respirar a arte, quer seja através das artes visuais, da dança, da música, do teatro, da TV, das pessoas que fazem da arte subsídio para a inspiração de conviver em um





cotidiano mais cheio de expressão. Digo aqui, pois escrevo essa carta estando presente na Fundarte, na sala 33, de frente à janela que me permite contemplar um céu azul, com poucas nuvens, em uma tarde de outono.

É aqui na Fundarte que venho aprendendo a cada dia como ser professor de música e como melhor ensinar-aprendendo, principalmente no cotidiano com os estudantes dos cursos de teclado eletrônico e piano, com os quais convivo diariamente. Ao mesmo tempo que tenho que reconhecer que falar do presente é difícil. Quando há um distanciamento temporal e físico de algum lugar, percebo que o recordar nos transporta para momentos, lembranças e atitudes que nos marcam. Claro que, nesse momento, também me transporto à um breve passado, pensando nessa escrita de agora (presente), mas o sentimento é latente, é presente, é instantâneo, é praticamente físico (quase é possível pegá-lo e colocá-lo aqui, nesta escrita).

Então, falo desse agora, que poderá ser lembrado como um momento que me sinto feliz por tudo que vem acontecendo positivamente em minha vida, e apreensivo pelas preocupações de meu cotidiano, e na expectativa da espera da próxima estudante de piano que virá para aula de hoje, e por todos os estudantes que virão hoje para esta sala, para esta instituição, para juntos convivermos a arte. São muitas as sensações e intensas as dificuldades de descrevê-las. Falta de prática? Não sei responder. Mas prefiro escrever o que sinto.



É a possibilidade de escrever agora, o que *esqueci – completamente, diga-se de passagem –*, que eu também estou implicado à história que remonto, mesmo que parcialmente, através das Cartas Narrativas. Por aqui me sinto sempre em processo. É esse tal modo de viver a arte, o qual não se explica, simplesmente se sente, que me atravessa quando adentro a Galeria, o Teatro, as salas, a biblioteca. Trago em mim histórias, memórias, técnicas, músicas, conhecimentos e sentimentos, e tudo isso e outras coisas mais que agora não me faço recordar – mas lembro que não consigo lembrar que há muitas outras coisas – que muitas das coisas que eu pensei e continuo pensando, não sozinho, mas coletivamente com todos que também integram meu constante processo formativo, que é na Revista da Fundarte que tenho publicado descobertas minhas, que é na Editora da Fundarte que tenho livros que marcara essa minha trajetória de viver no mundo que me permito estar.

E foram nessas ruas e estradas que me trazem e me levam todos os dias de casa para cá e daqui para a minha casa, que tenho a convicção que este lugar que estou tem sentido... Sentido para me ajudar a encontrar aquele algo incessante, não palpável, mas sentido: a arte que nos toca, nos atravessa transbordando os sentidos. É na pele. É na alma. É na forma de ser. É no modo em que tudo isso me constitui, que hoje, depois de meses pensando ao ser lembrado do que me esqueci: de escrever esta carta (como pude esquecer de escrevê-la?), que conta aquilo que está transbordando nesse tempo: o viver a minha história





na Fundarte, com a Fundarte, em devir! Porque é isso que fica. Porque é isso que marca e deixa na história a história que contamos e que nos conta.

Que seja essa mais uma história dessa história que a Fundarte contribuiu para contar e ser lembrada. Viva é a memória da Fundarte nesses 50 anos!

Viva!

Montenegro, 19 de maio de 2023.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

CARINE LUÍSA KLEIN



(Auto) Encontro

A arte faz parte da minha essência enquanto ser e, talvez por isso, estar na Fundarte tenha sido um movimento de destino, de encontros de sentidos de vida ou algo poético assim. Falo dessa forma, pois nunca havia pensado em integrar a equipe de profissionais da instituição. E tampouco integrar sua equipe de artistas.

O que me trouxe/levou para a Fundarte foi a comunicação. O que entendo, também, como um movimento artístico. Sou jornalista e, desde 2005, trabalho na TV Cultura do Vale, um canal de TV educativo e cultural de Montenegro, cuja concessão pertence à Fundarte. Esse foi o motivo do nosso encontro.

52

Entretanto, foi somente em 2012 que a Fundarte e eu nos aproximamos mais. Foi neste ano, que o estúdio da TV passou a ser no prédio da fundação e, no ano seguinte, eu passei a fazer parte do quadro de funcionários.

A Fundarte é mais que um simples prédio onde pessoas exercem suas funções trabalhistas. Trabalhar na instituição é um olhar para si mesmo, tanto em aspectos profissionais quanto pessoais.

Logo nos meus primeiros meses, aceitei um desafio profissional. Ocupar uma função dentro da instituição me colocou de frente aos





meus valores pessoais. E isso me fez crescer muito. Na época, vivi um dilema: fazer o que era pedido ou seguir o que eu acredito. Escolhi a mim e, portanto, enfrentei um novo desafio profissional: não ocupar mais aquela função. Ah! E sustentar essa decisão; o que exigiu coragem.

Outros tantos encontros do tipo continuaram (e continuam) acontecendo.

Destaco mais um deles, que é o desenvolvimento do meu lado artístico. Estar na Fundarte vendo, ouvindo e aprendendo tanto sobre as várias formas de expressão artística me fez querer estudar sobre. Por isso, por um semestre, fiz aulas de viola de arco. E, em 2021, conclui o mestrado em Processos e Manifestações Culturais.

53

Dois estudos que me fazem viver a arte dentro da minha profissão de jornalista.

Em algum momento acima, eu expressei que a comunicação é uma forma de arte. E o meu modo de me comunicar, também, recebeu influências da fundação. Trabalhar, estudar e me relacionar com as pessoas que formam a Fundarte me mostraram que há várias maneiras de dizer e de ouvir algo.

No entanto, o que é comum, nesse dizer e ouvir, é que sempre é uma forma de sentir. Porque quando se vive a arte – na dança, no teatro, na





música, nas artes visuais, na comunicação – não tem certo nem errado, mas tem sentimento.

Carine Luísa Klein

Jornalista

Mestre em Processos e Manifestações Culturais





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

CAROLINE SATICQ



Minha história com a Fundarte

Minha história com a FUNDARTE precede o concurso público no qual fui aprovada para o cargo de advogada e não está atrelada ao mundo artístico. Nunca fui aluna da FUNDARTE e nunca tive grandes intimidades com este universo. Pelo contrário, minhas habilidades artísticas nunca se destacaram. Apesar disso, nutro sentimentos de admiração e respeito, além de ter a consciência do papel fundamental que a arte desempenha na sociedade como espelho da condição humana. Como objeto de engajamento, a arte não se limita a pensar melhorias em determinadas condições sociais ou individuais consideradas desagradáveis, mas transformações conjunturais.

O que me aproximou da FUNDARTE desde sempre foi o mundo jurídico, profissão na qual atuo. Antes de trabalhar na instituição, laborava no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e era eu quem averbava os atos constitutivos da Fundação.

No entanto, a FUNDARTE não é uma simples Fundação de direito privado, aquelas que a Lei nos autorizava a registrar, a FUNDARTE apresenta características um pouco distintas. Por ter sido instituída pelo Poder Público (Município de Montenegro), ela mescla, transita e obedece tanto a regras de direito público quanto a regras de direito





privado, o que a torna uma Fundação Pública de Direito Privado. Tema lindíssimo para uma apaixonada pelo Direito como eu!

Essa particularidade da FUNDARTE me obrigou, na época, a estudar muito sobre o assunto e foi, inclusive objeto do tema do meu trabalho de conclusão da faculdade. Estudei muito e posso dizer que conheço o regime jurídico híbrido da FUNDARTE com riqueza de detalhes. Logo em seguida a FUNDARTE abriu concurso para o cargo de advogado, o qual prestei e fui aprovada. Entrei em julho de 2016 e posso dizer que a chegada da FUNDARTE na minha vida desde o começo foi com objetivo de aprendizado e evolução.

Ciente da importância da arte na educação, meus dois filhos são alunos da FUNDARTE. Bento fez 2 anos de musicalização e aguarda vaga para o teclado; Carmela faz iniciação às artes e ballet.

Vida longa à FUNDARTE!

Caroline Saticq, advogada.



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

CRISTINA ROLIM WOLFFENBÜTTEL



Fundarte: alimentando o espírito das pessoas por meio da Arte ao longo dos anos

Em janeiro de 1988 viajei para Montenegro. Peguei um ônibus para esta cidade que, na verdade, nem sabia muito a respeito. Eu tinha algum conhecimento de que estava distante há cerca de 70 Km da capital, Porto Alegre; mas, era esta, praticamente, a única informação de que dispunha, além de ter sido instruída sobre como chegar à Fundarte, meu destino. Pois bem, mas, por que fui para Montenegro? O que faria na Fundarte? O que significa a Fundarte em minha vida?

Estas explicações trazem-me inúmeras lembranças de outro tempo, um período muito bom, quando iniciava minha vida profissional. E, lá se passaram quase 35 anos! Mas, como essa história começa?

Eu tive uma colega na faculdade, quando cursei Música, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ela trabalhava na Fundarte. Porém, estava se desligando, em virtude de sua mudança para outro país. Por este motivo ela avisou-me que haveria um concurso para o provimento de vagas na Fundarte, sendo que haveria, portanto, necessidade de contratarem professores para diversas disciplinas, dentre as quais Sensibilização Musical, Apreciação Musical, História da Música e Manifestações Musicais Populares. Eram componentes



curriculares que ela ministrava e, como estava de saída, disse-me que achava ser uma experiência muito boa para mim.

E foi, com certeza, uma das melhores experiências profissionais de minha vida! Somava-se a isso o fato de eu estar finalizando minha graduação, e a perspectiva de poder trabalhar na minha área, era realmente maravilhosa! Nem imaginava que os melhores dias de minha vida seriam vivenciados na Fundarte, instituição na qual aprendi muito e que tanto amo!

Então, eu fiz o processo seletivo. Tremia, como se diz na linguagem popular, “como vara verde”! Nunca havia feito algo parecido! Contava, à época, com 21 anos de idade. Bons tempos...

Integraram a banca do concurso, três importantes expoentes da Música: Therezinha Petry Cardona – à época, Diretora Executiva da Fundarte –, Carlos Jurandir Calazans de Almeida – professor de violino e que, também, havia sido regente da Orquestra Infante Juvenil. Por fim, o terceiro membro da banca, Raimundo Martins, que tinha sido meu professor na graduação. Três profissionais muito competentes. Foi uma experiência ímpar! Nunca esquecerei.

A grande alegria foi ser aprovada! Não acreditei, pois nem estava formada! Foi este meu primeiro emprego.

Ao ingressar na Fundarte e ser professora efetiva, assumi as disciplinas que eram da minha colega: Sensibilização Musical, Apreciação Musical,



História da Música e Manifestações Musicais Populares. Ao encarregar-me de tal responsabilidade fui, aos poucos, aprendendo a ser professora. Cada uma das disciplinas demandava um planejamento específico. Em alguns casos eu tinha mais de uma turma, com diferentes níveis de aprendizado, de modo que não somente o conhecimento do conteúdo específico era algo requerido de minha parte, mas, também, a didática específica para cada faixa etária e nível de conhecimento. Se tinha sido desafiador realizar o estágio na graduação no ensino superior, a responsabilidade da docência na Fundarte, como professora concursada, ampliava-se. Aprendi, com certeza, mais profundamente o ato de ensinar, a partir de minhas vivências no cotidiano da Fundarte. Digo, sem dúvidas, que me tornei professora na Fundarte!

61

Mas, não foi somente isso. Em seguida, as oportunidades cresceram.

A Fundarte foi, reitero, uma escola para mim! Além de eu ser responsável pelo ensino das disciplinas que mencionei, fui convidada a coordenar um projeto semanal, chamado Projeto Encontro de Arte, que chamávamos de PEARTE. Acontecia nas quartas-feiras, às 17 horas. Em cada encontro havia uma apresentação artística, que poderia ser de Música, Dança ou Teatro. Em diversas ocasiões integraram a programação artistas renomados, tanto locais quanto de outras cidades, estados e, até, estrangeiros. Era, também, uma oportunidade para que estudantes da Fundarte se apresentassem artisticamente. Essa prática, desde o início do aprendizado artístico, é



de grande valor, pois se aprende na prática, com uma platéia conhecida, possibilitando o trabalho com os próprios medos, muitas vezes existentes, quando se está no início desenvolvimento musical. Uma escola, em todos os sentidos.

Outro projeto que assumi como responsabilidade foi o de elaborar um artigo para a coluna mensal “Conversando sobre Música”, no Jornal da Fundarte. Era um informativo da instituição, coordenado pela querida colega e amiga, Ieda de Freitas Gewehr, com a jornalista responsável Maria Luiza Szulczewski, e colaboradoras Karin Wolff, Lizandre Maria Panitz e Madga Dreher Nabinger. O artigo de minha estréia foi publicado em março de 1989, com a temática “Folguedos Populares”. Este foi um trabalho que me ajudou muito a desenvolver a escrita. Acredito que tenha sido o embrião do que, no futuro, tornar-se-ia grande paixão em minha vida: a pesquisa e a escrita.

O começo e a continuidade de meu apreço pela escrita foi a Fundarte e a cidade de Montenegro/RS. Praticamente ao mesmo tempo em que eu conhecia a cidade dos montenegrinos e imediações, mais e mais eu compreendia sua importância no campo artístico e cultural como um todo. Comecei a conhecer os arredores, pequenas cidades, outrora distritos, que sempre estiveram ligados ao município. Aos poucos fui dominada por um desejo de conhecer mais a cultura local. Foi assim que surgiu o questionamento embrionário da pesquisa, outrora, “Cancioneiro Montenegro”, mas que se transformou em “A Música na Região de Montenegro”. Este projeto, submetido em um edital do



Instituto Brasileiro de Apoio à Cultura (IBAC), e aprovado no ano de 1992, foi contemplado pela Companhia Petroquímica do Sul (COPEsul), à época existente, e localizada em Triunfo/RS. Recordo-me que foi uma grande alegria, pois o projeto que elaborei foi um dos 5 aprovados no Brasil. Foi uma alegria e, com certeza, grande orgulho, tanto para mim quanto para a Fundarte. Com a aprovação do projeto e o financiamento da COPEsul pesquisei em 36 localidades que compunham Montenegro, e agora já emancipadas, mas que eram importantes para o entendimento acerca da configuração artístico-musical deste grande local, ao qual denominei Região de Montenegro. Incluí, portanto, as seguintes localidades na pesquisa: Alfama, Bananal, Batinga Norte, Batinga Sul, Bom Jardim, Brochier, Campo do Meio, Chapadão, Costa da Serra, Despique, Estação Esperança, Faxinal, Fortaleza, Harmonia, Lajeadozinho, Linha Dom Diogo, Linha Pinheiro Machado, Macega, Maratá, Matiel, Montenegro, Muda Boi, Pareci Novo, Pareci Velho, Passo da Cria, Passo da Pimenta, Passo da Serra, Pinheiros, Porto Pereira, Salvador do Sul, Santos Reis, Serra Velha, Sobrado, Vapor Velho, Vitória, Uricana. Visitei cada um destes locais pessoalmente, às vezes mais de uma vez. Pesquisava durante a semana, nos intervalos das aulas, e em sábados e domingos. Não é possível transmitir toda a satisfação que tive com esta pesquisa. Conheci muitas pessoas. Afeiçoei-me a cada uma delas. Aprendi muito. Foram cerca de 170 pessoas entrevistadas nas 36 localidades. Umhas com maior poder econômico, outras mais humildes, mas, com todos aprendi muito. Destaco o grande apoio que recebi da Fundarte e, em especial, da



querida Prof.^a Therezinha Petry Cardona, que sempre acreditou em meu trabalho. Toda essa pesquisa deu origem ao livro “A Música na Região de Montenegro”, publicado em 1996, pela editora Mercado Aberto.

Os seminários e os encontros científicos sempre tiveram grande importância para a Fundarte. Um desses eventos foi bastante conhecido ao longo dos anos, o “Seminário de Jovens Instrumentistas”. Em julho de 1989 ocorreu a sétima edição. E, lá estava eu, como professora, trabalhando juntamente com professores e musicistas tão queridos, como Eliana V. Hubner, Carlos Jurandir Calazans de Almeida (agora já éramos colegas), Hubertus Hofmann, José Alberto Kaplan, Milton Masciadri, Eduardo Castañeira, apenas para citar alguns que a memória permite-me trazer à tona. Fiquei responsável pelo trabalho com a Teoria e Percepção Musical. Recordo-me até hoje as apresentações musicais que produzimos no seminário. A partir de meu trabalho com a Teoria e Percepção Musical, que fiz com base em alguns gêneros musicais brasileiros, como maxixe, samba, carimbó, entre outros, organizamos apresentações musicais, incluindo todos os participantes do seminário. Foi uma festa! Que riqueza musical! Quantas relações de amizade se estabeleceram desde então! Saudades destes seminários!

Como não recordar a primeira edição do Seminário Nacional de Arte e Educação, outra promoção da Fundarte. Existente até a atualidade – o que é uma maravilha e deve ser, constantemente, louvado – este



evento acontece há cerca de 35 anos. Tem sido um local de muitos aprendizados e encontros. Inúmeros e renomados professores de Arte têm participado do seminário ao longo dos anos. Sem receio de errar, sustento que a Fundarte é responsável pela formação continuada em Arte de milhares de professores que têm participado deste evento ao longo dos anos. Eu, particularmente, participei desde a primeira edição. Portanto, reitero que a Fundarte, por meio de suas promoções, tem contribuído para minha formação continuada. Tornei-me uma profissional melhor graças à Fundarte.

Preciso, neste momento, falar de uma experiência que marcou muito minha vida. Foi a coordenação e regência do Grupo de Canto Gregoriano “Vox Noctis”. Grupo formado por estudantes de música da Fundarte e demais interessados da comunidade em geral, o Vox Noctis dedicava-se ao estudo do Canto Gregoriano, incluindo o entendimento da escrita musical neumática e o contexto histórico da Idade Média. Elaboramos vários espetáculos artísticos, que não se restringiam à apresentação musical, mas incluíam performances teatrais. Todos nós cantávamos em latim, o que também demandava o entendimento do texto das canções, de modo a fundamentar uma boa interpretação artístico-musical. Apresentamo-nos em diversas cidades do Rio Grande do Sul, mas, destaco as apresentações nas igrejas de Canela e Gramado, inesquecíveis. Em Canela, em especial, participamos do espetáculo “Sonho de Natal”, um dos maiores eventos natalinos do Brasil, que acontece há mais de 26 anos. Os eventos acontecem nas



ruas, que são decoradas na época natalina. Acontecem, também, apresentações de canções de grupos corais. Destacam-se as apresentações na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Lourdes, uma igreja católica localizada na Praça da Matriz, popularmente conhecida como Catedral de Pedra, mesmo não sendo uma catedral. Nosso Vox Noctis apresentou-se nesta igreja. Foi emocionante! Todas as experiências com o Grupo de Canto Gregoriano Vox Noctis foram impactantes e inesquecíveis. Por tudo isso, sempre que penso e me refiro a essa experiência, digo que o trabalho foi mais do que simplesmente ensaiar as canções e desempenhá-las. Foi, efetivamente, uma prática filosófica de vida!

Ao finalizar estas breves lembranças, entendo que se pode entender os motivos que originaram a proposição da criação dos cursos de Artes à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – pela Fundarte, em Montenegro. Tanto a Fundarte quanto a cidade de Montenegro têm uma longa história neste sentido. O natural, desse modo, foi a instalação dos cursos nesta instituição que, ao completar 50 anos de existência em prol da Arte, tem contribuído imensamente para a Arte e para a vida das pessoas! Afinal, a Arte é um alimento para nosso espírito. Parabéns, Fundarte!



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

DANIELA RECKLER



Minha relação com a Fundarte começou ainda bem pequena na Escolinha de Artes. Depois vieram as aulas de piano e musicalização, as aulas de desenho do curso básico de Artes Visuais, a graduação pela UERGS, a participação do grupo Arte na Escola sem falar nas visitas à Galeria, as incontáveis idas ao teatro e as participações no Seminário de Arte e Educação.

Para mim, sinceramente, a Fundarte melhora Montenegro. Faz dela um lugar mais interessante de se viver. Eu comemoro com ela esses 50 anos cheia de gratidão e alegria por fazer parte dessa história e orgulho, muito orgulho de tudo que ela representa!

Daniela Reckler.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

FERNANDA ISSE



Para os 50 anos da FUNDARTE

Eu lembro

Do grande relógio ponto pendurado na entrada do prédio;

Do melhor cachorro quente do mundo, do bar da saudosa tia Dêlcia;

Das paredes revestidas por carpete cinza;

Da elegância da Ane Marie em roupas fluidas e cabelos curtos vermelhos-e de quando o músico do "Quinteto do Jô" se apaixonou por ela!

Da rua Capitão Porfírio fechada para a mais alegre festa junina que eu estive em toda a minha vida;

Das escadas emborrachadas de preto;

Da orquestrinha da tia Maria Inês Kindel;

Da casa de madeira do outro lado da rua: era ali a escolinha de artes. Com árvores, mesa no pátio e a Prof. Magda sempre tão querida;

Do medo que a gente tinha da Nina- ela parecia braba, mas nem era!



Da Dulce Marta, da Simone Cardona e da Telminha Esmério nos ensinando iniciação musical – chego a ouvir as vozes pedindo “Pulsção”!

Do pão prensado com manteiga que era maravilhoso;

Do tio Marcos da portaria;

De espiar meu amado Xandi Birnfeld dando aulas de contrabaixo pelo vidro da porta da sala de aula e bater no vidro para dar “oi primo”!

De errar todas as coreografias das aulas de ballet – eu queria tanto ser comportada e usar a malha e aquela sapatilha rosa;

Do show da Irmandade do Blues, que trouxe meu primo Edu, guitarrista, de São Paulo;

De assistir Tangos e Tragédias ainda criança e não entender nada;

Da “Dona Margarida”, personagem da Juliana no espetáculo “Neurópira- a febre nervosa”, dirigida pelo Gilberto– irmã e comadre que o teatro me deu!

Da Therezinha pedindo apoio às famílias para abrigar artistas de todo o país nas suas casas: sempre era fascinante hospedar e emprestar meu quarto para uma flautista do Ceará ou uma professora de Brasília;

De ser um “rei” no espetáculo “O Círculo de Giz”;



Da eterna doçura e gentileza da Goreti;

De ir com meus pais assistir ao monólogo do ator Luís Gustavo, e de ouvir meu pai dizer, orgulhoso: Que artista! Nos fez rir todo o tempo sem falar nenhum palavrão!

De cuidar, semanalmente com toda a responsabilidade, junto à amiga Tuti Angélica Müller, da sala de figurinos que o Gilberto criou para o Grupo de Teatro;

De ouvir que um aluno da casa, Alexandre Ritter, fazia sucesso em uma orquestra do exterior. Nunca o conheci pessoalmente, mas seu nome era famosíssimo;

Do forno de cerâmica enorme da Isabel;

Da beleza de violinista que foi o Rodrigo Pires. Lindo!

Das músicas ao piano da Celiza, da Julia Hummes e da Adriana Bozzetto que se ouviam pelos corredores;

Da Márcia Dall Bello me encontrar no corredor me dizer: - Fernanda tu não deixas a gente sentir saudades de ti!

De assistir a atriz Ilana Kaplan em "Buffet Gloria" e pensar – é essa a atriz que eu quero ser!

De quando a Prof. Suzana foi ganhar nenê e teve de deixar a turma de ballet com a Sônia Brust, vinda de fora – foi tão difícil que nem saiu





aquela magnífica apresentação de final de ano – fim (da tentativa) do ballet para mim;

Da Prof. Rosane Brochier me ensinando dobraduras – sei fazer balão de São João até hoje!

Da Zanza e seu violino;

Do Carlinhos me explicando que o teatro é infinito porque a relação humana também é;

De ver o Marcos Guarani em cena no teatro e dizer para a Cristina Kehrwald, que estava ao meu lado – me casei com ele! E casei!

Do João Ires tocando sax;

Da batalha do Gilberto para trazer a UERGS para a cidade e da tristeza que foi ele não ser reeleito diretor;

De comprar um casaco militar que pertenceu à Celiza (rainha do estilo) no Brechó da AAF;

De tomar um gole de whisky do copo do Vítor Ramil;

Das viagens com o Grupo de Teatro para concorrer em festivais: fomos para Salto do Jacuí e Erechim com a peça “A tonta, a tola a graça e a absurda palhaça”;

Do André emocionado como criança ao mostrar um troféu que a FUNDARTE havia ganho para a Loíde;



De ver de perto a Eva Wilma e o Carlos Zara na peça “Love letters – cartas de amor”;

Das aulas de técnica vocal que tivemos com a Claudia Schwartz – eram ao meio dia, mas a gente ia!

Da Martha Tadday fumando na janela da sala 4;

Da beleza e do empenho da Marcia Schüler sempre anotando os detalhes de tudo;

Do quanto o Gilberto me encorajava nas aulas de teatro: Vai Isse! Ele dizia sempre!

De um espetáculo que se chamava “Radio...” no qual as atrizes usavam belíssimos sapatos em preto e branco;

Do carisma do maestro Cunha;

Da risada da Celina quando via os ensaios do Grupo de Teatro;

Da batalha da Therezinha para fazer o segundo prédio;

De uma linda professora de teatro ruiva que fez Lady Macbeth em uma montagem vinda de Porto Alegre;

De pedir autógrafo pro Walmor Chagas no final do espetáculo;

Da acolhida da turma do atelier livre: Martinha, Griseldes, Sara e Marisa. Todas as quartas com a Loíde;



De uma montagem de “Ubu Rei”, em que o elenco distribuía figurinhas adesivas dos personagens ao final da peça;

De segurar o bolo para a Therezinha apagar a vela nos 30 anos da FUNDARTE;

Do figurino do espetáculo Cinderela que fizemos aproveitando tecidos do depósito e peças do acervo;

De ver a Elisabeth Savalla no palco vestindo azul escuro;

Da Sandra Rhoden cantando a música “Pequenina”, versão brasileira da música “Chiquitita”, do ABBA, na peça “Neurópira- a febre nervosa”;

De posar nua para os alunos de desenho da Patriciane só para ver como era a experiência, com o apoio da Marinês;

Do bolo de chocolate da Maria;

Da primeira pessoa que comprou uma obra minha: Eunice.

De um espetáculo sobre imigração italiana que se chamava “Bella Ciao”;

Das matérias sobre moda que fiz para a TV Cultura com Roberto, Diogo, Carine, Bernardo e Priscila, editados pela Tati com todo o cuidado – eram plenos de audiência. Um deles foi selecionado para o acervo de vídeos do Instituto Rui Spohr;

De ver a atriz Maria Zilda pessoalmente e dizer à ela que eu era sua colega de profissão!



Do espetáculo “O Mercado das Maravilhas”;

Das xilogravuras que fizemos no atelier livre com paisagens da cidade à pedido da Isabel;

Da união e da parceria entre as pessoas que ali conviviam;

Da minha primeira individual junto à Loíde, na Galeria que leva o nome dela;

Lembro dessa FUNDARTE, que me viu crescer e que guardo no coração.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

FLAVIA PILLA DO VALLE



CARTA À FUNDARTE

Meu contato com a Fundação Municipal de Artes de Montenegro - FUNDARTE se deu através da Graduação em Dança no início dos anos 2000, quando prestei concurso para docente do convênio dessa fundação com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Eu já atuava na graduação com as disciplinas em dança no currículo de Educação Física e, posteriormente, nos cursos de Dança conforme eles foram sendo criados. Primeiro, atuei no ensino superior como professora substituta na Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e depois nas Graduações de Dança e Educação Física da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Na época, atuei também na Especialização em Dança da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS), que foi pioneira no estado nessa modalidade.

A experiência na UERGS/FUNDARTE foi um marco na minha vida. Destaco a troca entre os quatro cursos de artes, no qual permitia um enriquecimento da área como um todo. Todos nós, professores da época, sempre comentamos que nossas viagens de idas e vindas no eixo Porto Alegre – Montenegro eram trocas maravilhosas, verdadeiras aulas cheias de discussões e compartilhamentos. Mas a experiência foi muito além. A estrutura da FUNDARTE foi peça



fundamental no sucesso dos cursos. Falo tanto da estrutura física quanto da estrutura administrativa que na época, em termos de UERGS, era ainda bem carente e a ser construída.

Havia, por exemplo, a biblioteca da FUNDARTE com grande quantidade de livros. Minha formação de dança se deu desde pequena e era uma formação prática. Tal qual muitos de meus colegas, me tornei professora ainda nos anos de 1980 da minha escola de formação, lecionando para os alunos mais jovens. Ao ingressar no ensino superior, procurei o curso de Educação Física por ser o curso mais próximo de uma formação em dança que na época era inexistente no Rio Grande do Sul. Minha Especialização e Mestrado foram no exterior em cursos específicos de dança. Ao retornar, me deparei com muita ausência de bibliografias na língua portuguesa para compartilhar com os alunos. Foi na biblioteca da FUNDARTE que acessei material de outras artes que, de certa forma, supriam a carência existente na biblioteca da dança na época.

Em relação ao espaço físico, foi o único curso de graduação que não precisei explicar a necessidade de uma sala específica para a prática de dança. Lá já era sabido das necessidades de um piso especial, de espelhos com cortinas, das barras e suas especificidades de colocação, entre outros quesitos. O teatro proporcionava que as produções dos alunos fossem realizadas. Mas para apresentar as nossas produções éramos amparados por um trabalho de equipe com os assessores da comunicação e dos técnicos de iluminação e som. Tudo isso facilitava



que o nosso trabalho ficasse focado nos alunos e não em outras necessidades técnicas que sempre nos envolvem como coreógrafos, diretores e professores.

Vale destacar os Trabalhos de Conclusão de Curso. Todos voltados a uma produção artística. Destas orientações, construímos nosso próprio modo de fazer esse trânsito entre produção artística e produção textual, em diálogo com as outras linguagens artísticas dos outros cursos. O convívio dos alunos, de diferentes linguagens, propiciava parcerias e trabalhos conjuntos alguns com repercussão até os dias de hoje. Um exemplo foi o trabalho de conclusão de Lauren Hartz que, após defesa, teve continuidade e resultou no espetáculo *Sereia, Bailarina das Águas* (2011).





Lauren Hartz em *Sereia, Bailarina das Águas*
Companhia HHAOS Cênica
Foto de Giovane Sebastiany



Na Revista da FUNDARTE escrevi meu primeiro artigo e desde então é uma de minhas referências para publicação assim para como para meus alunos de graduação e pós-graduação. Com muito orgulho integro hoje a comissão científica dessa revista. Com meus colegas dessa instituição, fui chamada a escrever Lições do Rio Grande (2009) que foi o primeiro Referencial Curricular oficial do Estado do Rio Grande do Sul. Nessa fundação também tive contato com artistas de renome no nosso campo através dos Seminários de Arte Educação e, posteriormente, com os Seminários de Pesquisa.

Foram muitas experiências e também aprendizados. A equipe da FUNDARTE, tanto técnicos como professores, me abriram muitos caminhos e, a eles, sou muito grata. Nela fiz grandes amigos e colegas que carrego comigo até hoje.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

GILBERTO ICLE



Carta pelos 50 anos da FUNDARTE

Como não ficar com uma sensação de memória saudosista frente a 50 anos de existência. Como não saudar com entusiasmo uma instituição que resiste por 50 anos fazendo arte e cultura, num país sem memória e sem políticas sérias para essa área? Como não parabenizar a cidade de Montenegro que mantém por 50 anos uma Fundação de Artes, contra todas as intempéries possíveis.

O exercício aqui é apenas a de rememorar minha pequena participação nisso; nada mais importante do que parabenizar exercitando a memória, nos tempos de apagamento e negacionismos em que vivemos.

Em março de 1992, recém-formado na graduação, fiz concurso para o cargo de professor de Teatro na Fundação Municipal de Artes de Montenegro (FUNDARTE), na região metropolitana de Porto Alegre. Iniciei como professor de Teatro em abril do mesmo ano e trabalhei na FUNDARTE por 14 anos.

Ainda que houvesse ministrado diversas oficinas de teatro livres, esse foi meu primeiro posto como professor efetivo numa instituição. Foi quando aprendi o ofício de dar aulas de Teatro de fato.



Ministrei aulas de Teatro em um curso livre mantido pela FUNDARTE, dei aulas de Teatro na Educação Infantil, em um curso técnico de música e expressão corporal no curso livre de Dança.

Para mim, foi o tempo de encontrar as formas e os procedimentos didáticos que caracterizariam o meu fazer docente. Os cursos eram organizados com currículos e percursos formativos de longo prazo, acompanhando os alunos e alunas ao longo da Educação Básica. Assim, pude experimentar várias metodologias de ensino, que eu adaptava da minha prática artística, aliando muito do que fazia às atividades lúdicas e às montagens de teatro.

Na FUNDARTE dirigi, ainda, um grupo de teatro com adolescentes e experimentei nesse ambiente diversas possibilidades. Tal reduto, no qual mergulhei com todas as minhas energias, possibilitou-me levar a cabo elementos do meu trabalho que foram, de certa forma, gestados nessa instituição. Assim, algumas intuições e algumas ideias sobre teatro e pedagogia irromperam ali, no seio do cotidiano como professor.

Uma delas foi a intuição de que a aula de Teatro não poderia ser a mera aplicação de técnicas ou o ensino de técnicas de atuação que os alunos e alunas aplicariam em algum momento no futuro. Deduzi, pela prática com crianças e adolescentes, que o ensino de Teatro precisaria ser um amálgama entre as técnicas ensinadas e o próprio processo de criação.





Assim, uma Pedagogia do Teatro teria lugar no interior da criação e não seria apenas o ensino para a criação.

Outro aspecto que, de certa forma, aprendi no trabalho na FUNDARTE foi como planejar e avaliar. A Pedagogia do Teatro, como campo disciplinar no Brasil, sempre foi carente de textos para a prática escolar e reflexões mais concretas sobre as tecnologias educacionais concernentes ao ensinar e ao aprender. Assim, nunca tivemos muitos materiais à disposição que ajudassem professores e professoras na tarefa de planejar e avaliar seu trabalho. Isso sempre fora feito de modo a tomar de empréstimo o conteúdo produzido na Educação em geral.

Tal dificuldade, a de planejar e avaliar, instigou-me a pensar mais sobre isso e a me preocupar em encontrar alternativas para o planejar e avaliar. Com efeito, na FUNDARTE havia uma demanda de planos e avaliações e, ainda, um processo contínuo de reformulação e atualização curricular. Tal processo me incitou a formular perguntas que me acompanham até hoje e que me fizeram produzir nessa direção.

Nesse caminho, o trabalho com o Grupo de Teatro da FUNDARTE, de 1993 a 1999, foi definitivo para meu aprendizado como professor e como diretor de adolescentes, trabalho sobre o qual me dediquei muito. Ao mesmo tempo que trabalhava ensinando, realizei a criação de alguns espetáculos. Isso também me ajudou, não apenas a colocar em prática, de uma maneira mais tradicional, o que eu havia aprendido





sobre direção teatral na graduação, mas também a compreender a Pedagogia do Teatro como espaço de criação, vivenciando os processos de criação como espaços de aprendizagem para mim e para alunos e alunas com os quais trabalhei.

Dos processos criativos que resultaram em espetáculos, alguns foram mais marcantes. Destacarei três deles. O primeiro foi a montagem do espetáculo Os Tortuosos Caminhos de Valentin (1993).





Imagem 1 – Juliana Moscofian, Fernanda Isse, alunas desconhecidas, em *Os Tortuosos Caminhos de Valentin*, Teatro Roberto Athayde Cardona, Montenegro, Brasil, 1993. Foto: arquivo da FUNDARTE.



Nesse trabalho, selecionei algumas cenas curtas do dramaturgo alemão Karl Valentin (1882-1948) e as trabalhei, procurando despertar os efeitos cômicos. Assim, dei ênfase ao trabalho sobre o texto e às ações físicas, usando os princípios do cômico para organizar as cenas. O espetáculo, dotado de uma estrutura muito simples, com as cenas em seqüências, foi feito num curto espaço de tempo, até onde lembro, ensaiado uma vez por semana, durante três ou quatro meses. O trabalho teve uma enorme repercussão na FUNDARTE, pois os colegas e demais alunos e alunas ficaram impressionados com a qualidade do trabalho apresentado, o que me deu não apenas confiança, mas mais espaço na Fundação para desenvolver o que vinha fazendo.

Um segundo espetáculo a destacar chamava-se Neurôpira: a febre nervosa (1995), com fragmentos de diversas peças teatrais e textos em prosa. Novamente se tratou de um apanhado de cenas curtas, dessa vez de diferentes estilos. Essa técnica de bricolar cenas curtas foi uma estratégia desenvolvida para um grupo de iniciantes (eram apenas meninas). Isso permitia ao menos duas vantagens: a primeira era ter mais tempo de exercício com cada atriz, pois se trabalhava em duplas ou trios, o que permitia que cada cena usasse todo o tempo de aula e ensaio para poucos minutos de encenação; a segunda era permitir que o trabalho não parasse quando alguém faltava a algum ensaio. Essa foi uma estratégia aprendida e que uso ainda hoje nas minhas orientações nos estágios de docência.



Imagem 2 – Fernanda Isse, Karine Bulgarelli, Angélica Muller, Fernanda Andrade e Juliana Moscofian, em *Neurópira: a febre nervosa*, Teatro Roberto Athayde Cardona, Montenegro, Brasil, 1995. Foto: arquivo da FUNDARTE.



Mais uma vez investi no trabalho sobre o texto, na palavra e na voz, sublinhando ações físicas muito simples e que foram trabalhadas em detalhe. Aprendi, por certo, a importância dos detalhes para o trabalho com adolescentes, o que conferia densidade às ações físicas e fazia parecer um domínio do trabalho pelas adolescentes. Ao contrário dos trabalhos anteriores, esse espetáculo fez mais de uma apresentação e obteve muito sucesso local, em função também da produção, houve orçamento para figurinos e assessórios, elementos que produziram um efeito cômico bastante relevante.

Um terceiro exemplo de espetáculo foi o investimento, novamente, no cômico. Dessa vez foi trabalho bem mais elaborado e que, assim, pôde inclusive viajar pelo estado, fazendo apresentações em outros municípios. O espetáculo era *A tonta, a tola, a graça e a absurda palhaça* (1996), no qual aprofundei o trabalho com a técnica do clown na experiência de criação com o grupo de adolescentes. Esse período de trabalho com as adolescentes seria, posteriormente, objeto de minha tese de doutorado.





Imagem 3 – Karine Bulgarelli, Fernanda Isse (abaixo), Fernanda Andrade e Angélica Muller, em *A tonta, a tola, a graça e a absurda palhaça*, Teatro Roberto Athayde Cardona, Montenegro, Brasil, 1996. Foto: arquivo da FUNDARTE.



Esse trabalho era mais bem desenvolvido a ponto de haver cenas criadas pelas improvisações das atrizes. Ainda que houvesse cenas criadas a partir de fragmentos de textos dramáticos, foram igualmente incorporadas cenas criadas das improvisações com base nas técnicas de clown. O nível de aperfeiçoamento foi possível visto que o grupo já trabalhava, ao menos, por três anos nessa mesma direção.

Assim, desenvolvi o trabalho partindo de elementos tradicionais da Pedagogia do Teatro nos primeiros espetáculos, como o trabalho sobre o texto, por exemplo, para chegar numa pedagogia muito mais circunscrita à presença, cujo trabalho centrava-se em atingir um estado corporal que realmente atraísse a atenção do público, paralelamente ao nível dos significados que a cena poderia ou não implicar.

Mas a FUNDARTE não apenas foi a experiência marcante para meu início como professor de teatro, ela foi responsável ainda pela minha experiência na gestão.

Pouco antes de completar 30 anos de idade, assumi a direção da Fundação como gestor e ordenador de despesas, cargo que ocupei por quatro anos. Responsável por mais de 30 funcionários, um orçamento municipal volumoso e um conjunto enorme de atividades culturais promovidas pela Fundação, aprendi a organização administrativa e orçamentária da administração pública e implantei, em parceria com





Júlia Maria Hummes, então vice-diretora, um conjunto de mudanças e projetos para a FUNDARTE.

Os anos na direção coincidiram com projetos de grande monta para a Fundação, um deles foi o término da obra de ampliação do prédio, o que implicou um enorme trabalho de gerência de recursos e para o acompanhamento da obra, incluindo o término do novo teatro, batizado em homenagem à antiga diretora, Therezinha Cardona. Mas se a conclusão do prédio sede foi um enorme desafio, nenhum foi maior e mais significativo do que o convênio com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), que estava sendo implantada no estado.

A UERGS iniciou com 27 campi sob a égide de uma universidade descentralizada, inovadora e com o objetivo de atender as necessidades e vocações regionais. Assim que soubemos da possibilidade de uma universidade estadual, fomos imediatamente a Porto Alegre apresentar a proposta de um curso de graduação em Música, que já estávamos elaborando há alguns anos, aproveitando a vocação principal da Fundação na área de música (a Fundação havia se originado de um conservatório de música nos anos 1950).

Dessa reunião, Júlia Hummes (vice-diretora durante meu mandato na direção) e eu voltamos com enorme entusiasmo, pois percebemos que Montenegro, haja vista suas características, tinha muito potencial para receber um dos polos da universidade que se criava. Desse encontro, ainda, captamos a ideia de que a universidade buscava cursos



inovadores e que estivessem altamente conectados com os problemas e as soluções regionais.

Foi assim que as ideias que eu já gestava em relação a uma formação que não separasse pedagogia e criação puderam tomar forma. Nós propusemos à UERGS um convênio com a Fundação, no qual estava previsto que a FUNDARTE seria responsável pela expertise na área, os professores e professoras e o espaço físico. Isso era fundamental para uma universidade que estava sendo criada não como a reunião de faculdades isoladas ou outras instituições de Ensino Superior, como ocorre em muitos casos, mas praticamente do zero. Foi, por certo, o convênio e a experiência da FUNDARTE que fizeram o sucesso dos cursos de artes em Montenegro, ao contrário de muitos outros campi da UERGS, que viriam a fechar nos anos vindouros em função do enorme número de dificuldades.

A proposta que construímos continha quatro cursos em artes: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Tratava-se de cursos inovadores, pois a principal característica deles seria não dicotomizar a formação pedagógica e a formação artística, desenho curricular comum dos cursos brasileiros, divididos entre Bacharelado e Licenciatura.

Imaginamos que esse aspecto era central para a formação de egressos que atuariam tanto na Educação Básica, como professores e professoras em uma das quatro linguagens, quanto como artistas-professores nos mais diversos espaços educativos e artísticos os quais



a região demandava. Chamamos assim os cursos de Pedagogia da Arte, com um subtítulo para cada uma das linguagens. Finalmente, a coordenação da UERGS nos propôs um único curso com quatro habilitações – Pedagogia da Arte: habilitação em Artes Visuais; habilitação em Dança; habilitação em Música; habilitação em Teatro.

Os cursos, depois de uma grande mobilização local da comunidade para garantir sua inclusão na UERGS, iniciaram em março de 2002. Trabalhei intensamente na direção da FUNDARTE para sua implementação e assumi a coordenação dos quatro cursos nos primeiros anos de funcionamento. Além disso, fui um dos professores do corpo docente inicial, o que inaugurou para mim minha carreira no Ensino Superior.

Como a universidade era muito pequena, éramos poucos professores, em torno de cinco específicos para cada linguagem; apenas a Música, em função dos diferentes instrumentos, possuía um corpo docente um pouco maior. Assim, assumimos, num primeiro momento, muitas disciplinas, em áreas bastante diferentes umas das outras.

Fiquei responsável por disciplinas de teorias da atuação, direção e orientação de estágios de docência. Foi fundamental essa diversidade de disciplinas, para a consecução de minha identidade docente como professor universitário. Era preciso muito trabalho de estudo e planejamento das diferentes disciplinas, mas isso me proporcionou uma experiência enorme com o planejamento das aulas.



O trabalho com os alunos e alunas era fascinante, pois havia um clima de entusiasmo generalizado, entre discentes e por parte do corpo docente, que se refletia na ideia de que estávamos iniciando algo valoroso, portanto, fazendo da maneira como achávamos que era a melhor. O corpo docente se reunia quinzenalmente para um planejamento coletivo e havia muita interação em função da proximidade que um prédio pequeno proporcionava. Não havia uma estrutura de atenção da universidade, pois tudo ainda era demasiado incipiente, as pró-reitorias começavam suas organizações, isso implicava estarmos por nós mesmos, sem muito apoio e estrutura, mas, ao mesmo tempo, dava-nos liberdade de fazer como achávamos por bem.

Os grupos de alunos e alunas que acorreram ao concurso vestibular eram de um perfil bem-marcado. Muitos deles e delas eram de classes populares; boa parte eram pessoas que já tinham experiência em arte e que aguardavam a oportunidade de uma formação superior; um grupo significativo vinha de pequenas cidades, nas quais as oportunidades de trabalho no campo artístico eram diminutas. Assim, o entusiasmo com os professores e professoras, com os conhecimentos aprendidos e com a ideia inovadora do curso proporcionava um clima de muito estímulo.

Outro aspecto marcante dessa experiência foi o fato de as linguagens artísticas serem muito próximas, seja geograficamente, todos tinham aulas no mesmo prédio, seja do ponto de vista pedagógico, pois havia





disciplinas compartilhadas e um trabalho colaborativo muito intenso entre os professores e professoras.

Em meio a essa construção e a essa transição entre a formação livre que a FUNDARTE oferecia e o direcionamento para o Ensino Superior, tive a ideia de abrir uma revista acadêmica. Naquele momento, no início dos anos 2000, as revistas ainda eram totalmente em papel e não havia muitas revistas no campo das Artes no Brasil. O formato dificultava o acesso e o trabalho editorial era manual. Nesse contexto, criei a Revista da FUNDARTE, periódico que, na primeira avaliação do Qualis, recebeu conceito A Nacional. Hoje a revista ainda figura nos estratos mais altos do Qualis e é uma referência na divulgação de pesquisas em artes.



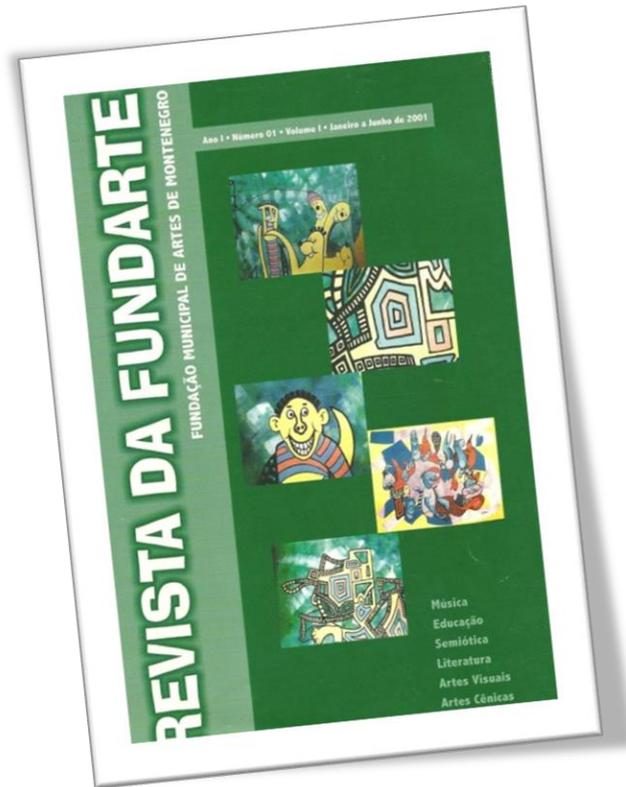


Imagem 4 – Capa do primeiro número da *Revista da FUNDARTE*, 2001, Montenegro, Brasil.



A revista propunha divulgar pesquisas das quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, e passou a publicar o trabalho de diversos pesquisadores nacionais. O fato de a FUNDARTE organizar anualmente ao menos dois grandes eventos: Seminário Nacional de Arte e Educação (do qual fui um dos organizadores nos anos de 2000, 2001, 2002 e 2003 e estive na comissão organizadora desde 1995) e o Encontro Nacional de Pesquisa em Arte (que criei em 2001), para a discussão com renomados pesquisadores nacionais e estrangeiros, ajudou a tornar conhecida a FUNDARTE em âmbito nacional. Assim, bastou-me fazer alguns poucos convites para os números iniciais e logo a revista passou a receber submissões espontâneas de todas as partes do país.

Outra ação inovadora e que fez ressoar as políticas culturais de Montenegro foi a proposta que apresentei para o Executivo e o Legislativo: a criação de um Fundo de apoio à cultura que a FUNDARTE implantou e gestiona até hoje. Nada mais importante do que políticas que sustentam a cultura de forma a garantir a participação de seus agentes.

Tudo isso fazia-me perceber o enorme volume de trabalho como normal, numa jornada de três turnos, além da viagem de uma hora de ida e uma hora de volta (às vezes um pouco mais, dependendo do trânsito na estrada), pois sentia uma felicidade enorme de trabalhar ali.





De tudo isso, restou a saudade e a certeza de que a FUNDARTE marcou para sempre a minha vida. Constitui-me professor, vinculou-me a pessoas tão especiais que fizeram e fazem a instituição, ensinou-me muito do pouco que sei.

Termino este texto apenas com um agradecimento, por todos os momentos que partilhei na FUNDARTE e pela esperança renovada que o trabalho em arte nos traz. Imagino com carinho as salas nas quais estive e em que se cria dia a dia muitos futuros.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

GISELE ANDREA FLACH



A FUNDARTE e Eu: um caso de amor de tirar o sono dos meus namorados

Minha história com a FUNDARTE começou em meados de 1986, quando eu tinha 6 anos de idade, na Escolinha de Arte. Fiz questão de colocar as datas para que vocês, caros leitores, tenham em mente que a FUNDARTE, nessa época, contava somente com um prédio de três andares e uma casa ao lado para a escolinha de artes, nos quais, como dizemos coloquialmente, “todo mundo conhecia todo mundo”.

Em 1988, com 8 anos, eu ingressei no curso de música, com o intuito de “tocar piano igual ao Richard Clayderman”. Imaginem a festa que minha família fez quando, 4 anos depois, eu aprendi a tocar o Pour Elise, de Beethoven, inteira? A minha tia, no verão, levava o teclado da filha para a praia só pra pedir: “Gizinha, toca aquela músicado Richard Clayderman?” Pobre Beethoven, teve sua obra roubada pois, na concepção da minha família, Pour Elise era uma música do “famoso e maravilhoso” Richard Clayderman. Não podemos tirar o mérito do Richard, afinal, ele difundiu o piano e inspirou muitas crianças e jovens, incluindo eu, a aprender piano. Mesmo assim, ainda tenho pena do Beethoven pois acho que, com todo aquele mau humor de um compositor à beira da surdez completa, ele não nos perdoaria por deixarmos que as pessoas acreditassem que o Richard é o “dono”, digo,



compositor de Pour Elise. Falha minha, na época, por não corrigir essa informação junto à minha família: peço perdão ao Sr Ludwig van Beethoven!!!

Antes de maravilhar a minha família com o Pour Elise de Beethoven (que, até hoje, a minha tia acredita que é do Richard), a minha professora, Júlia Hummes (minha primeira profe de piano e minha mãe do coração), me apresentou várias músicas da Turma da Mônica, uma mais linda que a outra! Obviamente, eu sabia todas essas músicas de cor porque costumávamos, meus irmãos e eu, alugar, todo santo final de semana, o mesmo VHS: A Rádio do Chico Bento. Filme esse que continha as músicas de cada personagem da Turma da Mônica. Voltando à aula de piano da profe Júlia (aula essa que eu não perdia por nada), adivinhem que música eu escolhi? A da Mônica?

104

Não, eu escolhi a mais difícil, porque achei a mais bonita: a música do Chico Bento.

Essa música tem um ritmo de baião na mão esquerda bem difícil (para uma criança) de sincronizar com a melodia da mão direita. A profe Júlia soube trabalhar bem esse ritmo comigo e, ao mesmo tempo, eu descobri o que é estudar um instrumento todos dias, afinal, eu não via a hora de chegar em casa da escola para poder tocar a música do Chico Bento. Imaginem o susto e a grata surpresa que a profe Júlia teve ao ver que, em uma semana, eu consegui tocar a primeira parte do Chico Bento. Esse Chico ficou para história!





Também com 8 anos, entrei no ballet porque, desde os 5 anos de idade, o meu sonho era “ser pianista, bailarina e falar inglês”. Confesso que neste último eu só me empenhei depois de adulta! Mas o ballet, apesar de ser uma criança gordinha, eu me esforçava muito. Assim como o piano, eu amava o ballet exceto pela implicância das minhas colegas, no primeiro ano, dizendo que eu tinha chulé que infestava o vestiário todo. Acontece que eu chegava uma hora antes da aula e eu juro que o cheiro já estava lá, mas ninguém acreditava em mim, fazer o que?! Mesmo com o contratempo do chulé, eu não faltava nenhuma aula, podia chover “canivetes” que eu estava na FUNDARTE, feliz da vida.

E o tempo foi passando, as aulas de ballet passaram a ser três vezes por semana ao invés de duas, as disciplinas teóricas de música também aumentaram, culpa do curso de Qualificação Profissional em Instrumento Musical, que eu ingressei por livre e espontânea vontade, além de participar do Coro Adulto e da Orquestra Infante Juvenil (carinhosamente chamada de Orquestrinha). Ou seja, eu passava mais tempo na FUNDARTE do que em casa (feliz da vida), tanto que as moças da limpeza brincavam comigo dizendo que eu deveria ter uma cama na FUNDARTE para não precisar ir para casa à noite. Houveram semestres em que tínhamos aula de História da Música às 12h, logo, eu saía da Escola São João 11h e 50min, passava em casa, engolia a comida, pegava minha bicicleta e voava para a FUNDARTE para chegar em torno de 12h e 15min na aula. Na época, 1995 mais ou menos, ainda se conseguia “voar” de bicicleta pela Osvaldo Aranha de maneira que,





pegando o sinal da João Pessoa aberto, era só “levantar voo” que os sinais da Ramiro Barcelos e Capitão Cruz estariam abertos. Eu amava fazer esse trajeto de bicicleta!

Em meio à toda essa rotina lotada de aulas na FUNDARTE, eu consegui, até hoje não sei como, arrumar o meu primeiro namorado, muito ciumento por sinal. No começo estava tudo bem, mas ele descobriu que eu tinha amigos que eram meus colegas no curso de música, então eu recebi mil recomendações do tipo: “não te arreganha (sorrir) pra homem nenhum, nada de rir de piadinhas e, de preferência, nem conversa com eles!” Como não conversar com meus colegas? Isso se tornou impraticável, afinal, ele tinha ciúmes até do regente do Coro Adulto. Fazer o que? Então, eu decidi que não deixaria a minha simpatia em casa só para agradar a doce criatura.

Esse meu namorado sofreu porque eu passava muito tempo na FUNDARTE e era a última a sair das aulas, e ele lá fora, à noite, no frio, me esperando. Mas, muitas vezes ele ameaçou: “vou jogar uma bomba naquela FUNDARTE só pra tu ter sossego em casa”. O pior de tudo é que ele não seria o único a dizer isso, ouvi a mesma frase de outro namorado anos depois, como se isso fosse mudar alguma coisa no meu caso de amor com a FUNDARTE.

Certa vez, em 1996, a Orquestrinha estava de viagem marcada para os Estados Unidos, onde faríamos uma turnê de apresentações pelo Estado de Indiana durante 15 dias. Mas o Grupo de Dança da





FUNDARTE tinha uma apresentação marcada no shopping DC Navegantes para a mesma data da viagem. Então, eu estava assistindo o ensaio do Grupo, na sala 5, sentada embaixo do piano de cauda, pois a professora teve que adaptar toda a coreografia sem mim, e comecei a chorar, de soluçar, porque eu queria dançar com o grupo e não queria viajar para os EUA. Uma situação absurda e comovente se criou naquele ensaio: uma criatura, eu, aos prantos que não queria viajar para os EUA para poder dançar com o grupo no shopping, e as colegas consolando aquela vivente de que a viagem seria muito mais interessante do que dançar no shopping. Seria trágico se não fosse cômico. No final das contas eu fui viajar, para o desespero do meu namorado, e as minhas colegas de grupo de dança tiveram uma experiência única: dançaram em um palco ao ar livre, em um linóleo preto que absorveu toda a calor do sol, queimando, assim, os pés das bailarinas (sim, a coreografia era com os pés descalços). Quando cheguei de viagem, as minhas colegas de ballet me mostraram o tamanho das bolhas nas solas dos pés que eu perdi, e virei motivo de piada até o final do ano pela choradeira que eu fiz naquele ensaio.

Tive muitos momentos marcantes enquanto aluna da FUNDARTE, um deles era tocar piano à 4 mãos com a colega e amiga Carolina Klein, parceria que durou anos e nos divertíamos muito. Era comum tocarmos em escolas, comércio local, recitais e até na gincana de Montenegro. Fui tão feliz tocando piano com a Carol, que na faculdade consegui convencer uma outra amiga, também chamada Carolina, a tocar piano



à 4 mãos comigo na disciplina de Música de Câmara. Esse gosto pelo piano à 4 mãos, também aprendido com a profe Júlia Hummes, me levou, mais tarde, a escrever arranjos para os meus alunos tocarem à 4 e 6 mãos, dando origem ao meu trabalho com piano em grupo. Antes de falar do meu tempo como professora, quero mencionar outro fato marcante que vivi na aula de Percepção Musical, também com a profe Júlia. Um belo dia, ela entra na sala e diz: “hoje vocês vão escrever a música Pacato Cidadão, do grupo Skank, tendo como base só a gravação.” Pensei eu, cá com meus botões: “ué?! Ela tá falando sério? Não, não pode ser sério... Gente, é sério mesmo! Então tá, se ela diz que dá, eu é que não vou correr da briga!” E eu gostava de um bom desafio. Levamos duas ou três aulas trabalhando em grupos, mas vencemos o desafio. Esse foi um divisor de águas para mim, desde então eu sempre tentava tocar as músicas partindo das gravações, como chamamos de “tirar de ouvido”. Quando lançaram o filme Titanic, adivinhem, eu já estava tocando a música e já escrevi a partitura para os meus alunos tocarem.

E o tempo passou, me formei no Curso Básico de Ballet e também, um ano depois, no Curso de Qualificação Profissional em Instrumento Musical: Piano. Nessa formatura, meus colegas tiveram a brilhante ideia de me eleger como Oradora de Turma, adivinhem o que aconteceu? Eu comecei a chorar horas antes, quando comecei a escrever o discurso, e continuei chorando quando li o discurso durante a cerimônia de formatura, novamente eu chorava de soluçar.





Resultado: toda a plateia chorou junto e alguns soluçavam também. Nesse mesmo ano, em 1997, eu já tinha sido aprovada na prova específica da UFRGS para cursar o Bacharelado em Piano, uma conquista enorme que toda a FUNDARTE apoiou e vibrou comigo. Só faltava passar pela pior parte: o vestibular, 5 dias de prova com duas matérias por dia. Mas deu certo, eu passei e toda a FUNDARTE vibrou comigo novamente. Mesmo ingressando na faculdade eu não consegui largar o ballet, continuei dançando até o final de 2002, feliz da vida.

Alguns anos se passaram até que, em 2007, a FUNDARTE abriu concurso para professor de piano, flauta doce, violino e teclado eletrônico. Era verão, minha grande amiga Fernanda Anders e eu estudávamos juntas na minha casa para as provas teóricas, didáticas e práticas. Foram tardes e noites intensas, mas o que nunca faltava era o sorvete. Estudamos muito e eu até fiz o acompanhamento de piano na prova prática da Fê. Fomos aprovadas, novamente a FUNDARTE vibrou conosco, afinal, nós éramos ex-alunas. E, em 2009, começa a minha fase, muito feliz também, de professora da FUNDARTE.

Nessa época, como até hoje, os alunos de início de curso tinham aulas em duplas e até em trios, o que me incentivou a criar arranjos para 4 e 6 mãos no mesmo piano. A medida em que meus alunos foram crescendo e evoluindo, eu pude criar arranjos mais elaborados, mas se fez necessário organizar um horário separado das aulas de piano para ensaiar esse repertório de grupo, essa disciplina foi chamada de Piano em Grupo. Essas aulas eram muito animadas pois os alunos tinham



muita afinidade entre si e adoravam tocar juntos, mas confesso que era uma bagunça, eles falavam tanto que as crises de riso eram comuns. A sala de aula era pequena e tinha uma janelinha de vidro na porta para que as pessoas vissem quem estava na sala sem precisar abrir a porta. Houveram ensaios em que eu via muitas pessoas na janelinha para ver quem estava tocando. Eu me divertia com isso porque eram sempre com músicas marcantes como do grupo ABBA, Michael Jackson ou Guns N' Roses, e os alunos estavam sempre tão concentrados que não viam o tumulto do lado de fora da sala. Eram nessas horas que eu me enchia de orgulho porque ninguém ficaria curioso com uma música que não estivesse bonita e bem tocada.

Uma outra aluna, que tinha aula teórica no andar de baixo no mesmo horário do Piano em Grupo, me confidenciou que, quando o grupo começava a tocar Michael Jackson, ninguém mais conseguia prestar atenção na aula pois não tinha como ignorar a música que vinha do andar de cima. Pobre professor do andar de baixo, devia ser difícil até para ele se concentrar na aula pois, além de ter uma maior projeção sonora (por serem quatro pessoas no mesmo piano), o ensaio do Piano em Grupo era bagunçado mas tinha uma boa qualidade musical.

Certa vez, em fevereiro, levei o grupo para tocar na Festa do Peixe, na beira do rio de Montenegro, e percebi que o público estava gostando do nosso repertório, mas faltava uma música. Então lembrei que todos esses alunos já tinham tocado individualmente a música Clocks, do Coldplay, e só perguntei: "você lembram de Clocks?" Falei rapidamente



quem deles fazia qual parte e começamos a tocar. Eles estavam apavorados porque nunca tinham tocado essa música em grupo, mas eu toquei junto e fui dizendo quando seria o refrão, a ponte e o final da música. Quando terminamos eles não acreditaram na loucura que eu tinha acabado de fazer: eu fiz com que eles tocassem em grupo, pela primeira vez, no meio de uma apresentação, uma música que eles só tocavam individualmente. Para eles, a loucura foi tanta que, ao final da música, eles não acreditaram que tinha dado certo. Isso virou piada interna, toda vez que eles lembravam do fato, me imitavam: “você lembram de Clocks?” Essa era a maneira que eles usavam para dizer que eu era uma caixinha de surpresas (ou louca) e que as minhas loucuras davam certo.

Eu nunca consegui dar aulas de piano sem me emocionar e vibrar com as conquistas dos meus alunos ou dar uma palavra de consolo e carinho quando eles desabafavam comigo sobre algum problema que os afligiam. Então, logo se criava uma relação semelhante ao de pais e filhos, assim eu, que nunca tive filhos, tenho muitos filhos de coração que vi crescerem e amadurecerem tanto musicalmente quanto como seres humanos, pois ficaram comigo por 6, 8 e até 10 anos tendo aulas de piano. Como não criar um laço forte e amar essas pessoinhas que cresceram comigo e me deram tanto afeto?

Quando descobri que tinha Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), no início de 2013 (aos 33 anos de idade), os meus alunos foram os primeiros a saber pois eles precisavam entender o motivo da minha





fala arrastada e das minhas possíveis crises de choro e riso (sim, um sintoma muito absurdo que até me fazia rir e chorar ao mesmo tempo). Os alunos se prevaleciam no ensaio do grupo e me faziam rir até cair, eles abusavam e riam junto, ou seja, o ensaio continuava uma bagunça, mas a gente conseguiu manter a qualidade musical. Houve momentos em que, esses mesmos alunos engraçadinhos, me faziam rir (na verdade eles esqueciam do meu problema) atrás das cortinas no meio do espetáculo de música. Eu queria matar aquele vivente porque eu levava uns 5 minutos até conseguir parar de rir e se eu olhasse para a cara do malandrinho a crise de riso começava de novo. Seria trágico se não fosse cômico.

Foram bons tempos, principalmente quando, em 2015, eu precisei fazer uso da cadeira de rodas para transitar pela FUNDARTE e os alunos jogavam par ou ímpar (jogo da sorte) para decidir quem iria me empurrar pelos corredores. Obviamente eu não tinha nem opção de escolha, sempre faziam corrida comigo na cadeira, como se eu não adorasse toda aquela folia no final do dia. Em outro dia da semana, eu dava aula para um rapazinho muito brincalhão numa sala do andar térreo, onde também fica a secretaria, e, sempre ao final da aula, ele tinha o prazer de me levar correndo até a recepção, para o pânico das secretárias que acompanhavam o trajeto só por precaução, mas para mim era uma diversão sem tamanho.

Fui obrigada a me aposentar em março de 2016 porque a Esclerose Lateral Amiotrófica já dificultava muito a minha fala e a minha rotina





ao ponto de eu precisar de ajuda para atividades básicas, como: me vestir, pentear os cabelos, escovar os dentes, etc. Mas não me arrependo de ter esperado até o último minuto para me aposentar, pois conviver com a família FUNDARTE e com os meus alunos/filhos com certeza retardou o avanço da doença em anos.

Mesmo aposentada, eu não tinha sossego em casa, eu tinha que ir para a FUNDARTE de vez em quando assistir o ensaio do Piano em Grupo para matar a saudade. Em uma dessas visitas, meu irmão e eu ficamos presos no elevador durante um temporal e o elevador ficou parado entre o segundo e terceiro andar, sendo que, com a porta aberta, só tínhamos 50cm de espaço para sair, ou seja, tivemos que esperar os bombeiros virem nos resgatar. Essa espera, de 30 minutos aproximadamente, foi super divertida porque a FUNDARTE inteira parou, em pânico, porque eu, cadeirante, estava presa no elevador. Todos vieram, em algum momento, averiguar a minha situação: uns ficavam horrorizados; outros diziam que os bombeiros estavam apagando um incêndio e que iriam demorar muito; e outros me ofereceram até papel higiênico para eu passar a noite ali no elevador. Eu me diverti muito, mesmo vendo o nervosismo disfarçado do meu irmão, nessa situação tão inusitada. Quando os bombeiros chegaram, toda a FUNDARTE ficou esperando por mim no térreo, mas os bombeiros só conseguiram descer o elevador até o segundo andar e desceram comigo pela escada até o andar térreo (confesso que nessa hora eu tive medo), onde uma plateia muito animada nos esperava com



uma salva de palmas de dar inveja. O mais divertido, nesse momento de alívio e alegria, foi ver a timidez dos bombeiros com a salva de palmas, acho que eles teriam se escondido embaixo da minha cadeira se pudessem.

Para concluir, meu caso de amor com a FUNDARTE já dura tantos anos, (vou calcular: $42 - 6 = 36$ anos, para ser mais exata) que não é qualquer esclerosezinha que vai nos separar. Amores vem e vão, mas o que nunca vai mudar é que a família FUNDARTE está enraizada no meu coração!





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

GORETE JUNGES



O QUE EU CONVIVI NA Fundarte

Eu não convivi, eu vivi a FUNDARTE, 27 anos como servidora e atualmente, 8 anos na Associação Amigos da FUNDARTE.

Nunca esquecerei quando, estagiária, em meu primeiro ano, 1986, trabalhei em um Encontro de Coros Infantis e Orquestra Infanto-Juvenil da FUNDARTE, no Teatro Roberto Atayde Cardona. Durante todo evento e no final, orquestra e corais, pensei que aquele era o meu lugar, o melhor lugar do mundo

Nestes anos todos trabalhei muito, muito mesmo. Inicialmente orientada por D. Therezinha Petry Cardona, sempre com um nível alto de exigência, contribui para solidificar a imagem da FUNDARTE e educar através da arte, centenas de crianças e jovens. Também nos espetáculos, a alegria de ver a emoção nos rostos das pessoas, em tantas oportunidades. De um prédio de 3 andares, passamos para um prédio de cinco andares. Nós mesmos fazíamos os jantares dos artistas em uma cozinha minúscula no andar térreo, hospedávamos as pessoas em nossas casas e íamos cultivando amizades. Veio a TV Cultura, veio a UERGS, os Seminários, os Encontros, os Salões de Arte, e eu, acumulando maravilhas, pessoas novas, cabeças voltadas para o mundo, ideias sem fim.



A FUNDARTE me definiu como pessoa, elegeu meus gostos artísticos e o costume de frequentar ambientes de arte. Fiz amigos para toda vida, colegas de trabalho, professores e artistas com o privilégio de presenciar seus talentos e habilidades.

Trabalhar ouvindo música, ser surpreendido pelos alunos de teatro ou artes visuais em suas performances e instalações. Ver centenas de alunos de ballet iniciarem crianças e transformarem-se em adultos, foi como ver os membros da família crescendo.

Penso sempre que sou uma pessoa muito afortunada por ter vivido e viver ainda neste ambiente sem igual. Muitas vezes ouvi dizer que a Fundarte é elitista. Nunca vi em outro lugar, maior inclusão do que na Fundarte. A condição das pessoas nunca foi fator que favorecesse ou prejudicasse alguém. Sempre vi as oportunidades sendo dadas para todos. Eu mesma, vinda de família humilde, me tornei uma apreciadora de arte e arte erudita. Sou da elite. Sim, da elite que quis conhecer e apreciar arte.

Acho sinceramente que os artistas tem um olhar a mais sobre a vida, uma maior capacidade de percepção e compreensão das coisas. Por isso, às vezes, chocam com suas atitudes e sua arte, porque enxergam onde muitos não veem nada.

Não posso olhar para vida sem incluir a Fundarte. Ela presenciou meus felizes e tristes momentos e com certeza contribuiu para me tornar a pessoa que sou hoje. Se pudesse, voltaria no tempo para poder



começar tudo outra vez, sentir novamente, todas descobertas e emoções que a Fundarte me deu.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

IEDA DE FREITAS GEWEHR



Corria os anos 80 e nós de Montenegro, Ivone Gonçalves, Lizandre Panitz e eu, nos reunimos, para participarmos de um trabalho de faculdade: um Áudio-Visual - e um jornalzinho sobre o Projeto Cura. Sobre as obras que oportunizariam Montenegro a receber a demanda habitacional prevista que Montenegro, com a chegada de empresas e de novos moradores, vindos pela instalação do Polo Petroquímico, na comunidade e Região.

Nessa época, já conhecíamos o casal Therezinha Petry Cardona e Roberto Atayde Cardona, então deputado estadual, entusiasta pela instalação do Polo Petroquímico de Montenegro, iniciamos trabalho de campo, na busca de informações para a nossa tarefa. Visitamos as obras realizadas pelo Projeto Cura: Escolas, prédio da Assistência Social, Corpo de Bombeiros, Via II e o Complexo Cultural de Montenegro (Biblioteca Hélio Alves de Oliveira, Auditório Roberto Atayde Cardona e FUNDARTE). Portas foram abertas e conseguimos realizar um bom trabalho, que nos rendeu uma excelente nota.

Esse foi o primeiro contato físico com a Fundação Municipal de Artes de Montenegro, com a Diretora Executiva Sra. Therezinha Petry Cardona, embora sabíamos do Conservatório de Música, origem da Fundação.

Depois, em 1986, minha filha Gisele com 6 anos e filho Gabriel com 2, fui convidada a trabalhar no Setor de Comunicação da FUNDARTE, por





Dona Therezinha. Os filhos, nessa época, estudaram na Fundação, com bolsa de estudos do SESI. Trabalhei até 1992/93, quando, já aposentada, assumi de vez o meu empreendimento a Casa da Vovó, mas o vínculo e o carinho pela Fundarte, mantém- se até hoje.

Integro a AAF – Associação Amigos da Fundarte e esses pouco mais de 6 anos vividos como funcionária, foram marcantes, intensos, cheios de amor pelas artes. Embora não tenha aptidão definida em artes, aprendi a valorizar e apreciar as artes com todos os meus sentidos. O que mais me agradou, nesse período, foi ter criado, com a colaboração de colegas, o primeiro jornal da Fundação. Simples, bem artesanal, mas que muito serviu como elo de divulgação de todas as atividades da Fundação. Estive na coordenação por 5 anos. Parabéns Therezinha, Parabéns Júlia e a todos os Diretores executivos, bem como professores, alunos por continuarem fazendo arte e levando a arte em todos os cantos de Montenegro, Brasil e Mundo. Vida Longa à FUNDARTE, nosso orgulho.

Abs,

Ieda de Freitas Gewehr.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

JÚLIA MARIA HUMMES

(Versão Manuscrita)

A história que conto inicia antes de 1973 quando o Conservatório de Música de Montenegro ainda não existia. Eu e minha irmã estudávamos piano na casa de professora Renate Thomas e eventualmente ela promovia alguns recitais em sua casa ou no clube Riograndense. Em 1973 a turma de prof.^a Renate uniu-se a turma de professora Therezinha Petry Cardona e aí iniciou-se o Conservatório de Música que na verdade já existia em anos anteriores mas tinha se extinguido.

1973 marca o início desta caminhada de Fundação que se torna Fundação Municipal de Artes de Montenegro em 1981 quando passou a integrar o prédio do Centro Cultural na rua Capitão Pafonso 2144. Antes ficava em um prédio público em frente a Prefeitura Municipal, local onde outrora foi um presídio.

Neste início de conservatório cheguei a estudar contrabaixo quando foi formada a primeira Câmara de Montenegro mas meu instrumento principal sempre foi o piano. Nesta época tínhamos uma aula individual de piano, aula coletiva de teoria da música e uma aula coletiva de leitura no piano onde realizávamos leituras e primeiras vistas (cada um lia uma mão) em duplo ou mesmo peças a 4 mãos. Também era bem frequente o trabalho de música de câmara onde o piano acompanhava, e flauta, ou o cello, ou o violino ou o canto. Com esta diversidade musical já estava caracterizado o que hoje é a Fundação



O violão era um instrumento que também se destacava como o piano por ter um grande número de alunos. E foram surgindo mais e mais alunos até que o espaço ficou pequeno. Já em 1981 as áreas também tinham se diversificado ampliando para Dança, Artes Visuais e finalmente o Teatro.

Todo final de ano já era grande a movimentação pois todas as áreas queriam mostrar a produção construída no ano.

Foram se formando os grupos artísticos e a Fundação foi ampliando seus horizontes para fora de Montenegro tornando-se conhecida e reconhecida no território nacional.

Hoje ainda realiza o Seminário Nacional de Arte e Educação em sua 27ª Edição, reunindo celebridades do Brasil e até mesmo de outros países, como Fernando Hernandez, Federico Galigó, Gaiza, Débora Calmer, entre outros. Destacando no cenário nacional Ana Mae Barbosa que é uma de "cabeças" mais importantes de Arte/Educação no país.

Segue divulgando Montenegro para o mundo através do Salão de Arte 10x10 que seleciona trabalhos em pequenos formatos e premia-os para a exposição na Galeria de Arte Loide Schwanbach.

A Fundação hoje possui um teatro com o nome de sua fundadora - Therezinha Petry Cardoso - que traz espetáculos de várias artes e contempla a comunidade com o saber artístico.



A Fundarte é uma escola de Artes com 48 anos, que além do Teatro e da Galeria, possui um canal aberto de TV Cultura e um Editora Eletrônica.

Como escola de Artes recebe aproximadamente 1300 alunos anualmente e possui 10 grupos artísticos.

Eu poderia falar mais detalhadamente das ações de Fundarte porque estou neste "espaço" desde o início. Me estimei alguns poucos anos quando fui morar fora de Montenegro mas logo voltei.

Atualmente sou Diretora Executiva pela segunda vez mas trabalho na área de música há mais de 30 anos. Atuei como professora de piano, de percepção musical, musicalização de adultos, apreciação musical, teclado, e também atuei na pesquisa que a Fundarte teve com a UERGS.

A Universidade Estadual do Rio Grande do Sul foi sediada na Fundarte desde o início da criação dos cursos de Artes. Fiz parte da equipe que elaborou o projeto e de aulas para a área de música de Percepção e Teoria, Metodologia do Ensino, Pesquisa em Música, Mídias Práticas Pedagógicas e Estágio Supervisionado. Além disto desenvolvi um projeto de extensão com a TV Cultura do Vale e UERGS, chamado "Por Dentro da Arte" onde produzi mais de 200 programas com 3min. de duração. Hoje este material se encontra na biblioteca de Fundarte para consulta didática.





São muitos anos, e muitas mudanças, no entanto não me sinto impactada por estas mudanças porque fui acompanhando de forma gradativa. De algumas coisas sinto saudade, e de outras tenho mais admiração. Penso que velocidade, quantidade e qualidade são as palavras que norteiam as mudanças.

Tudo acontece mais rápido, talvez pela facilidade que a tecnologia nos trouxe, mas, muitas vezes, esta velocidade prejudica a qualidade do trabalho. Não adiante tocar várias músicas se todos estão trabalhando superficialmente, as vezes a quantidade "sacrifica" a qualidade.

O que me parece, falando de minha memória é que nos tempos iniciais os estudos eram mais aprofundados, mais calmos e mais detalhados.

Não vi mais trabalhos como o que fizemos sobre Villa-Lobos, sua história e sua obra, só pra citar um exemplo. Todos tocaram uma ciranda ou cirandinha deste nobre compositor além de lerem e discutirem sobre sua história e sua importância no cenário nacional e internacional.

Disto tenho saudade,.... estudos longo e profundos tanto que as imagens vieram para minha memória neste instante, assim como os sons.

Júlia Maria Hummer,
18/10/2021





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

LUCAS PACHECO BRUM



Experiências, vivências e partilha de conhecimentos no espaço expositivo da FUNDARTE

Em abril do ano de 2011, cheguei à cidade de Montenegro/RS para estudar no tão sonhado e desejado curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS. Para minha surpresa, ao chegar à universidade, no primeiro dia de aula, me deparei com uma sala de teatro, uma sala preta, salas de balé, salas de ateliês, uma galeria de arte e um estúdio de televisão que estava em construção, que até então nunca tinha visto e nunca tinha entrado em algum desses espaços. Vindo da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul/RS para estudar, esses espaços não faziam parte da minha vida cotidiana.

Foi nesse dia que um mundo de possibilidades, sonhos, desejos, vontades, sentimentos e fantasias tomavam conta do meu corpo, dos meus pensamentos e dos meus pés a cada sala em que entrava, a cada corredor que percorria e a cada andar do prédio que subia ou descia. Foi nesse dia que conheci a Fundação de Artes de Montenegro – FUNDARTE, cuja instituição de reconhecimento nacional, em parceria com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, sediava - e ainda sedia - os cursos de Licenciatura em Música, Teatro, Dança e



Artes Visuais. Foi nesse momento tão importante do início da minha vida acadêmica e profissional que fui apresentado à FUNDARTE, principalmente ao espaço da Galeria de Arte Loide Schwambach.

A partir desse momento, a minha relação com a instituição se estabelecia e se fortalecia. Logo, após a ingressar no curso de Artes Visuais, fui convidado a integrar a Rede de Mediadores da Galeria de Arte Loide Schwambach – FUNDARTE. O convite em fazer parte de uma rede que fazia mediações das exposições artísticas que estavam sendo expostas na galeria, foi o divisor de água da minha formação. Integrar a rede de mediadores, conviver com outras mediadoras, estar dentro de espaço de exposição de reconhecimento nacional e participar do planejamento anual das exposições da galeria foi imprescindível na minha vida como professor e pesquisador. Daí em diante, novos caminhos, rotas e mapas de aprendizagens se apresentavam à minha frente, bem como outras possibilidades de compreender o mundo, a vida, a arte e suas possíveis e múltiplas relações com a educação.

Durante a minha passagem de quatro anos como mediador dentro da galeria, tive o privilégio de realizar mediações para diferentes públicos (Imagem I), de várias faixas etárias, a partir das exposições que estavam sendo expostas na galeria. Além de ser mediador, também tive a oportunidade de conhecer os portfólios e as propostas das exposições dos/as artistas e planejar, apresentando propostas pedagógicas a partir das exposições. As convivências e as trocas de experiência dentro do espaço expositivo com outras mediadoras,





artistas, públicos e o contato direto com as produções artísticas contemporâneas foram singulares e fundamentais na minha vida acadêmica e artística, pois tive a oportunidade de ampliar o meu repertório artístico/cultural e tecer relações interdisciplinares que desenvolvia na época como bolsista de iniciação científica.





Imagem I: Mediação Realizada na Galeria de Arte Loide Schwambach com as estudantes do Ballet, no ano de 2013. Imagem do acervo da FUNDARTE.



Para além das mediações e das vivências realizadas na galeria Loide, a rede de mediadores da FUNDARTE, me proporcionou a realização de oficinas artísticas, no projeto Viva Bairro, nos bairros da cidade de Montenegro/RS, juntamente com outras mediadoras. Durante a minha estada na galeria, também integrei o projeto “Ação Educativa na Galeria de Arte Loide Schwambach – FUNDARTE”, idealizado em parceria entre a Escola Estadual de Ensino Fundamental Cel. Álvaro de Moraes da cidade de Montenegro e a Associação Amigos da FUNDARTE – AAF. O projeto fazia parte do Programa Mais Cultura nas Escolas – edição 2014, um programa do Governo Federal, realizado numa parceria interministerial entre MinC e MEC. O projeto foi executado no período de agosto do ano de 2014 a julho do ano de 2015, com a atuação dos integrantes da Rede de Mediadores e da coordenadora da Galeria.

132

O objetivo principal do projeto era promover o acesso à galeria e ao conhecimento das produções artísticas contemporâneas às turmas de 1º a 4º ano do Ensino Fundamental da escola, buscando integrar os/as estudantes à galeria, ampliando os seus repertórios visuais, artísticos e estéticos, bem como contribuir para processos de ensino-aprendizagem mais criativos e significativos. O projeto também previa ações educativas para os/as estudantes e cursos de formação para os professores/as das turmas, a partir das exposições de produções contemporâneas em arte, que foram realizadas mensalmente na Galeria de Arte Loide Schwambach (Imagem II e III).



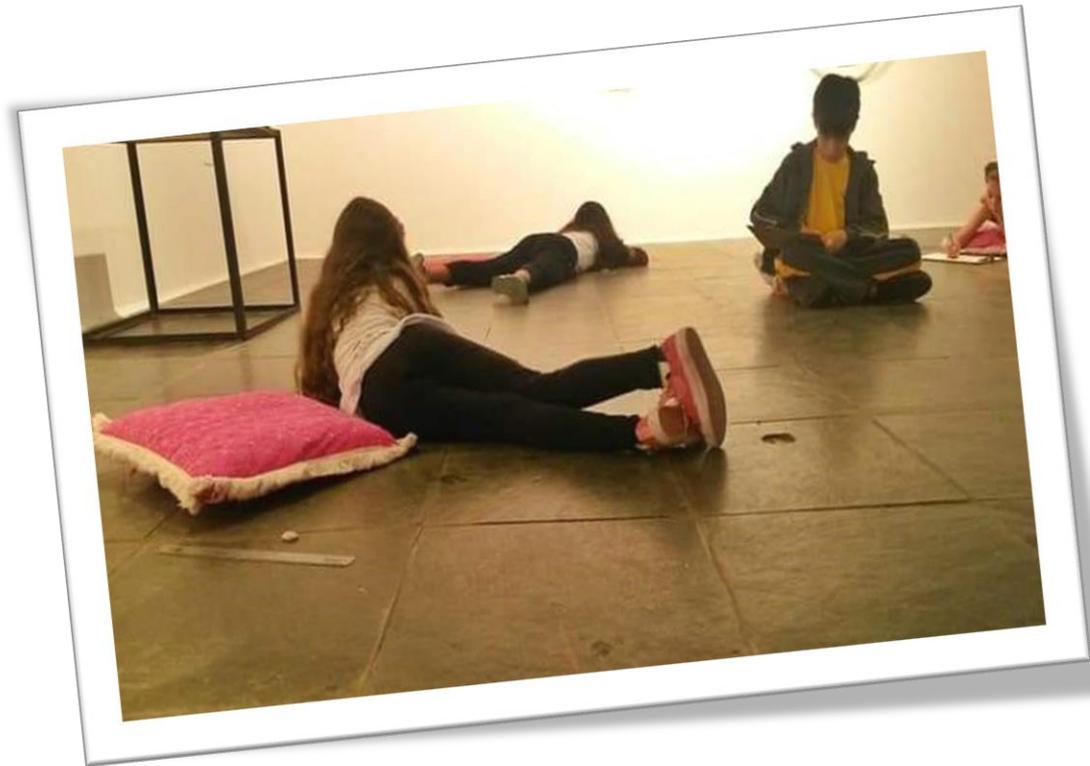


Imagem II: Mediação Realizada dentro da Galeria de Arte Loide Schwambach, no ano de 2014. Imagem do acervo da FUNDARTE.



Imagem III: Realização de uma prática com estudantes, após uma mediação, no ano de 2014. Imagem do acervo da FUNDARTE.



Além disso, o projeto oportunizou a todos/as os/as envolvidos formação continuada e encontros com profissionais da área de Artes Visuais – artistas, professores/as e mediadores/as –, além de oficinas práticas de artes visuais, contribuindo para a fomentação do conhecimento artístico, articulando com os saberes escolares. Diante disso, a galeria passou a ser um espaço de reflexão e problematização que proporcionou ao público conhecimentos e vivências com e sobre a arte contemporânea. Esse projeto desenvolvido dentro do espaço expositivo da FUNDARTE, em articulação com a escola, pensando arte e educação como potência de aprendizagem, aproximou ainda mais minha relação com essa instituição.

No final do ano de 2014, na realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso, a Galeria de Arte Loide Schwambach, mais uma vez aprendi com a galeria, pois a mesma se tornou o meu objeto de estudo e de pesquisa, a partir da intimidade que estabeleci com as paredes que carregavam e asseguravam os objetos bidimensionais, com o chão que nele pisei e me sentei por diversas vezes, para ensinar, explicar, mover pensamentos, perguntar, indagar, questionar o público que visitava. Como também a vitrine e a porta de vidro que sempre chamava a atenção das crianças para não se encostar e ter cuidado com as mesmas, quando realizava mediações. Conhecendo o seu espaço, as dimensões das suas paredes e da sua planta baixa, o cubo expositivo passou ser o meu objeto de investigação. Não foi qualquer cubo expositivo, foi a Galeria de Arte Loide Schwambach com que por muitos



anos manteve intimidade, relação, afeto e partilhas de conhecimentos e experiências.

A galeria, assim, no meu processo de criação e de pesquisa ganhou novas (re)configurações (BRUM, 2015): paredes foram criadas no meio da galeria, fragmentos do teto rebaixados, rampa foi colocada no lugar da vitrine, coluna surgiam no interior do seu espaço, degraus foram posicionados em alguns lugares para dificultar a passagem do público e a porta com outras dimensões foi produzida (Imagens IV, V e VI).





Imagem IV: Exposição do Trabalho de Conclusão de Curso “Da reconfiguração do espaço expositivo para um caminho poético” (BRUM, 2015). Imagem do meu acervo pessoal.



Imagem IV: Exposição do Trabalho de Conclusão de Curso “Da reconfiguração do espaço expositivo para um caminho poético” (BRUM, 2015). Imagem do meu acervo pessoal.



Imagem V: Exposição do Trabalho de Conclusão de Curso “Da reconfiguração do espaço expositivo para um caminho poético” (BRUM, 2015). Imagem do meu acervo pessoal.



Ao finalizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso e não fazendo mais parte da equipe da Rede de Mediadores, a galeria, bem como a FUNDARTE, nunca deixaram de existir nas minhas memórias afetivas e nas minhas lembranças pedagógicas e expositivas. Nas minhas andanças acadêmicas, mesmo de longe, sempre mantive contato com a galeria e com essa instituição. Por diversas vezes visitei a Galeria de Arte Loide Schwambach, prestigiando as exposições dos/as artistas e o “famoso” Salão de Arte 10 x 10 realizado pela FUNDARTE, o qual tive a honra de participar da sua 4ª edição do ano de 2013. Cada visita, ao longo desse tempo, foram recheadas de memórias, lembranças, recordações que se fundem entre o passado e o presente, provocando meus pensamentos, imaginários, interrogações, inquietações e fabulações.

140

Movido pelas lembranças e imagens afetivas e por aquilo que a FUNDARTE deixou em mim e representou – e ainda representa – na minha formação acadêmica e profissional, depois de anos, mais tarde, eu retornei a essa instituição. Como afirma o cineasta alemão Wim Wenders (2002) muitas memórias e “imagens, uma vez que entram em nós, continuam a viver dentro de nós” (Apud CUNHA, 2008, p. 102). Diante disso, retornei com alegria em poder pisar, entrar, sentir, visualizar e pensar novamente no espaço de exposição da galeria. Desta vez, voltei como curador, realizando a curadoria da exposição “Nichos Urbanos – Frutos da Ligação” da artista Michele Martines (Imagem VI), realizada nos meses de março e abril do ano de 2022.





Imagem VI: Registro da Exposição “Nichos Urbanos – Frutos da Ligação” da artista Michele Martines, no ano de 2022. Imagem do acervo pessoal da artista Michele Martines.



Ao entrar novamente nesse espaço expositivo, as minhas memórias, pensamentos e imagens foram acionadas e fluíram das paredes, da pilastra e dos cantos da galeria. Michel de Certeau afirma que “seja qual for a memória, elas são tocadas pelas circunstâncias” (1994, p. 163). O autor diz ainda que “essas escrituras invisíveis (aquilo que recordamos) só são claramente lembradas por novas circunstâncias. Essa escritura ordinária e secreta “sairia” aos poucos, onde fosse atingida pelos toques” (CERTEAU, 1994, p. 163).

São essas “novas circunstâncias”, vivenciadas dentro da galeria, que muitas vezes sou deslocado aos guardados que estão nas gavetas e prateleiras das minhas lembranças e memórias. Memórias que fazem parte da minha vida como professor, pesquisador e estudante. São memórias e experiências que constituem o meu presente e me fazem refletir sobre o futuro. Nesse sentido, sou grato à FUNDARTE e à Galeria de Arte Loide Schwambach dessa instituição pelas oportunidades de aprendizagens, construções de conhecimentos, encontros vivenciados e trocas de experiências que me proporcionaram e facilitaram ao longo da minha caminhada profissional.

Parabéns à FUNDARTE pelos seus 50 anos de história e compartilhamento de saberes e fazeres artísticos!!

Parabéns à Galeria de Arte Loide Schwambach pelos seus 20 anos de exposição e fomentação de arte contemporânea!!

Lucas Pacheco Brum



Referências

BRUM; Lucas, Pacheco. Da reconfiguração do espaço expositivo para um caminho poético. **Revista Da FUNDARTE**, nº, 29, p. 13 - 33, jan./jun. 2015. Disponível em:

<<https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/309>>. Acesso em 15 de julho de 2022.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cultura visual e infância**. Artigo apresentado na 31ª Reunião da ANPED, na mesa Cultura visual, gênero, educação e arte, em outubro de 2008, em Caxambu, MG. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Cultura%20visual%20e%20infancia.pdf>>. Acesso em 12 de julho de 2022.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

LUCIANA POLLET



A Fundarte foi minha primeira experiência de ensino. Antes mesmo da alfabetização já frequentava a então chamada Escolinha de Artes, que ficava em uma pequena casa do outro lado da rua do prédio principal. Ali as paredes eram decoradas com pinturas dos próprios alunos e as mesas com esculturas feitas pelas mesmas pequenas mãos. Os pneus velhos viravam balanços e obstáculos no chão e a pitangueira nossa casa de árvore... Daí literalmente a poucos passos já estava na música, aprendendo sua iniciação, cantando no coral e me aventurando nas notas do piano. Mas foi mesmo na dança que me encontrei, do balé clássico ao contemporâneo desbravamos palcos pelo rio grande e fora dele com o Grupo Experimental de Dança da Fundarte, uma “família” de muitas irmãs, cada uma com seu perfil, mas que dançando falavam a mesma língua. Tive que um dia me despedir, pra traçar objetivos e buscar o sonho de me tornar médica. Enfim, por mais de 10 anos meus contraturnos escolares foram aí, virou uma espécie de lar, o qual saudosamente hoje reverencio pela qualidade das suas atividades, reconhecidas em âmbito nacional e internacional. Sempre que possível prestígio suas atividades e ajudo para que possa manter sua característica também social. Como diz o ditado: o bom filho à casa retorna. Agora escrevo minha experiência, um pouquinho de onde minha vida se entrelaçou com a da Fundação de Artes de Montenegro. Quem sabe? Daqui a algum tempo poderá ser meu filho Matteo a percorrer esses corredores, continuando essa linda história.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MARCELO BRUNO



FUNDAÇÃO 50 ANOS DE ARTE E CIDADANIA!

Uma instituição pública, voltada para o ensino e divulgação das artes, que completa 50 anos, já é, por si só, motivo de orgulho e comemoração em qualquer parte do mundo. Se trouxermos isso para a realidade de nosso país, isto se torna uma façanha, algo que só é possível graças a inserção e ao reconhecimento que essa instituição tem junto a sua comunidade. Assim é a Fundação Municipal de Artes de Montenegro ou FUNDARTE como é mais conhecida! e como é conhecida!

Por meio de uma atividade intensa, como promotora de eventos culturais, seminários, festivais, recebendo espetáculos, além de outras atividades nesses 50 anos, vem levando nome de sua cidade para muito além das fronteiras de nosso Estado. Existe uma verdadeira simbiose entre Montenegro e FUNDARTE, uma remete quase diretamente a outra!

Tenho a honra de participar como professor há quase três décadas dessa Fundação e posso perceber facilmente essa relação. Ainda trago na memória as primeiras impressões que tive ao iniciar minha trajetória docente na FUNDARTE. Na cabeça daquele então jovem professor, recém saído do curso de Bacharelado em Música, pensando em repetir à fórmula que até então vivenciara em sua formação que visava a





profissionalização. Foi uma grande surpresa me deparar com uma linha pedagógica adotada pela FUNDARTE: a ARTE-EDUCAÇÃO.

É por meio desta linha pedagógica, que não tem como objetivo principal a formação de profissionais desta área e sim oportunizar o acesso à Arte como linguagem expressiva, proporcionando acesso à diversidade cultural, trazendo sentido a experiência humana individual e coletiva na Educação que se dá a maior vinculação da FUNDARTE junto a sua comunidade.

Parabéns Montenegro! Vida longa à FUNDARTE!

Marcelo Bruno

148



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MARCELO OHLWEILER



O que eu convivi na Fundarte

Iniciei meus estudos na Fundarte em 1988. Meu primeiro professor de violão Marcos Kröning Corrêa, foi muito importante para minha formação e escolha pelo caminho acadêmico. Me formei no Curso Básico em música na Fundação em 1990. Neste mesmo ano tive a oportunidade de iniciar minha trajetória docente como monitor substituindo o prof. Marcos Corrêa lecionando violão. Em 1993 me formei no Curso Técnico em Educação Musical na FUNDARTE mesmo. Nesse período foram muitas apresentações em PEARTES, Recitais, e participação em todos Seminários de Arte Educação desde 1990, em todos os eventos promovidos pela instituição. Desde o início sempre acreditei e investi na carreira de artista/professor, aliando a experiência de tocar diversos gêneros musicais em diversos Grupos e Bandas, com a carreira de professor. Em 2006, através do convênio Fundarte-UERGS me formei no Curso de Licenciatura em música. Posteriormente concluí o Pós-Graduação em Gestão Cultural pelo SESC. Nesses mais de trinta anos de atividade presenciei e participei de grandes produções da Fundação. Lembro bem da gravação e participação do Festival Canta Montenegro nos anos 90. Grandes músicos vieram para cidade para se apresentarem. Neste Festival foi gravado um LP com os classificados, ao qual participo com duas canções.





Lembro também da apresentação junto com o Coral da FUNDARTE ao qual tocamos Boemian Rapsody do Queen. Lembro do show no Centenário a beira do lago com Coral e Banda, ao qual o palco foi afundando quando terminávamos de tocar a música, esta história é bem pitoresca, mas todos lembram com muito carinho da apresentação.

Outro fato marcante ocorreu nos anos 90, quando montamos uma Banda de Rock especialmente para tocar com a Orquestra Infanto-juvenil da Fundarte. Projeto muito audacioso para época a meu ver. Essa proposta de unir Orquestra com Banda de Rock retomamos em 2012. Juntamente com a Banda Insite tocamos dois concertos memoráveis com a Orquestra de Sopros da Fundarte. Realização de sonho antigo, de tocar músicas minhas com arranjos e execução junto com Orquestra.

Em 2014 também tive o prazer e o privilégio de lançar meu CD Solo, Paisagens, no Teatro Therezinha Petry Cardona da Fundarte. Projeto esse planejado por muito tempo até se concretizar.

Outro momento marcante foi na formatura de meus alunos na Fundação. Poucos alunos conseguem finalizar e se formar no curso. Muito gratificante ver o reconhecimento e o esforço dos alunos nos recitais e a importância da família nesse processo.

Hoje sou um dos professores da Fundarte há mais tempo em atividade, apenas a professora Júlia está há mais tempo que eu. Nesse longo





tempo, em atividade na Fundação, conheci alunos e colegas incríveis. Alguns professores se tornaram também meus amigos, pessoas que acompanharam toda minha trajetória lá do início, como aluno, passando para monitor e depois como professor. Foram e são muito importantes para minha formação, são referência para mim. Posso dizer que a Fundarte é a minha segunda casa. Uma opção e uma escolha de vida. Toda minha trajetória, formação e realizações devo a Fundarte. Tenho o privilégio de trabalhar numa Fundação de Artes que é referência em Educação. Gratificante e recompensador lembrar e vivenciar essa história e fazer parte disso tudo. Só tenho a agradecer. Parabéns pelos 50 anos!











O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MÁRCIA PESSOA DAL BELLO

(Versão Manuscrita)



O que Eu Comi Vidi na Fundação

Ser convidada a falar de mim e da Fundação é como se eu tivesse que falar da minha vida, pois a Fundação é a minha vida.

O meu ingresso na Fundação, em 1989 marcou o período em que tive os primeiros contatos com as Artes, de forma mais intensa. Claro que na minha vida pregressa convivi com as artes, tanto na escola, onde a Arte ^{se} aparecia nas datas comemorativas, quanto em casa, com a minha família, cujo contato se expressava na admiração aos meus ídolos ocidentais, principalmente, os da música e do teatro. Entretanto a imersão nas linguagens artísticas, de forma tal, que não conseguia mais ir o mundo sem arte, se deu a partir da minha entrada na Fundação, como coordenadora pedagógica. Nessa época, os meus ídolos passaram a ser meus colegas músicos, atores, bailarinos e artistas visuais, quando comecei a conviver diariamente com pessoas que admiro e com uma instituição cujo trabalho me faz transbordar de um sentimento de êxtase e encantamento.

Quando olho para trás, revendo e refletindo sobre o que vivi e continuo vivendo na Fundação becebo, claramente, que esta instituição que tanto admiro e conheço ao fazer parte, deu um grande sentido à minha vida e me mostrou a grande relevância que tem o ofício de ensinar através da Arte, promovendo o seu acesso a todos que assim o desejarem, de forma democrática, igualitária e inclusiva.

Ter a oportunidade de acompanhar a vida dos alunos que buscam a Fundação para estudar Arte, e aqui iniciam o curso, passando a fazer parte das nossas vidas, faz de mim uma pessoa realizada profissionalmente. É maravilhoso vê-los se desenvolverem, ter a alegria de comemorar a formatura de muitos, conviver com outros que permanecem aqui por algum tempo, e dessa forma, ter a oportunidade de poder observar a sua transformação, a partir do conhecimento das linguagens artísticas.

Não posso deixar de mencionar a satisfação que os projetos sociais me provocam, os quais são promovidos pela Fundação, cujos principais objetivos são a descentralização e a acessibilidade do ensino das Artes, os quais atendem mais de 800 alunos, para quem o acesso às Artes lhes é negado, por diferentes razões. Sou muito grata por ajudar, diretamente, a concebê-los, bem com executar a maioria desses projetos.

Toda minha gratidão à Fundação pelos meus títulos de Mestre e Doutora em Educação, por sempre ter sido estimulada a me desenvolver e investir na minha formação





recebendo todo apoio para a realização destes cursos, os quais dedico a essa instituição que tanto fez por mim, em cujas pesquisas desenvolvi a parte de trabalho que realizei na Fundarte. O Mestrado, na área da música e o Doutorado, no teatro.

Para finalizar e sendo sabedora da limitação de espaço que tenho para esta narrativa, ressalto que nem em 1000 páginas conseguiria expressar todo o amor que tenho por este lugar que me acolheu e me constituiu, não só profissionalmente, mas como ser humano.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MÁRCIA PESSOA DAL BELLO



O que eu convivi na FUNDARTE

Falar da FUNDARTE é sempre um exercício muito prazeroso para mim e um motivo de grande emoção, porque a minha história de vida se confunde com a desta instituição linda, pela qual me orgulho tanto e me sinto muito privilegiada por fazer parte.

Escrever sobre o que eu convivi na FUNDARTE, este lugar que deu um significado especial para a minha vida, reflete uma história de paixão incondicional, que começou em 1989.

Quando cheguei em Montenegro, vinda de São Paulo, deixando o meu trabalho de professora e psicopedagoga para trás, para acompanhar o meu marido, nunca imaginei que encontraria em Montenegro, um sentido para a minha vida pessoal e profissional, trabalhando com Arte e Educação.

Assim, ao chegar na cidade, fui chamada para uma entrevista com a então diretora Therezinha Petry Cardona, a quem atribuo uma grande responsabilidade por me influenciar quanto a viver esta paixão sem precedentes, pela FUNDARTE. Um sentimento que resulta em uma grande entrega e devoção ao trabalho. Acredito que posso afirmar que o trabalho NUNCA FOI, para mim, obrigação, mas, ao contrário, foi, em todos os momentos, fáceis ou difícil, sempre um grande prazer.



Ressalto que os momentos difíceis, os quais não foram poucos, se constituíram em motivação e garra para superá-los, sendo estes episódios os que mais nos impulsionaram a lutar pela continuidade e sucesso da instituição.

Não posso negar que quando cheguei aqui, a compreensão que eu tinha sobre Arte era muito superficial, pois na minha formação acadêmica, as Artes só apareciam para os alunos, nas datas comemorativas. E a vivência que eu tinha se limitava a apreciar as obras que gostava, seja nas artes visuais, música ou teatro. Sempre gostei de ouvir música, assistir filmes, peças teatrais e espetáculos de dança. E na minha ignorância, achava que entendia muito do assunto, entretanto foi somente na minha convivência na FUNDARTE, que compreendi o verdadeiro sentido e importância da Arte para a vida do ser humano, sem a qual a nossa existência seria insuportável.

Então, quando comecei a entrar em contato com este universo das Artes, mergulhei de cabeça, de maneira tão intensa, que acho que não consigo mais me diferenciar da FUNDARTE. E esta simbiose dura até hoje, pois sem dúvida, foi aqui que me constitui como profissional e como ser humano.

Nesse processo, na minha convivência com a FUNDARTE, além dos saberes voltados, diretamente, as áreas da Artes, aprendi valores que me tornaram uma pessoa melhor, como, por exemplo, a ser muito menos preconceituosa, valorizar a diversidade, respeitar as diferenças,





me colocar no lugar do outro, lutar contra a desigualdade, enfim, valores que pautam a minha vida e que adquiri na convivência com os colegas, alunos e comunidade em geral, e que que fazem parte da minha vida e leitura de mundo.

Para finalizar essa narrativa, que representa uma parcela muito pequena do que teria a dizer sobre a FUNDARTE, aproveito para expressar a grande alegria pela celebração do cinquentenário da nossa FUNDAÇÃO, dos quais, para meu orgulho, desses 50 anos, fiz parte de 32. Acho que posso dizer que tenho uma pequena parcela de contribuição pelas conquistas de sucesso deste lugar ímpar e democrático, que trabalha com vidas, sonhos, lutas, vitórias, superação, conhecimento, Arte e Educação, juntamente, com colegas incríveis e apaixonados, assim como eu.

Parabéns minha, nossa, de Montenegro, do Brasil, FUNDARTE! Que venham mais 50 anos!!!!





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MARCO TÚLIO SCHMITT COUTINHO

(Versão Manuscrita)

Escrevo poesias e componho músicas desde a minha adolescência. Por conta disso, de alguma forma sempre tive contato com a arte, em geral, mas nada se compara com a experiência de conhecer a Fundarte. Ao chegar aqui este universo se ampliou muito e se tornou para mim um processo contínuo de aprendizado.

Minha relação com a Fundarte é também uma história de amor, pois trabalhar com a minha esposa fez cada instante ficar ainda melhor, vivenciamos e nos emocionamos juntos em cada momento! A Fundarte não é só aqui no prédio, ela se estende para as nossas vidas lá fora, dentro de casa e em todo lugar.

Meu trabalho aqui tem como base a biblioteca e é por meio dos livros que aprendi um pouco mais sobre a arte, que conheci pessoas talentosas e gentis, numa troca de conhecimentos sempre muito enriquecedora. O contato com os livros das quatro áreas das artes me fez compreender o valor acadêmico, a importância deste saber que promove a união da técnica com a criatividade, da teoria com a prática, com a aplicação.

Estar aqui é fazer parte do todo, deste imenso polo que reflete significados e revela pontos. Cada apresentação no teatro, na galeria, nas salas, pelas ruas me trouxe um sentimento pleno de poder vivenciar momentos únicos, de emoção e reflexão.



A Fundarte traz a arte para dentro de nós e nos faz acreditar no poder transformador dela, no seu papel fundamental de estar presente na vida das pessoas, principalmente das crianças.

Em uma simples caminhada pelos corredores podemos nos surpreender, pois a Fundarte respira a arte, e ela é essencial para viver!





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MARCOS GUARANI



FUNDARTE e o que eu lembro, do pouco que ali convivi

Em 50 anos quem viu, ouviu, tocou ou simplesmente sentiu, sabe da FUNDARTE, que nem sempre assim existiu.

Eu me lembro de chegar com emoção, de ser acolhido, recebido como uma mãe amorosa que espera um filho na gestação.

Eu me lembro de entrar pra história do Rio Grande do Sul, sendo "Bixo e Veterano" de maneira inédita em nível Brasil.

Eu me lembro de muita animação, de pessoas competentes, trabalhando e arrumando pra tudo dar certo, quase sempre contentes.

Eu me lembro de um acontecimento que reverberou as paredes da fundação, era mais espaço pra também melhorar a capacidade das áreas de educação.

Eu me lembro que ela recém havia recebido uma reforma, que ampliou as estruturas, era uma universidade e em 4 anos teria uma formatura.

Eu lembro de uma Fundação, não mais conservatório, mas com portas, janelas escritório, teatro, elevador e mictórios.





Eu me lembro de muitos nomes, sem arriscar falar todos pra evitar o equívoco de esquecer algum nome, já que alguns foram, são e serão carinhosas alcunhas, ou apelidos. Muita gente de bem que fazia desse lugar um ambiente vivo.

Eu me lembro, mas minhas lembranças são um "farelo de trigo" pra torta desse 50º aniversário.

Eu me lembro de uma Fundação que recebeu uma universidade. Era como Zeus gerando Dionísio na Coxa, fenomenal, pois foi no ventre da FUNDARTE que a UERGS se fez parte da mitologia contemporânea da educação nacional.

Eu me lembro que Nacional ela já era muito antes de sediar uma Universidade Estadual, pois ali aconteciam e ainda acontecem os Seminários, Encontros e apresentações de projeção mundial.

Eu me lembro de uma cantina que café e pão sempre tinham. Que as mesas a gente mudou e com a cara de artista ficou.

Eu me lembro de encontros, de desencontros e encantos, eu conto ou vocês cantam, das aulas de canto, de levar a vida na flauta.

Eu me lembro de muitas atrações que até faziam sorrir, uma obra de concreto e aço, dançar, sinuosamente como as curvas do Rio Caí.

Eu me lembro, em uma cidade deveras tacanha, com uma formação populacional açoriana, alemã, italiana, libanesa, africana, entre tantas



ao longo dos seus anos, povo esse que é a razão e as vezes ingrato com a própria fundação.

Eu me lembro de uma televisão, que de programa em programa trouxe cultura mostrando um pouco da feitura e dos acontecimentos da elite e do povão.

Eu me lembro de tantas homenagens à cidade, às personalidades, aos índios que ali estavam antes da primeira embarcação atracar em uma beira do rio próximo a um monte negro. Eu Marcos Guarani, já encenei por ali, um líder Ibiraiara, que recebeu os imigrantes nas margens do rio Caí.

Eu me lembro dos diferentes sons, notas e até desafinos pelos corredores vazios, alguns sons insensíveis, outros só invisíveis, mas todos sumiam, perecíveis.

Eu me lembro de ver namoros, beijos, juras de amor, arrisco, com propriedade que alguém (ou alguns) por ali casou. Eu mesmo que nisso nunca pensava, que arrepio me dava quando em casar pensava, um belo dia isso me pegou.

Eu me lembro de salas que viraram pessoas em homenagens em vida, teatros, que de modo jocoso, dizem no Roberto ou no Therezinha.

Eu me lembro de tocar violão e pandeiro, de cantar o dia inteiro de ver gente levar pra casa, papel higiênico do banheiro.



Eu me lembro de dançar ao vento, de ficar bastante tempo atento. Me lembro de na saída ficar, até o último aluno vazar, um professor se apressar ou o porteiro a porta fechar. Eu me lembro de coisas boas e até do que quero esquecer, porque na verdade verdadeira, tudo, foi pra crescer.

Eu me lembro de inaugurar teatro.

Eu me lembro de fazer junto uma escola de samba, de misturar o popular e o erudito.

Eu me lembro com empolgação, do Hip-hop, da Capoeira e tantas outras manifestações populares, folguedos e festejos ganhando espaço na Fundação.

Eu me lembro, por minha parte, de muitas e muitas vezes, ficar nu a serviço da arte.

Eu me lembro dos colegas atrasados, dos casacos molhados, dos figurinos surrados e dos corações apertados.

Eu me lembro dos professores, dos cursos básicos, das oficinas, das misturas sempre finas, de profissionais com amadores.

Eu me lembro das pós graduações, das audições, dos concursos e dos discursos, dos percursos, das sopas e dos registros.

Eu me lembro das multidões, também lembro dos apagões, dos encontrões, dos cães da frente e dos sermões.



Me lembro dos ensaios e de quando eu pensava, daqui eu não saio, amo esse lugar.

Eu me lembro das tintas, das cores, dos sabores, dos, das ou dos amigos, das, dos e des professores, de quase ser morto, ameaçado por estar pelado, mas de viver pra contar.

Me lembro da vista da antena, dos bastões, das cordas, das escadas, dos cubos e as vezes de nada em cena.

Eu me lembro dos livros, dos livres, dos loucos, das loucas e faz pouco, das lives.

Eu me lembro de colocar Karl Marx e Sigmund Freud peladões a se beijar em cena e chocar uma cidade inteira.

Eu me lembro de ser ator, artista, palhaço, animado, ali nas esquinas, das sinaleiras ao teatro São Pedro.

Eu me lembro de ir da tela de uma filmadora amadora, passar por propagandas, curtas, seriados e longas, até a abertura de uma novela das 20h.

Eu me lembro de aprender quase tudo "de cabo a rabo" artes visuais, Dança, Música, Teatro, dos variados, mas o que mais aprendi foi respeitar os que estão ao meu lado.

Eu me lembro com honra e louvor, de ser um quitute do banquete de atrações e formações que em 50 anos a FUNDARTE formou.



Eu me lembro que a UERGS me diplomou, me profissionalizou, mas a FUNDARTE muito me ajudou, me indicou, me informou, também me formou, até me dispensou, mas sempre me respeitou, me aceitou assim como eu sou.

Eu me lembro, que agora minha vida, minha história, quando lembrada, a Fundação Municipal de Artes precisa ser citada.

Eu me lembro da FUNDARTE das risadas, dos choros e gargalhadas, dos inférteis e das muitas grávidas. Me lembro das rimas desencontradas, dos protestos acertados, alguns desarticulados, dos movimentos organizados, dos resultados alcançados, dos minutos desperdiçados, das horas, dias meses e anos aproveitados.

Eu me lembro de sempre ser grato, ser chamado de gato, até de chato, de envelhecer no e pro teatro, de dançar e atuar na platéia, no chão e dependurado.

Eu me lembro de muito ter vivido, antes de aquelas portas adentrar, mas me lembro de entrar aluno, jovem e cheio de furor, de dali sair maduro, artista, professor e comunicador. Eu me lembro com carinho terno, que menos é mais, que pronto nunca estaremos, mas que a fome do conhecimento deve ser um ato eterno.



Eu me lembro de uma FUNDARTE, QUE MAIS DO QUE PROPORCIONAR ARTE, É VIDA, E DA MINHA FAZ PARTE.

PARABÉNS E MUITO OBRIGADO, PELOS PRIMEIROS 50 ANOS FUNDARTE!

Marcos Roberto da Silva - Marcos Guarani





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MARIA ISABEL PETRY KEHRWALD



FUNDARTE – revisitando

Esta é uma carta narrativa que revisita e costura um tanto da minha trajetória na FUNDARTE, e expressa minha profunda gratidão por tudo que ali construí, aprendi, vivi e desfrutei. E também destaca meu sincero agradecimento aos que me apoiaram, confrontaram ou debateram minhas ideias e, sobretudo, comungaram comigo da paixão pela Arte.

Repensar tem três sentidos fundamentais: recordar de onde viemos, rever o que fizemos e revitalizar nossas esperanças. Esta reflexão, oferecida por Sacristán no livro *A educação para o século XXI*, nos convida a pensar sobre a importância de resgatar os fios que teceram nosso vestir profissional, e no meu caso minha tessitura de professora comprometida com a Arte, com o aprender e o ensinar.

A FUNDARTE foi meu grande espaço de aprendizagem e ensinagem. Desde a minha cedência da Escola Estadual Técnica São João Batista de Montenegro, no final do ano de 1980, para implantar o Setor de Artes Plásticas junto ao Conservatório de Música e organizar sua instalação no novo prédio do Centro Cultural de Montenegro, em outubro de 1981, vi que ali era o meu lugar e havia um compromisso social a realizar. Fiz da FUNDARTE mais do que um local de trabalho;





percebi com clareza que seria um projeto de vida no qual viveria intensamente.

Pude exercer minha criatividade e conceber ações que julgava importantes para nossa comunidade. Primeiro, dei aulas de cerâmica, logo depois implantei a Escolinha de Artes, as Oficinas de Artes, o Atelier de Arte sob orientação da professora/artista Loide Schwambach, o curso Adicional de Educação Artística em parceria com a FEEVALE/NH, voltado à formação de professores da região. Elaborei e também atuei em vários outros cursos e projetos no campo das artes visuais, entre os quais, as exposições de arte para dar visibilidade ao trabalho de professores, alunos e artistas convidados. A aproximação com a arte, torna-la acessível a todos os públicos, promover a apreciação estética e a leitura da imagem foram objetivos que nos impusemos a alcançar.

Toda efervescência da Fundarte, como polo cultural da região, me encantava e a possibilidade de criar e coordenar eventos educativos e culturais, além de trazer pessoas que pudessem contribuir para melhorias no ensino da arte, provocavam em mim a busca por novos conhecimentos, reflexões e pesquisas. Senti a necessidade retomar estudos e encontrei na PUC/RS os cursos de Especialização em Artes Plásticas: suportes científicos e práxis e de Educação: métodos e técnicas de ensino, suportes para atuar na FUNDARTE com uma formação mais consistente. Posteriormente concluí Mestrado e



Doutorado em Educação na UFRGS, sempre tendo em vista a melhoria da contribuição que poderia oferecer à instituição.

Mas voltando ao revisitamento que estou tecendo, gostaria de sublinhar que só foi possível expandir as ações do Setor, por que tínhamos uma equipe entusiasmada e competente, sempre pronta a abraçar novos desafios. Em 1987, com este espírito de avançar em nossas propostas, realizamos o primeiro salão de arte de caráter nacional; o Salão de Arte Cidade de Montenegro, durante o evento Festa&Festa. Outros ocorreram na sequência, até chegar ao Salão FUNDARTE de Arte 10x10, consolidado nacionalmente e que neste ano terá sua 8ª edição.

Para valorizar a pesquisa e dar suporte aos projetos que estávamos realizando, criei o Grupo de Pesquisa da FUNDARTE, em 1992, e no mesmo ano apresentei à FAPERGS o projeto “Pesquisa artesanal de materiais expressivos” contemplado com recursos para sua execução. Outro Projeto que assumi junto com a equipe de professores do Setor, foi o Projeto Arte na Escola do Instituto Arte na Escola/Fundação lochpe/SP, que tantos benefícios trouxe para a FUNDARTE e toda região, sobretudo no auxílio a eventos, na oferta de materiais educativos como a DVDteca, na qualificação dos professores e na divulgação da nossa proposta pedagógica. E cabe mencionar que duas vezes o Polo da FUNDARTE recebeu do Instituto, o Prêmio Nacional Arte na Escola Cidadã.





No entanto, tenho pra mim que a ideia de realizar um Seminário Nacional de Arte e Educação tenha sido a minha maior contribuição; pela abrangência internacional do evento, pela reconhecida qualidade dos palestrantes, pelo número expressivo de participantes até sua 27ª edição de 2021 e pela reverberação dos conhecimentos aqui construídos, nas escolas do nosso estado e do país. Planejei e coordenei 21 Seminários, todos inesquecíveis, ricos em vivências, debates, convivência teórica e afetiva e muita, muita alegria. E claro, alguns perrengues como a chuva e o frio, as enchentes do Rio Caí, os alagamentos da rua, os buracos da rua e o barulho das retroescavadeiras, as salas com goteiras, o telefone e o fax que não funcionavam na véspera do evento, e o vírus no computador, a falta de luz, a falta de hotel, os colchões que precisavam ir para alojamentos do Colégio São José e Brigada Militar, a falta de dinheiro, o cansaço. Sempre, tudo, com fortes emoções, porque Arte se faz com emoção e muito trabalho. Mas todas as dificuldades superadas pela equipe dedicada e comprometida, a quem reverencio e agradeço. Os Anais dos Seminários de Arte e Educação, lançados de modo impresso e oferecidos aos participantes no dia da abertura do evento, era um feito inédito e serviu como embrião da Revista da FUNDARTE.

Prosseguindo nessa costura de memórias, posso citar a direção da FUNDARTE que assumi de 2000 a 2012, como um especial momento da minha caminhada, quando dei sequência a alguns projetos importantes e implantei outros como o Projeto Me inclua nessa, para



pessoas com necessidades especiais e Projeto Saber mais para aqueles que, tendo conhecimento prévio, pretendiam se aprimorar no estudo da arte. Planejei e coordenei Encontros Nacionais de Pesquisa em Arte, participei de eventos locais e nacionais representando a Fundarte e consegui com a ajuda de muitos, planejar e construir o estúdio da TV da Fundarte – Canal 53 (TV Cultura do Vale), equipá-la adequadamente e inaugurar o espaço no último dia da minha gestão.

A Coordenação dos quatro cursos de Artes da UERGS (Graduação em Artes Visuais, Graduação em Dança, Graduação em Música e Graduação em Teatro) realizados pelo convênio FUNDARTE/UERGS foi um grande desafio pela complexidade de assumir a docência, a burocracia acadêmica, o gerenciamento de alunos, professores, espaço físico e recursos financeiros limitados, além da execução dos vestibulares. E, por último, a mudança do convênio, organização dos concursos para ingresso dos professores na UERGS e saída dos docentes da FUNDARTE. Tudo efetuado com a eficiência dos funcionários da FUNDARTE e a colaboração dos professores que atuavam na UERGS. Recordo desse período como de grande aprendizado, de compreensão mais ampla da diversidade, do respeito às diferenças, aos gêneros, às subjetividades, das discussões teóricas acaloradas, das dúvidas permanentes e das certezas provisórias. Preocupações? sim, constantes, mas muitas alegrias, avanços no campo das ideias, dos procedimentos científicos e muita produção artística de qualidade.



Vou encerrando esta costura, dando um ponto final, na tentativa de atar em um só nó a minha vida pessoal e a da FUNDARTE, que muitas vezes se amalgamaram. Em muitos momentos, minha casa foi a FUNDARTE, onde celebrei alegrias, vivi as aflições de administrar uma instituição pública e tive colo quando precisei. Foi um imenso privilégio ter sido professora e diretora da FUNDARTE, na convivência intensa, agitada e amorosa de 32 anos.

Concluo este percurso de memórias, revitalizando minha esperança em uma FUNDARTE plena de vida e Arte para comemorar mais 50 anos nos encantando com a beleza e competência do seu trabalho.

Maria Isabel Petry Kehrwald

Professora e Ex-diretora da FUNDARTE





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

**MARIA PAULINA HUMMES
PÖL KING**



Pensar a Fundarte é de alguma forma pensar os últimos 50 anos da minha vida, experimentando um bem estar que se sente frente a boas e vivas lembranças que se entrelaçam ao momento do agora, bem como integram projetos futuros.

Nossa!! O caminho parece longo, mas desafios podem ser encantadores.

Em 1973 o Conservatório Municipal de Música de Montenegro iniciava suas atividades, e eu, assim como a Júlia, minha irmã, filhas de pais que amavam a música, a Cleony e o Cassildo, éramos alunas da professora Renata Thomaz.

O projeto orquestrado pela professora Therezinha Petry Cardona reuniu alguns professores de música, entre eles a professora Renata e seus alunos. Assim iniciava a Fundarte, assim se iniciava a minha relação com a Fundarte, há 50 anos.





Paulina Pölking e a Professora Renata Thomas, que iniciou a Fundarte com a Dona Therezinha Cardona.



Se o início foi como aluna que já se dedicava ao estudo de piano há uma década, em 1976 pude acrescentar a função de professora auxiliar em Piano e Teoria Musical, pois concluíra a etapa fundamental do Curso de Piano e me preparava para o vestibular da UFRGS para dar continuidade à formação. Projeto de vida este que se alterou pelo caminho.

A Fundarte crescia, novos alunos, novos projetos e um espaço de arte que se fortalecia e era acolhido pela comunidade.

A arte encanta tanto quem está envolvido em seu processo de criação e aprendizado, como quem apenas contempla e desfruta. É como uma malha que envolve e aquece.

De 1982 a 1985 retornei como professora de língua alemã. A Fundarte tinha uma estreita relação com o Consulado da Alemanha e por estes três anos a possibilidade de estudo foi oferecida, tendo a adesão de muitos alunos.

O desenvolvimento e crescimento da Fundarte percebia-se não apenas em Montenegro, mas expandido em âmbito estadual e nacional. O Seminário Nacional de Arte e Educação projeta por todo o país o que aqui se desenvolve, em um intercâmbio produtivo. Ao longo destes anos em que o Seminário acontece, pude ministrar uma oficina e participar como ouvinte em outras tantas.



Muito para recordar, como os cursos abertos para professores que coordenei. “Literatura Infantil e seus efeitos”, A Psicanálise e a Educação. A Fundarte sempre ofereceu espaço amplo e acolhedor.

Este recordar aciona o desejo de novos projetos, e a confiança de perceber nesta instituição que na sua essência é escola, um espaço aberto para novas criações.

Ao longo do crescimento da Fundarte a dança, o teatro, as artes visuais e a música faziam parte da formação de crianças e adolescentes, bem como oportunizava aos adultos experiências de aprendizado e sensibilidade.

O meu lugar mudou para o de mãe de alunos. Na Escolinha de Artes, no coral da Fundarte, no ballet, nos instrumentos.

185

A Augusta, a Mercedes e o Ferdinand puderam conhecer e aprender nestas áreas. Acredito nestas experiências e em sua importância para o desenvolvimento humano.

Os 50 anos passam muito rápido – é um clichê – mas uma verdade irrefutável que não precisa assustar, mas sim desafiar ao desfrute.

Em 2022 a Associação de Amigos da Fundarte se mantém viva e ativa em minha vida, sócia desde os inícios e integrante do Conselho, tendo passado também pela Diretoria. O trabalho da AAF dá base para projetos fundamentais na Fundarte, trabalho este que pode e precisa crescer contando para tanto com a adesão e apoio da comunidade.





De aluna, professora e mãe de alunos, passei também ao lugar de avó de alunas. A Aurora se inicia no ballet, a Antônia viveu esta experiência também, é a vez das pequenas viverem a Fundarte e lá se desenvolverem.

Emociona ver a trajetória de tantos alunos que hoje pelas mãos da arte e da Fundarte ganharam espaço e projeção no mundo. Mas também aqueles que fizeram outras escolhas e alçaram outros voos levando consigo, assim como eu, a lembrança e o aprendizado que pode contribuir para quem se é hoje.

A Fundarte está no sangue e no DNA de tantos que por lá passaram ao longo destes 50 anos e se mantêm ligados até o momento, seja por uma atividade como aluno, professor, integrante da AAF, colaborador, ou seja pelo laço afetivo que se perpetua nas lembranças.

Vida muito longa à Fundarte!





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MARINA REIDEL



Do casulo e da borboleta até a fábrica de brinquedos

Durante muito tempo as minhas experiências no campo da vida e da arte foram vividas dentro deste espaço chamado Fundarte. Um lugar mágico que possibilitou de todas as formas o reencontro com o meu eu, as formas como via o mundo e os experimentos alquimistas que transformaram a arte e a educação em vidas ao longo destes anos.

Sim! Foi na Fundarte que vivi grande parte de minha vida, tanto como aluna quanto professora e foi neste lugar que aprendi como um casulo transformava-se em uma linda borboleta, como professora da escolinha de artes, assim como, brinquedos velhos e destruídos foram transformados em verdadeiras obras de arte, na fábrica de produções de brinquedos, no projeto Ações Comunitárias realizado dentro da Fundarte.

Mas antes dessas experiências feitas como professora volto ao passado para lembrar do tempo em que cheguei na Fundarte, no ano de 1986, enquanto estudante do curso de qualificação profissional em educação musical. E estava posto o primeiro desafio! E assim foi. Fui estudar, aprendi a cantar, tocar instrumento, ler música, participar de grupos cantar Canto gregoriano, coral e até ensaiar peças teatrais e natais no parque, mas acima de tudo aprendi a sonhar.



Adolescente, gay, pobre e sem perspectiva, filho de operário que nas horas vagas plantava na roça e uma doméstica que fazia de tudo para encontrar maneiras de sobreviver foi neste lugar que vivi e que não desisti, pois, minha mãe, mesmo com pouco estudo sempre profetizava que só a educação poderia ser libertadora e o quanto aquele espaço seria importante para a minha vida sendo o primeiro lugar onde conquistaria o respeito. Talvez os ensinamentos e a sabedoria de minha mãe foram fundamentais para não desistir de lutar e aprender, viver e sonhar um mundo melhor capaz de absorver tudo e conseguir vencer, conquistando espaços e ocupando lugares nunca imaginados.

Sim foi a Fundarte que mudou a minha trajetória de vida. Foi neste lugar que mistura arte, amor, trabalho, respeito e dignidade que aprendi, mesmo com dificuldades a sobreviver numa sociedade que ainda olha para você pelo que você tem e não por ser o que é.

Durante grande parte da minha vida percebi que um caminho necessário para fugir do preconceito na sociedade montenegrina, bem como, encontrar um lugar que pudesse ser reconhecido como acolhedor para viver enquanto uma pessoa LGBT, que não sabia ao certo qual vida teria ou qual identidade assumiria, encontrei na Fundarte as respostas que possibilitava o refúgio, vencendo os meus medos e as inseguranças.

Numa cidade pequena este espaço da arte também contribuiu para expressar a liberdade de ser quem eu sou e como desejo viver minha





vida, garantindo meu empoderamento enquanto uma mulher transexual nos dias de hoje.

Aprendi muito sobre música e arte afinal eu seria uma professora artista. Mas acredito que o que eu aprendi mesmo foi o fato de viver intensamente todos os momentos, todos os eventos e todas as ações voltadas para este olhar. O olhar da borboleta que também rompia com o casulo e ensaiava voar. Sim! Consegui alçar voos olhando para trás muitas vezes e lembrando quem eu era na essência e não esquecendo de minhas raízes, do meu verdadeiro eu.

Foi através dessa arte e desse espaço que também constituí minha vida profissional pois durante muitos anos atuei dentro da Fundarte como professora, especialista em arte educação conquistando amigos, colegas e muitos alunos que passaram pela experiência de viver a arte e de viver a educação como foco neste contexto. No entanto, algumas vezes vivi o desafio de estar dentro de espaços onde o preconceito é velado e silencioso.

Como professora ou artista ensaiei algumas experiências curiosas no campo da arte, no campo da educação, mas também experiências no preconceito e na discriminação superadas com maturidade e combatidas pelo apoio da própria instituição que a todo tempo demonstrou estar ao meu lado. Claro que sabemos que a LGBTfobia está ligada a uma questão cultural e educacional de uma sociedade contemporânea que carrega valores conservadores e que por estar





vinculado a esse processo ainda vamos encontrar dificuldades pelo caminho, mas também é através da arte que conseguiremos trazer à tona nossos monstros, heróis, fadas, coelhos em cartolas, Alices, encantamentos e imaginários criativos. Nesse sentido a arte e a fantasia se misturam e juntas formam a vida. Através desse processo podemos reconstruir o dia a dia, o cotidiano das pessoas e trazer à luz, formas de combater essas violências muito ligadas a uma cultura do mundo fora dos muros da Fundarte.

O tempo que vivi como aluna de 1986 até 1993 ou depois como professora de 1993 até 2016, foi necessário para vencer os meus desafios e construir meus objetivos, tanto individuais quanto coletivos, em prol da arte, da cultura, da educação em Montenegro. Como professora vivenciei diversas ações com diversos públicos desde a educação infantil até a terceira idade, grupos os mais diversos mostrando através desse convívio que a arte nos leva a conquistar cidadania, dignidade e respeito pelas questões culturais, materiais, ideológicas, religiosas e identitárias, entre outras. Assim, podemos perceber o quanto somos diferentes, o quanto somos singulares em um processo coletivo que forma e que pode capacitar tanto no aspecto cultural quanto educacional, toda uma comunidade das diversas realidades e assim propiciar um mundo melhor para todos os cidadãos e cidadãs deste município.

Por eu ser de uma família pobre, tive oportunidade de aprendizagem através de bolsas de estudo como aluna e mais tarde como professora,





conquistei através do trabalho digno uma formação superior e cursos de especialização graças ao apoio e ao reconhecimento da instituição e de colegas.

Hoje por onde vou, neste Brasil a fora, levo o nome da minha cidade natal, assim como, levo a Fundarte como um espaço de aprendizagem capaz de transformação social, traduzidas através da dança, da música, do teatro e das artes visuais a verdadeira expressão chamada de arte. Sim! Arte vivida através do canto gregoriano, do coral, das aulas de instrumentos (flauta doce, violão e piano), das teorias musicais, das pinturas nos muros, da produção de papel reciclado, das aulas de expressão corporal e artes cênicas, das exposições, audições, Peartes, dos concertos comemorativos, das serenatas, da Escolinha de Artes, dos cursos e seminários de Arte Educação, das oficinas, sem contar com as festas da AFUNFUN.... tudo está guardado na memória e nos registros da história.

Por fim dizer obrigada a esta instituição, um espaço de arte e educação que deve ser respeitada por toda a comunidade e que venham mais 50, 80, 100 anos. Fundarte é vida e cultura para toda região.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MATHEUS KLEBER



50 anos da FUNDARTE – Relato pessoal de um aluno

Começo este texto pedindo desculpas aos leitores, pois ele se tornará uma narrativa autobiográfica e talvez vocês não estejam interessados na minha história particular. Mas não teria como ser diferente, pela importância que a FUNDARTE teve na minha vida. Foi o lugar em que realizei minha formação musical, artística, e onde tive uma grande aprendizagem como pessoa, cidadão, estudante e, posteriormente, professor. Fui aluno da fundação por 12 anos, de 1991 até 2003, e atualmente estou professor desde 2011. Portanto, até o momento, em 23 anos dos meus 37 anos de vida estive ligado de alguma maneira à instituição.

Até os meus 5 anos de idade morei em Palmares do Sul. Quando completei 6 anos, eu e minha família voltamos para nossa cidade natal, Montenegro, onde entrei na pré escola com quem tive as primeiras aulas de musicalização com a professora Marina Reidel. No mesmo ano, ingressei na FUNDARTE onde tive aulas de iniciação musical com a professora Nisiane Franklin. Foram nestas aulas, antes mesmo de ser alfabetizado, que descobri onde ficavam as notas musicais na pauta. No ano seguinte comecei a estudar acordeon, com um professor que



estava começando a lecionar na fundação que por coincidência do destino, ou não, era o meu padrinho de batismo Luciano Rhoden.

No segundo semestre de 1993, quando já estavam saindo as primeiras valsas, eu e alguns colegas da turma de musicalização fundamos uma banda chamada Os Bombachas. Inicialmente, o grupo era formado por mim na gaita e no teclado, Guilherme Hauptenthal na guitarra e Paulo Ricardo Cappra Júnior na percussão. Posteriormente, entraram na banda o Cristiano Lima no teclado e a minha irmã Betina Kleber no violão. Isso fez com que o grupo fosse chamado por um período, que não durou muito, de Os Bombachas e a Prenda. Nesta época, o grupo tinha a coordenação do professor Luciano Rhoden. Por mais de cinco anos fizemos diversas apresentações na FUNDARTE e na região de Montenegro. Isso proporcionou que eu tivesse minhas primeiras experiências em cima dos palcos, descobrindo o sabor dos diferentes aplausos, aprendendo a me comunicar com o público e até mesmo a como regular a amplificação dos instrumentos.





Figura 1 - Participação dos Bombachas no espetáculo de final de ano do ballet em 1994.



Figura 2 - Apresentação dos Bombachas em algum PEARTE na sala 5 em 1993.



Paralelo ao grupo, às aulas de instrumento e de teoria, eu participava também do Coro Infantil coordenado pela professora Sandra Rhoden. Participei por um longo período deste grupo, e anos mais tarde do Coro Juvenil também coordenado pela professora Sandra. Neste grupo, tive minhas primeiras experiências acompanhando coro no piano, o que anos mais tarde se tornou meu primeiro emprego com carteira assinada no coral das Meninas Cantoras do Colégio Santa Catarina, em Novo Hamburgo.

Entrando na adolescência, além das mudanças no corpo, começam a surgir outros interesses. Isto se refletiu também na música, eu e meus colegas de banda começamos a tocar outros gêneros musicais. O grupo Os Bombachas mudou de nome para Talento Jovem e passou a ser coordenado pela professora Celiza Metz, que promovia saraus e audições na sua residência nos apresentando gravações de diversos compositores. Eu, o Guilherme e o Cristiano ganhamos novos parceiros musicais como o Carlos Krahl, o Lucas Caetano e o Túlio Farret. A Celiza nos levava para as apresentações com o seu chevete que era carinhosamente apelidado de Ritamóvel, devido à semelhança da professora com a cantora Rita Lee. Foi nessa época que aconteceu meu primeiro beijo, em um lugar não muito romântico: no segundo andar de uma construção que ficava ao lado da FUNDARTE. Anos mais tarde, a construção ficou pronta e tornou-se o Teatro Therezinha Petry Cardona, uma justa homenagem à idealizadora da instituição.





Quando entrei no ensino médio, com 15 anos, ingressei no curso Técnico em Música que havia na FUNDARTE. Lembro que haviam colegas de diversos lugares pois era o único curso técnico deste segmento na região. A grade curricular do curso era composta por aulas de harmonia, contraponto, história da música brasileira, folclore e canto coral. As aulas de acordeon eram com o professor Adriano Persch, com quem estudei por um longo período na fundação. Foi durante o curso técnico, que o professor me convidou para participar do seu grupo de música de câmara, um quarteto de acordeons que se dedicava ao repertório canonizado da música de concerto. Além das aulas de gaita, eu também estudava piano com a professora Adriana Bozzetto, e participava do Conjunto Instrumental que era coordenado pela mesma. Neste grupo tive as primeiras experiências como arranjador, escrevendo para diferentes instrumentos. Lembro que escrevi arranjos de repertórios variados, entre eles a Miniatura em Jazz do Mark Nevin, The Enterteiner do Scott Joplin, um tributo ao Piazzolla, o Brasileirão que passeava por clássicos da música popular brasileira tendo o choro Brasileirinho como cenário musical, e também minhas primeiras melodias como Nabuco Nos Apresenta. Foi um ótimo laboratório, podendo experimentar e aprender na prática o que melhor soava em cada um dos instrumentos.

Outra experiência extremamente marcante na minha adolescência, foram os Seminários de Música que movimentavam a cidade, trazendo estudantes e professores de todo o país e do exterior para a





FUNDARTE. Nestes seminários fiz amizades que perduram até os dias de hoje, e tive aulas com renomeados professores como entre eles: Bohumil Med, Mark Menzies, Olinda Alessandrini, Flávio Oliveira, entre outros. Seguidamente quando me apresento em outras cidades, ou até mesmo em outros estados, e digo que sou de Montenegro, aparece algum músico dizendo que conhece a FUNDARTE e que frequentou os seminários na década de 1990.

Quando completei 18 anos, ingressei na graduação da UFRGS em Porto Alegre onde estou radicado até hoje. Somente depois de adulto que percebi o quanto tinha sido rica e sólida minha formação musical na FUNDARTE. Essas vivências relatadas no texto, foram de extrema importância não apenas no meu aprendizado como artista como também no meu desenvolvimento pessoal. Desde cedo convivi com diferentes tipos de arte, com pessoas de crenças religiosas distintas, ganhei irmãos de diferentes raças, entendi e logo compreendi que nem todos possuem a mesma opção sexual. Foi neste oásis chamado FUNDARTE que tive o privilégio de conviver com a diversidade ainda quando criança, e pude estimular e desenvolver minhas habilidades artísticas. Serei eternamente grato à Therezinha Petry Cardona, a principal responsável em tornar este sonho uma realidade e a todos que de alguma forma colaboraram para manter esta chama acesa. Atualmente, como forma de retribuição, sou professor desta instituição e me esforço ao máximo para que os alunos e alunas possam ter uma vivência e uma formação parecida com a que tive



naqueles 12 anos em que fui aluno. Obrigado FUNDARTE! Parabéns pelos seus 50 anos!

Matheus Kleber
Músico, professor e pesquisador.



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

MICHELE MARTINES



FUNDATE 50 ANOS

Faço parte da última geração que conheceu o mundo sem internet. No quarto da minha infância havia uma escrivaninha com muitas folhas e lápis de cor, era onde eu passava grande parte do tempo. Tanto que recordo do meu pai dizer para eu ir andar de bicicleta, aproveitar o sol. Percebendo meu interesse, meus pais me matricularam na Escolinha de Arte da Fundarte. Meu primeiro contato com a instituição foi entre 1990/91. As aulas eram nas manhãs de quarta-feira, com a professora Magda Nabinger. Quando ingressei, estava sendo desenvolvido um projeto de pesquisa sobre o artista francês Auguste Renoir. Casualmente, no consultório do pediatra que minha mãe me levava, havia a reprodução de uma obra de Renoir. Lembro de contar, maravilhada, para minha mãe, coisas sobre o artista. Renoir faz parte dos meus afetos, o primeiro pintor que estudei, minha primeira referência artística.

Naquele tempo o prédio da Fundarte era menor. Lembro de andar pelos corredores e ouvir o som de diferentes instrumentos musicais. Do cheiro de tinta no atelier e do aroma de café no primeiro andar, onde havia um bar. Era um lugar que eu já gostava muito de estar. A satisfação de carregar minha pasta de desenho, com bloco de papel canson A3, carvão vegetal, esfuminho, pena de nanquim e outros materiais. Do encantamento ao folhear livros sobre arte. Recordo de





um momento na minha casa, durante a preparação de um churrasco dominical, a obra “Mona Lisa” tornou-se assunto e meus pais me fizeram perguntas que eu soube responder sobre a obra. Essa passagem foi marcante pois, de certa forma, fui tratada como autoridade no assunto porque eu estudava Artes.

Anos mais tarde, voltei a ser aluna da Fundarte para produzir minhas primeiras pinturas em tela, num curso de pintura à óleo, conduzido pela professora Rosani Brochier. O novo prédio já estava sendo construído. O atelier era no quarto andar, amplo, com muitas janelas, bem iluminado. Além da biblioteca, havia uma videoteca com documentários sobre os mestres consagrados da pintura. No curso, descobri que o assunto da pintura precisava fazer sentido para mim. Pintar tornou-se minha nova atividade favorita.

Na sequência, conclui o ensino médio. Por ser muito jovem meus pais não queriam que eu fosse morar em Porto Alegre, e comecei a cursar Licenciatura em Artes em uma universidade particular, indo e voltando alguns dias da semana. Eu também era estagiária na Pinacoteca Ênio Pinalli. Neste trabalho, tive uma colega que havia estudado na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e me falava com frequência sobre as diferenças da universidade pública para a privada. Plantou em mim um desejo de mudança.

Eu não sabia que algo muito grande estava acontecendo na minha cidade, sendo movido por pessoas da Fundarte. A grande novidade era





a criação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, com uma proposta de descentralização, e o núcleo de Artes (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) seria instalado em Montenegro, na nossa instituição de Artes. Prestei vestibular e, no ano de 2002, tive a felicidade de fazer parte do início desta história. Professores e colegas, vindos de diferentes localidades, transformaram Montenegro no centro do mundo para mim. Eu poderia ter aproveitado muitas disciplinas do curso que já estava realizando, porém, escolhi fazer tudo novamente, porque eu queria estar ali todos os dias, convivendo com aquelas pessoas, naquele lugar. O curso era uma construção coletiva. O prédio da Fundarte também seguia em construção. Havia uma grande sinergia entre estudantes, professores e funcionários. Foram anos muito intensos, entre os melhores que vivi.

205

Os primeiros embates com a Arte Contemporânea, as primeiras séries de trabalhos artísticos sendo desenvolvidas, primeiras participações em exposições, primeiras vendas. Foi no atelier da Fundarte, durante o curso de Graduação em Artes Visuais, que produzi a obra "Meu duplo observando minha pintura" (2005) que rendeu minha primeira premiação, e a obra "Lanche Feliz" (2004), que hoje integra o acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS.

Impactantes na minha formação também foram as imersões de aprendizado e trocas com grandes profissionais proporcionadas pelo Seminário Nacional de Arte e Educação e pelo Encontro Nacional de Pesquisa em Artes. Neste período vi o Teatro Terezinha Petry Cardona





e a Galeria Loíde Schwambach serem inaugurados. A Galeria veio ocupar um espaço importante de disseminação da Arte Contemporânea na região, entregando à comunidade exposições com proposta curatorial qualificada e acompanhamento educativo.

Concluí a graduação e o amor por aquele ambiente era tanto que foi difícil finalizar o ciclo, porém, prosseguir é preciso e decidi seguir minha formação realizando um curso de Mestrado em Artes Visuais pela UFSM. Sempre mantendo contato com os professores da graduação e com a Fundarte. Minha primeira publicação foi na Revista da Fundarte, versando sobre o tema do meu TCC, “Apropriação e manipulação de imagens preexistentes na pintura contemporânea”. Em 2010 realizei uma exposição individual na Galeria Loíde Schwambach, “Ambiências na Parede”, apresentando o resultado prático da produção desenvolvida no curso de Mestrado, com curadoria do Marco de Araujo, meu orientador da graduação. Desde então minha relação com a Fundarte foi como artista. Fiz cenografia para o Espetáculo de Ballet, participei de encontros como artista, de algumas edições do Salão de Arte 10 x 10, que insere Montenegro no circuito nacional da Arte Contemporânea.

Realizei outras três exposições, “A carta” (2014), em parceria com Patriciane Born, e as individuais “Ruas de Estar” (2018), com curadoria de Andrea Hoffsteatter, e a exposição mais recente, “Nichos Urbanos: Frutos da Ligação”, com curadoria de Lucas Brum, realizada nos meses de março e abril de 2022. Esta exposição marcou a reabertura ao



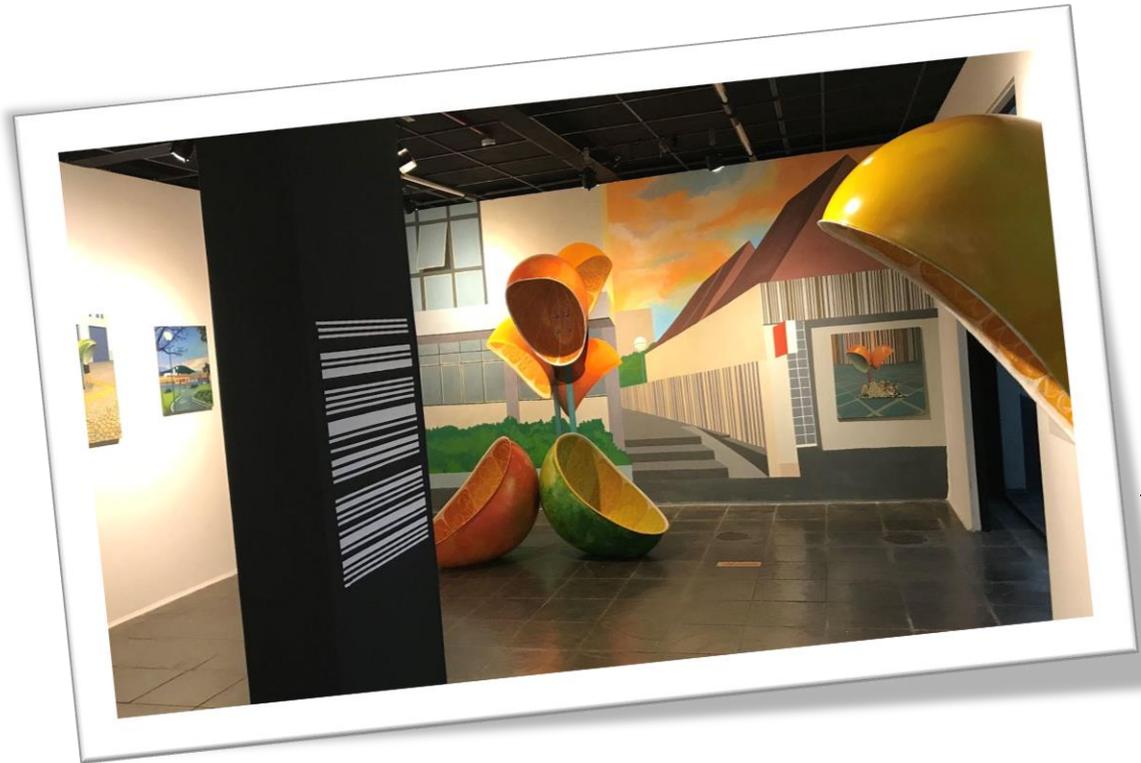


público da Galeria Loíde Schwambach, após o longo período de distanciamento social (Covid-19).

Além do acolhimento da instituição, que abraçou as ideias propostas por mim e pelo curador, destaco o trabalho desenvolvido pelo núcleo de monitores da Galeria Loíde Schwambach. Pais de estudantes me procuraram para falar sobre a experiência que os filhos haviam relatado após visitar a exposição. Frutos gerados pela soma dos trabalhos expostos com a sensibilidade e dedicação dos profissionais encarregados de mediar as visitas. Penso que esta vivência poderá ser guardada na memória destes estudantes, quem sabe futuros artistas, tal como guardo meus encantamentos vividos na Escolinha de Arte da Fundarte.

A arte pode ser um respiro, uma pausa da realidade, também pode ser um mergulho em nós mesmos, instrumento para o autoconhecimento, ou um meio para colocar em pauta interesses do coletivo. A Arte instiga ver além do que se vê, questionar, ser crítico, ter empatia, sensibilidade, imaginar, colaborar, transformar, inovar. Com arte somos melhores. É um privilégio e orgulho ter acesso a uma instituição de Arte como Fundarte.





Nichos Urbanos – Frutos da Ligação, 2022.



Ruas de Estar, 2018.



A Carta, 2014.



Ambiências na Parede, 2010.



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

OLINDA ALESSANDRINI



O que a memória ama, fica eterno.

(Adélia Prado)

A Fundarte entrou na minha vida acompanhada pelo entusiasmo da violinista Merice Hahn, saudosa e querida amiga. Falava sempre com admiração sobre a importância desta instituição, e sobre a competência e dinamismo de Therezinha Cardona.

Quando fui apresentada a Therezinha, ela me recebeu com um sorriso franco e coração aberto. Como acolhe a todos, sempre, durante todas estas décadas.

A Fundarte marcou presença em Montenegro e no Rio Grande do Sul. Sinônimo de qualidade e versatilidade, abrangendo as artes como um todo, abriu espaços para artistas, professores, alunos, valorizando as diversas manifestações culturais da cidade, da região, do estado e do país.

Diariamente, crianças e adolescentes, em contato com a arte, circulam com seus instrumentos musicais, suas sapatilhas de ballet, com pincéis, tintas, telas.

Democratização das artes, todos tendo acesso e podendo desenvolver sua sensibilidade e criatividade!





Recentemente tive o privilégio de ter sido convidada para realizar um Recital em 5 de maio de 2021. O motivo, a celebração de mais um aniversário da Fundarte. Passaram por mim todos estes anos de convívio, e me senti honrada por este convite. Em plena pandemia, o recital foi realizado on-line. Com o teatro vazio...

Foi muito estranho “escutar” o silêncio no Teatro Therezinha Petry Cardona. Quantas vezes participei das atividades da Fundarte, neste mesmo Teatro, ou anteriormente, no Teatro Roberto Cardona. Quantas vezes pude sentir o silêncio de uma platéia atenta e receptiva, que respirava junto conosco, nós os músicos no palco. Mas desta vez era um silêncio que falava mais alto, falava de isolamento, falava de saudade. Foi muito emocionante...

E estou relembrando momentos em que estive participando da vida cultural desta tão querida instituição, que agora compartilho com todos.

Meus primeiros concertos ali foram em 1988, em julho com o Trio Bruno Kiefer. Ao violino, o montenegrino Telmo Jaconi, ao violoncelo Adriane Savytzky. E em novembro, participei de um lindo programa intitulado “Noite na Broadway”, com o tenor Guilherme Kurtz, a soprano Carol McDavit, e um pequeno grupo de câmara com músicos da OSPA. Fiquei realmente impressionada com o público numeroso, e com o entusiasmo com que nos receberam!



Nos anos seguintes participei dos Seminários para Jovens Instrumentistas, que depois foram intitulados Seminários Internacionais de Música.

Foram invernos em que Montenegro “respirava” música, nas praças, nas escolas, nos hospitais, jovens tocando com tanta alegria! As aulas eram produtivas, tanto a fazer em tão pouco tempo! Tive inúmeros grupos de alunos nas aulas de música de câmara, estimulando interpretações coerentes com o estilo de cada compositor estudado. Quantos destes jovens são hoje músicos profissionais de alto nível! E quantos se tornaram grandes apreciadores de música, mesmo tendo escolhido outras profissões...

Aumentei muito meu repertório de câmara, tocando com grandes músicos brasileiros e do exterior, em ensaios exigentes, e ao mesmo tempo descontraídos. Grandes amizades surgiram nestes encontros. E muito aprendi!

215

Em dois destes Seminários fiz parte da organização. Fui testemunha do volume de trabalho que um festival deste porte traz consigo. E fiquei muito impressionada com a dedicação e competência do pessoal da Fundarte, obtendo resultados incrivelmente perfeitos!

Abro aqui um parêntesis para mencionar as exposições de artes visuais, que sempre enriquecem nossa vida. Teatro e dança também estavam sempre presentes na programação anual da Fundarte. E os importantes Seminários Arte-Educação!





Gostaria de mencionar também a Orquestra de Sopros da Fundarte, com quem toquei a Rhapsody in Blue, sob a regência de Marcelo Piraíno. Também lembro de um recital meu com repertório de Chiquinha Gonzaga, destaco um recital com o jovem violinista japonês Gabriel Koh Kameda, entre outros. Incluo nestas lembranças o lançamento do CD “Canções Brasileiras”, com Adriana de Almeida. Também por minha sugestão, a Fundarte incluiu na programação a Orquestra Jovem de Charlottenburg, Berlim, em uma tournée pelo sul do Brasil. Foi um concerto memorável!

Os Concursos Jovens Solistas foram um ponto alto nas atividades musicais da Fundarte, abrindo oportunidades para os jovens tocarem com orquestra.

Lembro com muito carinho a estréia da Orquestra de Câmara Sesi-Fundarte. Em seus primeiros concertos, fui convidada como solista, sob a regência do Maestro Juan Trillo. E dois anos depois, 1998 marcou o início de um caminho musical, hoje uma das mais belas lembranças de minha vida: o convívio com a Orquestra, com o Maestro Antônio Borges-Cunha, e com a música de Astor Piazzolla. Fui solista na obra “Las Cuatro Estaciones Porteñas”. Os arranjos para orquestra de cordas e piano foram especialmente criados para esta orquestra pelo competente músico argentino José Bragato, que tinha sido violoncelista por muitos anos no grupo musical do próprio Piazzolla. Tive a honra de buscar as partituras originais em sua casa em Buenos Aires, onde fomos recebidos, meu marido e eu, por Bragato e sua



esposa. A seqüência Primavera-Verão- Outono-Inverno, música de alta qualidade, cativou músicos e público de um modo inusitado.

Fizemos apresentações em várias cidades, sempre com muito sucesso. Logo esta obra foi incluída no primeiro CD da Orquestra.

E como tudo começa com uma ideia... Poderia ser ampliado este repertório tão atraente, com a icônica música de Piazzolla? E que tal entrelaçar dança e música, uma arte complementando a outra? Coreografia, cenários, figurinos? Quem sabe um bandoneon, ou melhor, um acordeon também solista, em paralelo com o piano?

Surgiu assim o espetáculo "Piazzolla Coreografado". Foram mais de dois anos de apresentações por mais de trinta cidades do Rio Grande do Sul, em um projeto do SESI, capitaneado pela Therezinha Cardona. Lindo, muito lindo!

Percorremos o estado inteiro, espaços lotados, filas nas ruas para assistir ao nosso "show". Nos apresentamos em teatros, salões de clubes, ginásios esportivos, auditórios de escolas, sempre sendo recebidos com calorosos e entusiásticos aplausos.

Nosso repertório incluía Primavera e Invierno, Oblivion, La muerte del Angel, Meditango, entre outras obras. E encerrava com a icônica Adiós Nonino.

Faço questão de incluir aqui todos os que participaram destes eventos empolgantes!



Orquestra de Câmara Sesi-Fundarte, regência Maestro Antônio Borges-Cunha

Solistas: Olinda Alessandrini (piano) e Luciano Maia (acordeon)

Trope Xipô: Bailarinos Suzana Schoellkopf, Sílvia da Silva Lopes, Daniel Barcellos, Márcio Barreto e Patrick Moraes.

Concepção coreográfica de Suzana Schoellkopf e Márcio Barreto

Criação da luz de Carmem Salazar

Cenário, maquiagem, figurinos e adereços de Fabrizio Rodrigues

Direção Cênica de Carlota Albuquerque.

Arranjos Musicais de José Bragato e Vagner Cunha

Produção executiva de Therezinha Petry Cardona

Agradeço à Fundarte por ter me incluído em sua jornada durante todas estas décadas. Sempre fui acolhida como sendo “da casa”. Tenho muito carinho por todos, professores, funcionários, corpo administrativo, pessoal da Associação dos Amigos da Fundarte. Tanto os que atualmente ali estão, como todos com quem convivi ao longo dos anos. Esta trajetória ímpar deve ser motivo de orgulho para Montenegro e para todo o Brasil.

Sucesso sempre, Fundarte!

Olinda Alessandrini, pianista.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

RANIELLY SCHEFFER



"Olá!

Quem escreve essa carta sou eu, Rani. Escrevo, pois preciso agradecer por tudo que você me proporcionou, é uma escrita em forma de gratidão. Lembro como se fosse ontem da minha primeira aula de piano, num primeiro momento, um pouco receoso, mas, logo naquele primeiro contato com o fazer música e arte eu descobri minha paixão.

Você faz parte de grandes momentos da minha vida, meu primeiro recital, primeiro espetáculo, primeira peça teatral, minha formação como artista, músico, bailarino, professor e muito mais. Foram anos nos quais passei de adolescente a adulto, cheios de boas histórias e aprendizados que ficaram marcados em minha memória.

Mais tarde, tive a honra de contribuir, ao seu lado, com o ensino e produção de arte na nossa cidade, me tornei parte da equipe, iniciei minha atuação como professor de piano. Chegaram novos desafios e experiências, momentos de extrema alegria e alguns também difíceis, altos e baixos, mas a emoção e o sentimento sempre foram bons e positivos. Você, eu e todos sempre estivemos unidos, buscando soluções e possibilidades para seguir fazendo o que amamos, arte!

Neste último ano tive que dar meu adeus, decidi ir em busca de novos desafios, uma necessidade minha, foi com aperto no coração que me distanciei. Adeus talvez não seja a palavra certa, usarei "até logo", pois de uma forma ou de outra nos encontraremos novamente, a história





que carrego com você não será abalada pelo espaço e tempo, o carinho sempre se manterá.

Te felicito por seus 50 anos, você fez e faz história a cada dia, está conectada a vida de incontáveis pessoas, muito obrigado por tudo.

Parabéns, FUNDARTE!"













O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

RENATA DUARTE



Qual é a tua história com a Fundarte?

Comecei meus estudos na Fundarte com 7 anos. Queria estudar piano, mas na época era necessário começar estudando flauta doce. Então pratiquei os dois instrumentos. Estudei na Fundarte até os 17 anos quando me mudei para Porto Alegre para fazer a faculdade de música. Além de flauta doce e piano, estudei ballet, participei da orquestra infanto-juvenil e da camerata. Estudei um pouco de flauta transversa também. Passei muitas horas felizes da minha infância e adolescência na Fundarte. A Fundarte é uma escola reconhecida pela qualidade do ensino musical. Nos anos 90 havia os cursos de férias no inverno. Era uma grande oportunidade de conhecer professores de outros estados e internacionais.

Para o ensino musical, uma escola como a Fundarte proporciona um aprendizado muito completo e rico. Na maioria das cidades alguém que queira estudar música deve buscar um professor particular para ter aulas de música. É um tipo de prática que fica restrita ao indivíduo mesmo se o professor for muito competente. Na Fundarte os alunos têm, além das aulas individuais, uma grande oferta de outras atividades como aulas de teoria, coro, orquestras, música de câmara. Todas essas experiências são imprescindíveis para poder aproveitar ao máximo e para aprofundar o ensino musical.





A música é uma arte que traz muito prazer quando ela é compartilhada. Tocar com outras pessoas é muito gratificante além de (como as atividades esportivas) desenvolver aptidões sociais, de respeito e abertura ao próximo. Um grande centro de arte e cultura como a Fundarte traz qualidade de vida para a cidade e para a região. A arte é uma das manifestações mais nobres do ser humano.

Desenvolver práticas artísticas ajuda a sociedade a desenvolver práticas saudáveis, faz com que crianças e adolescentes (na verdade qualquer idade) desenvolvam e mantenham funções cognitivas e motoras de alta complexidade, pois tocar música é uma das atividades que mais estimula o desenvolvimento cerebral e motor. A prática musical e artística desenvolve a criatividade e uma boa higiene de vida pela disciplina necessária ao progresso nos estudos artísticos. Cultura traz bem estar e saúde pois fornece à sociedade um lazer saudável. Proporciona às pessoas de mais idade uma prática social, saindo de casa e desfrutando de um concerto ou espetáculo – ao invés de ficar isolado na frente de uma televisão.

A cultura gera benefícios econômicos também. Tem o lado comercial direto da promoção cultural. Mas também, por desenvolver pessoas com diferentes aptidões, desenvolve pessoas que serão mais espertas, criativas, sensíveis e competentes, mais tarde, no mundo do trabalho.

Assim, eu iniciei meus estudos musicais na Fundação Municipal de Artes de Montenegro, onde estudei piano, flauta transversa e flauta





doce. Aos 10 anos fui solista da Orquestra Juvenil Fundarte com a qual realizei vários concertos em Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Durante a adolescência participei de diversos workshops e master classes com flautistas brasileiros como Ricardo Kanji e flautistas europeus como Pierre Hamon, Hans Joachin Fuss e Pierre Boragno. Através destes cursos descobri a prática da música antiga »: música barroca, renascentista e medieval.

Após estudar na Faculdade de Música de Porto Alegre, na classe da professora Lucia Carpena, continuei os meus estudos na Europa, sendo aceita na classe de flauta doce de Pedro Memesldorff, na Escola Superior de Música de Catalunya em Barcelona e na classe de Pierre Hamon, no Conservatório Nacional de Música de Lyon. No CNSMD de Lyon, estudei oboé barroco com Patrick Beaugiraud. Durante seus estudos tive master classes com Michael Form, Dan Laurin e Pierre Boragno. Também participei de Seminários de Música Medieval na Escola Superior de Música da Catalunha administrados por Pedro Memesldorff.

Em 2005 obtive o Diploma National de professora de música na disciplina de instrumentos antigos – flauta doce. Em 2006 obtive meu diploma no CNSMD em Lyon e obtive uma bolsa ADAMI para a aquisição de flautas doces.

Iniciei meus estudos de oboé barroco com Patrick Beaugiraud no CNSMD em Lyon e continuei a estudar no Conservatorium van





Amsterdã com Alfredo Bernardini, onde obtive meu diploma em 2012. Particpei de masterclasses com Xênia Löffler e Paolo Grazzi.

Estudei oboés renascentistas – bombardã – com Jérémie Papasergio e Ian Harrison. Atualmente, me apresento no Brasil, Itália, Holanda, Alemanha, Suécia, Noruega, Espanha, EUA, Japão e França. Já me apresentei sob a direção de Stephan Macleod, Klaas Stok, Martin Gester e Nathalie Stutzmann, Hervé Niquet, Andrés Gabetta, Vincent Dumestre e como solista, com a orquestra Sesi/Fundarde. Toco com muitos conjuntos de música antiga, como Orfeo 55, Orquestra Barroca del Conde Duca de Madrid, Concerto d'Amsterdã, Parlement de Musique, Cappella Gabetta, Le Poème Harmonique e Le Concert Spirituel. Além de minhas atividades como concertista sou professora de flauta doce e oboé barroco no Conservatorio de Strasbourg e na HEAR - Haute Ecole d'Arts du Rhin desde 2009.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

ROSANA BACKES



Era 1994, eu com apenas 07 anos iniciava meu primeiro curso fora da escola. A disciplina era Artes Visuais, acredito que até hoje o motivo por eu ter iniciado é porque talvez meus pais tenham enxergado algo em mim através dos desenhos, rabiscos ou então gostariam de despertar algo em mim. E foi assim que iniciei minhas atividades na Fundarte. Na época, eu não tinha quase colegas que estudavam na instituição. Estudava em escola pública, e fora dela estava lá descobrindo meus futuros dons artísticos. A professora era a Magda com quem tenho admiração e até hoje me reconhece pelas ruas. Toda a técnica e conhecimento que partiram dali, daquelas aulas foram o ponto de partida para me tornar a profissional que sou hoje.

233

Em 1995, meus pais decidiram ir mais a fundo (acho que estavam vendo que eu gostava de frequentar as aulas!) e me colocaram em duas aulas experimentais: uma no violino e outra em ballet. Eu na época com apenas 08 anos de idade tive a livre escolha para decidir qual seria meu futuro dali pra frente. Imagina, até hoje me lembro destas duas aulas que foram determinantes para seguir meus estudos. Fiz uma aula com a professora "Zanza" (Rosângela dos Santos) e com a professora Sílvia da turma de ballet. A aula de ballet tinha várias coleguinhas da minha idade, com aquelas roupinhas uniformizadas bem delicadas. Já no violino entrei em outro mundo, o da música e que de imediato me despertou um interesse gigante por saber que seria um grande desafio pra mim. Provavelmente meus pais e a maioria iriam achar que fosse



optar pelo ballet, mas erraram. Quando cheguei em casa e meus pais me questionaram já não havia dúvidas: vou seguir no violino. E dali por diante, iniciou a minha trajetória na música. Meu avô era músico antes de falecer, tocava em uma banda antigamente. Acredito que algum fator hereditário possa também ter contribuído. Lembro-me de ouvir elogios após os recitais da professora para meus pais dizendo que eu estava evoluindo muito bem e iria ser uma talentosa violinista. Paralelo a isso, eu freqüentava as aulas de teoria musical, canto coral e após algum tempo e estar mais apta a participar ingressei no conjunto instrumental da Fundarte com a professora Cláudia na época. Apresentações, recitais, ensaios, estudos isso tudo fazia parte da minha rotina.

A Fundarte era praticamente minha segunda casa, pois eu ficava muito mais tempo ali dentro da instituição do que na própria escola. Lembro que meu pai, antes de ir trabalhar, me deixava na frente e eu ia tomar café no bar com as "tias" Odete e Maria que até hoje me reconhecem e me chamam pelo apelido adotado na época por Babalu. Às vezes tinha aula somente no meio da manhã, ou no meio da tarde. Enquanto isso eu pegava a chave de uma sala qualquer que estivesse disponível e ia estudar. Às vezes me metia a tentar tocar algo no piano na famosa sala 05, pois também gostava do instrumento. Foram alguns anos em uma rotina de casa, Fundarte e escola. Era a Rosana sempre carregando o violino pra lá e pra cá com uma pasta na mão e muitas vezes uma estante junto.





Com a evolução no instrumento veio o convite para tocar na Camerata Montenegro, que seria coordenado pela minha mesma professora de violino e teria como colegas meus amigos e parceiros, Moisés Irajá, Lucas Caetano e Lucas Inagê. Amigos e parceiros da música que convivi por um período muito especial e por quem tenho profunda admiração até hoje. Era um grupo pequeno, mas muito focado e já alcançava um nível de músicas muito bom para nossas idades. Gravamos CDs, muitos ensaios, apresentações fora da cidade e, inclusive uma planejada fora do país. Até que o grupo acabou. Minha professora estava saindo da instituição e eu iria começar a fazer aula com o prof. Heine Wentz. Muitas mudanças aconteceram, mas o amor pela música não. O conjunto instrumental na época regido pela professora Adriana Bozzetto também fez várias apresentações aqui e fora do estado e guardo lembranças eternas daquele grupo maravilhoso.

Em 2003, surgiu um convite para participar do musical Os Saltimbancos com o grupo de Teatro do professor Carlos. Nele, tinham rostinhos que eu já conhecia e surgiram amizades significantes que perduram até hoje. Para mim, foi mais um desafio imenso participar de uma peça de teatro tão renomada, e poder contribuir fazendo a trilha sonora com músicas bem conhecidas. Não somente pela música, mas o Teatro despertou em mim uma pessoa, com mais desenvoltura e vencendo a timidez. Eu era muito reservada na época e com um nível de exigência no instrumento que depositavam muita credibilidade em mim para seguir a carreira. Acabei continuando no grupo de teatro em





2004 com a peça As Mulheres de Atenas. Eu me divertia muito e ao mesmo tempo aprendia a cada aula. Nesta mesma época me formei pelo curso básico de música e continuei nas aulas. E até que chegou o momento de decidir o caminho que iria trilhar.

Sempre tive admiração e profundo interesse em Arquitetura. Com certeza, o motivo de isso existir iniciou lá atrás durante as aulas de artes plásticas. A técnica a mão livre, o interesse pelas Artes sempre foi muito evidente em mim desde pequena. Estava já até me preparando para a prova prática de violino na UFRGS quando decidi ingressar no curso de Arquitetura. Porém, prometendo a mim mesma que um dia quando fosse possível eu iria voltar a tocar violino. E assim foi, a palavra e o pensamento se concretizaram. Após muitos convites incessantes para retornar vindos através do professor Heine, achei então que poderia fazer uma tentativa, mesmo achando que eu não lembrava e não sabia tocar mais nada.

Passaram-se 12 anos, e em 2016 retornei a instituição para voltar a frequentar aulas de música na instituição. Um frio na barriga, um pensamento do tipo será que eu sou capaz, será que vou conseguir conciliar com o meu trabalho (que sempre foi e é muito corrido). Mas confesso que tive que voltar no meu tempo, no meu ritmo encarando aquele mundo novo com um hobby. Umas das coisas que me marcou e que aconteceu logo nas primeiras chegadas a instituição foram às pessoas me reconhecendo e me incentivando a tocar sim. Funcionários daquela época que se lembram daquela loirinha baixinha com o violino



na mão, ou sempre caminhando pelos corredores pra lá e pra cá. Após algum tempo, vieram os convites para tocar na camerata e em outros grupos. Somente em 2019 é que aceitei assumir mais compromissos com a música e participar dos grupos lembrando aqueles bons tempos de ensaios e apresentações em grupos. Acredito que precisei amadurecer com mais calma esta idéia e enfrentar este período para "desenferrujar" no instrumento pois sou uma pessoa que me cobro muito, e sabia que se fosse para participar iria ser pra valer e não na brincadeira. Muita coisa mudou de lá para cá. Mas hoje, enxergo a música como parte da minha vida. Como ela me faz bem, como ela me agregou inclusive profissionalmente na minha rotina e principalmente, a valorizar e conciliar este tempo para o que eu realmente gosto de fazer fora do trabalho.

237

Serei eternamente grata ao professor e amigo Heine Wentz por quem eu tenho enorme admiração e na qual considero o meu grande mentor e maior incentivador neste retorno ao instrumento. Sua insistência deu resultado e se não fosse por ele, talvez eu nem estivesse escrevendo esta carta hoje. E por fim, serei eternamente grata a Fundarte por ter sempre me acolhido desde ontem, hoje e sempre e por me proporcionar vivenciar e crescer junto dela. Sempre terei um orgulho enorme e consideração por ter feito parte da minha vida. Que honra poder fazer parte de sua história e poder contar um pouquinho do que vivi e convivi lá dentro.





O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

SANDRA RHODEN



Eu, e o meu balanço!

Ao nascer, meu pai presenteou-me com um balanço de cor vermelha, que foi dependurado em uma enorme caneleira na casa de meus avós maternos. Passei o tempo que meus primeiros anos de vida me permitiram balançando-me, cantando canções folclóricas, recitando quadrinhas, parlendas e trava-línguas que meu avô José pacientemente me ensinara. O vô José era acordeonista e queria que eu aprendesse a tocar acordeom, no entanto, eu não tinha muito apreço pelo instrumento, achava que o som era muito intenso, então meu irmão caçula teve interesse e seguiu o legado herdando o instrumento do meu avô, tornando-se mais tarde um instrumentista.

239

Era feliz no meu balanço!

De família humilde, com poucos recursos financeiros, meus pais sempre primaram por uma educação em escolas de qualidade, todas particulares, mas sempre com auxílio de bolsas de estudos. As Instituições particulares de ensino que frequentei possibilitavam o desenvolvimento das habilidades artísticas, em paralelo com as disciplinas tradicionais do currículo escolar; nesse sentido, era na área artística que eu tinha destaque. Iniciei meus estudos aos cinco anos de idade, na pré-escola. A preferência pelas atividades musicais era notória, meus brinquedos preferidos eram os instrumentos de





percussão, tintas, pincéis e lápis de cores que faziam parte do material didático da sala de aula.

A pré-escola era o meu balanço!

Durante minha trajetória no Ensino Fundamental I e II, manifestei o desejo de cursar aulas de piano no Conservatório de Música de Montenegro, hoje FUNDARTE, mas, na época, meus pais não puderam atender ao meu pedido por questões financeiras. Em 1983, recebi o convite para fazer parte do Coro Infante-juvenil da FUNDARTE. Além de ser uma atividade gratuita, também era a oportunidade que tinha de pertencer ao mundo encantado das artes. Além de desenvolver minha voz e cantar, pude apreciar outros territórios através das apresentações do grupo. Conheci várias cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Argentina, subi nos palcos importantes como o da PUC, UFRGS, OSPA, entre outros. Ao ser conduzida pela maestrina Marli Marlene Becker aprendi a impostar minha voz corretamente e sonhar, em um dia quem sabe, lá ao longe, reger um Coro como a querida Marlí, que era um afeto só, além de ser uma brilhante profissional e de conseguir fazer com que nós adolescentes brilhássemos em muitos palcos aí a fora.

Balançava-me na FUNDARTE!

Por algum tempo, em outro território, fui trilhar outros caminhos que a vida me levou. Uma nova rotina supria a saudade que sentia da





FUNDARTE, mas dei continuidade aos meus estudos cantando e, finalmente, fazendo aulas de piano em outra Instituição de Ensino.

Em 1994, retornei a Montenegro como uma filha saudosa e, conseqüentemente, à FUNDARTE, com a intenção de retomar meus estudos de piano e canto em grupo. Vivenciava as aulas com alegria por, novamente, fazer parte daquele contexto artístico. Nesse mesmo ano, fui convidada para fazer parte do corpo docente da FUNDARTE e realizar o Curso Técnico em Educação Musical, o que me possibilitou prestar concurso para a Instituição.

Novamente balançava-me na FUNDARTE!

Desde então meu balanço não saiu mais da FUNDARTE. Hoje, Licenciada em Música e Artes Visuais, e com um Mestrado em Educação, trabalho na Instituição desde 1994, especificamente, com o público infantil, e, com a formação de professores. Meu balanço segue firme neste espaço que possibilitou-me ser aluna e hoje professora. De todas as oportunidades que surgiram neste espaço, procurei aproveitar ao máximo tudo o que me foi oferecido, e com muito orgulho afirmo que a FUNDARTE é responsável pela minha formação como um todo.

Eu, e o meu balanço na FUNDARTE.



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

SILVIA DA SILVA LOPES



Homenagem à Fundarte!

Início essa breve homenagem acionando memórias. Memórias de um sonho de menina. Sabe aqueles sonhos que tu sonhas dormindo mesmo? Que achas que nunca poderás alcançar? Memórias de encantamento a cada aula e de magia a cada Espetáculo de Dança. Tais memórias me fazem derramar lágrimas neste momento, pois, assim como a Dança é uma Arte intensa, construí aqui, amizades para a vida toda.

Homenagear uma instituição é, na verdade, homenagear pessoas especiais que a fizeram ser o que ela é. Início pela Sr^a Terezinha Petry Cardona que, ao meu ver, é a grande mentora dessa história. Deixo aqui um abraço carinhoso!

Cresci junto com a Fundarte e, depois de alguns anos tendo aula de dança em uma garagem de um prédio, atrás da Igreja Catedral de Montenegro, inaugurei, ainda como aluna, a sala 34, que na época era 31. Dançava nas pontas dos pés. Era fato, mas essa memória me remete à vontade de voar. Meu pai me buscava a noite, depois da aula de Ballet e eu sempre retornava feliz, contando a ele sobre os desafios vencidos e as habilidades desenvolvidas naquele dia.

De aluna, alcei vôo e passei a ser bailarina profissional. A Fundarte, a minha dedicação e o apoio dos meus pais fizeram com que aquele





sonho de menina se realizasse. A pequena acrobata, do Espetáculo “O Circo” que memorizava a coreografia de todas as outras colegas seguiram em frente, mesmo diante das dificuldades de uma estética tão rígida de dança, como o Ballet. O guarda de “O Parque” já ganhou seu protagonismo e foi promovido “à turma mais adiantada”. Foi no “Maracatu” a minha estreia nessa turma e, no “Tributo ao Charles Chaplin” que ganhei o meu primeiro solo. Aproveito para homenagear aqui também às minhas primeiras professoras de Dança: Mariza Yole, Sayonara Pereira e Carlota Albuquerque.

Vários anos depois Carlota me lançou ao ar convidando-me para ser bailarina intérprete-criadora e fundadora da Cia Terpsí-Teatro de Dança. Minha formação no Curso Básico de Dança da Fundarte foi sólida abrindo-me a porta para a realização do meu sonho: o de ser bailarina. Essa formação foi aprimorada na experiência com a companhia.

A Graduação, que durou quatro anos marcou a breve pausa da minha vivência na Fundarte, mas, mesmo assim, me mantive conectada. Trata de um certo magnetismo: durante esse período vim dançar como bailarina convidada em um dos Espetáculos de final de ano e vim dançar com o Terpsí, a obra “Quem é?”

Foi a Sr^a Therezinha Petry Cardona quem me convidou para dar aulas na Fundarte. Lembro-me como se fosse hoje, do primeiro dia em que voltei, naquele momento, como professora. A partir dali a





responsabilidade era toda minha, de tornar o sonho de outras crianças, realidade. O sorriso de cada uma delas, seja por superar uma dificuldade, ou seja, por vestir um figurino e entrar no palco iluminado, cheio de pessoas na plateia está marcado em mim e, me deixa muito feliz.

Nesse primeiro ano, unindo as três turmas mais adiantadas, dirigi uma coreografia de Dança Contemporânea chamada “Rhytmetron” e, assim, fundei o Grupo de Dança da Fundarte, que existe até hoje e, é dirigido atualmente pela professora Débora Brandt. Detalhe: ela foi minha aluna na Fundarte e, mais tarde, veio a ser minha colega.

E o Projeto Dançar? Possibilitou e continua possibilitando a um número muito maior de crianças a dançarem. Muito relevante o fato deste projeto oferecer também os uniformes e os figurinos. Ali todas e todos são estimulados a dar o melhor de si havendo também uma articulação com as escolas, no sentido de acompanhar o seu empenho e desenvolvimento.

Desde sempre, o simples transitar pela Fundarte nos leva a imersão na poesia das Artes... ouvimos o som dos instrumentos pelos corredores, pela porta aberta das salas 07, 34 e 52, espiamos os e as estudantes bailarinos(as) dançando, nas paredes do prédio e na galeria Loyde Shwanbach apreciamos obras de pequenos e grandes artistas visuais, assim como observamos os movimentos e sons dos estudantes de teatro que, por vezes, causam estranhamento.





E, por falar em estranhamento, a Fundarte propôs um convênio com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, nascendo assim, os Cursos de Graduação em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro: Licenciatura. Lá estava eu inaugurando mais essa fase histórica. Segui ministrando aulas no Curso Básico de Dança e iniciei como professora na Graduação em Dança.

Montenegro recebeu o título de Cidade das Artes por causa da Fundarte e da Uergs, título esse que muito me orgulha.

Muitos alunos e alunas da Fundarte fizeram a Graduação em Dança e muitos licenciandos(as) da Uergs foram fazer aula no Curso Básico. Professores e alunos transitavam e interagiam contribuindo para a efervescência da Dança na Fundarte, na cidade e em outros lugares.

246

Desta parceria não posso deixar de relatar sobre o nascimento da Troupe-Xipô. Suzana Schoelkopf e eu fomos colegas de ballet na Fundarte desde meninas, depois, dançamos juntas no Terpsí-Teatro de Dança e, em seguida passamos a ser colegas de trabalho, como professoras na Fundarte. Com a vinda do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura seguimos dançando e aprendendo juntas, uma como licencianda e a outra como professora. Por ocasião do seu TCC ela me deu um presente incrível: convidou-me para dançar na sua obra artística. Unindo o seu TCC com o TCC de Márcio Barreto, nasceu a companhia que trabalhou por vários anos com o apoio da Fundarte. Inclusive, uma de suas obras, o “Piazzolla Coreografado” foi criado em





parceria com a orquestra Sesi Fundarte, tendo a Suzana na direção coreográfica, Carlota Albuquerque na direção geral e, como produtora, a Sr^a. Therezinha Petry Cardona. Essa parte da história retoma vínculos nunca desfeitos.

Ao homenagear à Fundarte com este texto, me vem à memória muitas outras histórias lindas. Eu teria que escrever um livro e não daria conta de registrá-las como deveria.

No primeiro ano em que ministrei aulas na Fundarte, havia uma turma de garotinhas com 8 e 9 anos. Era considerada uma turma desafiadora... Entrei na sala e elas corriam de um lado para o outro e se penduravam na barra. Logo fizemos a combinação de que teríamos tempo para brincar daquele jeito, ou quem sabe, que incluiríamos aquela movimentação em nossas danças, mas que, também aprenderíamos outras e, para isso, precisaríamos de atenção.

Quase todas elas seguiram por muitos anos e passaram a integrar o Grupo de Dança da Fundarte. Nas viagens com o grupo tivemos várias experiências inusitadas. Entre elas, ensaiávamos a meia noite; dormíamos com muitos casacos e bem juntinhas em função do frio de Bento Gonçalves e brincávamos com a minha filha mais velha que era um bebê, como se fosse uma pequena bailarina...

Lembro-me de uma família grande que morava longe da Fundarte. As duas meninas mais velhas faziam Ballet e, fizesse sol, ou fizesse chuva,



lá estavam elas na aula de Dança, concentradas e esforçadas. Não se tornaram bailarinas, mas, pessoas maravilhosas e bem sucedidas.

E, haviam dois irmãos gêmeos, considerados meninos travessos. Vi o despertar deles na dança, que contribuiu para um desenvolvimento social e íntegro. Temos uma amizade que nos pára na rua sempre que nos encontramos. Vivemos juntos, muitos momentos especiais de descoberta e superação.

No final de uma aula aberta ministrada por mim com o Grupo de Dança da Fundarte, para escolas, no Teatro Roberto Atayde Cardona, uma menina veio até o palco e disse “logo, logo eu vou dançar aqui”!!! Ela entrou pelo Projeto Dançar e, não somente veio dançar nesse Teatro, mas, ao longo dos anos, entrou no Grupo de Dança da Fundarte, mais tarde, dançou na Troupe Xipô e foi para o Japão, viver e Dançar a vida.

É com orgulho que revelo aqui que o e as professores(as) atuais de Dança da Fundarte foram meus alunos e continuam essa história linda. A ele(as) meu abraço carinhoso: Suzana Shoellkopf, Débora Brandt, Augusta Nabinger e Patrick Moraes.

Embora haja tantas outras pessoas que eu gostaria de homenagear e que fizeram parte dessa história encerro citando a Julia Hummes e a Márcia Dal Bello que estiveram, durante todos esses anos ao meu lado.

Até hoje, quando chego no hall de entrada da Fundarte, tomo um tempo... não somente por causa do ventinho agradável que sempre





tem lá, mas pelo prazer que é adentrar nesse espaço cheio de histórias... histórias que ajudei a escrever... histórias que me constituem.

Vejo na Fundarte, uma fábrica de sonhos!!! A Fundarte impulsiona, estimula e proporciona a realização de sonhos diversos. Ali, o vôo pode ser mais baixo ou mais alto, mas com certeza será significativo!

Feliz 50 anos, Fundarte!!!!!!

Quero continuar fazendo parte dessa história.



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

SIMONE VARGAS



Fundarte

Se eu fechar meus olhos por um instante, posso reviver o momento exato em que soube que faria parte do time da Fundarte. Estava sendo entrevistada por uma jornalista, que ao anotar meu nome completo, parabenizou-me pela minha convocação no concurso da qual eu havia participado. Lembro do sentimento que se instalou em mim, e também da vontade de encerrar a entrevista rapidamente para poder checar a informação por mim mesma.

Ingressei na Fundarte no departamento de Comunicação e ali tive espaço para desenvolver minhas habilidades em design gráfico, que tanto me auxiliam até hoje, e tomar gosto pelo gerenciamento de projetos. Ali aprendi mais do que poderia imaginar. Aprendi sobre comunicação, sobre planejamento, sobre eventos, publicações, arte, doação, amizade...

Trabalhei com as pessoas mais incríveis, transparentes, comprometidas e parceiras. Tive a oportunidade de assistir a tantos espetáculos maravilhosos, conhecer artistas talentosos, e sentir-me realmente parte daquele mundo espetacular.





Mais tarde, mesmo não fazendo mais parte do quadro de funcionários, encontrei na Fundarte o apoio que precisava para apresentações e eventos enquanto detentora do título de Prenda do Rio Grande do Sul. O apoio à cultura e à arte não se limitava aos contornos da instituição. Ultrapassa, ainda hoje, seus domínios em muito.

A Fundarte é uma mãe que abraça carinhosamente seus filhos, os faz crescer como profissionais e como pessoas. Comigo não foi diferente. Guardo na memória, com carinho, tantos momentos maravilhosos e cuja lembrança é um presente no agora.

Ao fazer essa breve retrospectiva, o sentimento que invade minha alma é a gratidão. Gratidão pelos inúmeros momentos incríveis que ali vivi, por todos os amigos queridos que conheci, por todo o aprendizado, por essa fase tão marcante, tão importante em minha vida.

Impossível traduzir em palavras o quanto me sinto privilegiada por ter tido a oportunidade de vivenciar essa experiência ímpar.

É uma honra e um orgulho fazer parte da história da Fundarte.

Parabéns, Fundação Municipal de Artes de Montenegro! 50 anos de transformação na vida das pessoas. 50 anos de dedicação, amor, competência e respeito ao povo montenegrino. Que venham mais e mais!





Com amor,
Simone Vargas.



O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

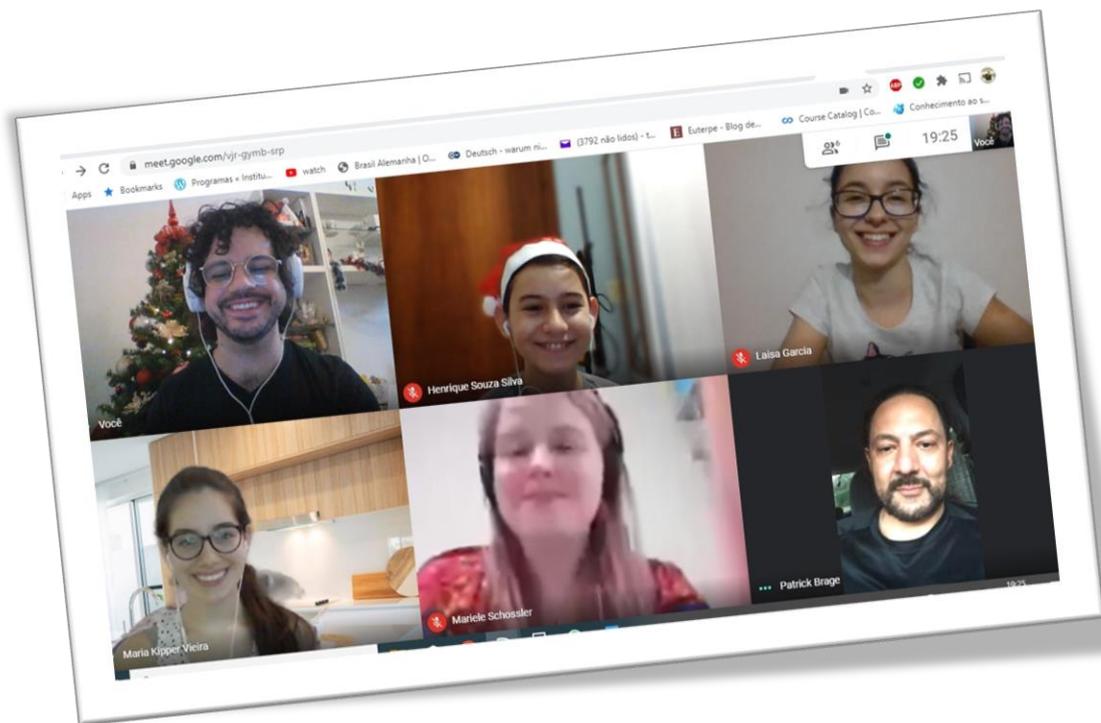
THIAGO KREUTZ















O que eu (Com)Vivi na Fundarte

por

VERA HORN



O que eu convivi na FUNDARTE

Iniciei na Fundarte em 1993 como Continuo, tive um câncer, fiquei fora durante 6 meses e retornei para Recepção e Setor Administrativo. Mais tarde, como Auxiliar de Comunicação, trabalhando em todos eventos, viagens de Grupos na cidade, no Estado e fora do Estado. No Teatro do Sesi levando alunos e pessoas da Comunidade para grandes Eventos e Teatro São Pedro para Aula Inaugural da UERGS, a qual participei de todo processo da vinda da Universidade para nossa cidade. Conheci pessoas incríveis como Dona Therezinha Petry Cardona e Gilberto Icle, meus diretores e colegas maravilhosos, onde recebi muito carinho, incentivo e aprendizado. Levo no meu coração para sempre. Sai em 2004 da Fundarte, mas retornei por mais 4 anos como Secretária na Associação Amigos da Fundarte. Me sinto honrada em ter colaborado um pouquinho, no caso, 15 anos, dentro dos 50 anos, desta Instituição maravilhosa, que leva o nome de nossa cidade Nacional e também Internacionalmente.

